UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Corpo e tradição: diálogos entre os jogos e a cultura dos povos do litoral

Daniel Cobra Silva

São Paulo

2020

DANIEL COBRA SILVA

Corpo e tradição: diálogos entre os jogos e a cultura dos povos do litoral

VERSÃO CORRIGIDA

(versão original disponível no Serviço de Biblioteca)

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e do Esporte.

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Chung Saura.

São Paulo

2020

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Silva, Daniel Cobra

Corpo e tradição: diálogos entre os jogos e a cultura dos povos do litoral / Daniel Cobra Silva. – São Paulo : [s.n.], 2020.
141p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Chung Saura

1. Corpo 2. Jogos 3. Cultura 4. Identidade I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: SILVA, Daniel Cobra.

Título: Corpo e tradição: diálogos entre os jogos e a cultura dos povos do litoral.

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao povo caiçara, pela história inspiradora e cultura apaixonante. Em especial ao Juarez Pimenta, pela acolhida, amizade e sabedoria que muito me marcaram; ao Mario Gato, por compartilhar seu conhecimento e suas canções; à Carol Barbosa, pelo apoio e pela inspiração como remadora; ao Seu Mandico, por me receber tão bem em sua praia e compartilhar sua vida; ao Seu Odair, por me mostrar que a tradição ainda está muito próxima da cidade; ao Zé Paulo, por me receber em sua escola e mostrar que a tradição da canoa segue forte em Santos; ao Irapajy, por me apresentar a escola de surfe e compartilhar sua história junto ao mar; ao Joa Nilson, pela alegria e pelos dias que passamos conversando na Justa, que me ajudaram a compreender melhor o universo caiçara; e ao Zico pelo suporte quando me aventurei a remar; pessoas que participaram desta pesquisa e tão bem representaram esse povo.

À Universidade de São Paulo, à Escola de Educação Física e Esporte e à CAPES por viabilizarem e apoiarem essa pesquisa.

À Professora Doutora Soraia Chung Saura, por me orientar, acompanhar e desvelar a jornada de autoconhecimento ao longo dos últimos anos, que culmina nesta dissertação.

À Professora Doutora Ana Cristina Zimmermann, ao Professor Doutor Marcos Ferreira Santos e ao Professor Doutor William Moreno Gómez, pelas contribuições construtivas que tanto acrescentaram à pesquisa.

À Victoria pela parceria, apoio, companhia e pelas belas imagens que compõem essa dissertação.

Ao Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano e colegas do grupo de estudos PULA, por compartilharem comigo os dias, os cafés, as dúvidas e lamentações.

À minha família, ancorada nesse litoral, pelo suporte de sempre.

COBRA SILVA, D. Corpo e tradição: diálogos entre os jogos e a cultura dos povos do litoral. 2020. 141 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Por meio de seus jogos, cada povo consegue expressar sua cultura e manter vivas suas tradições, crenças e imaginário. Com o intuito de aprimorar o diálogo necessário entre os jogos tradicionais, as comunidades tradicionais – seus modos de vida, lazer, atividades físicas e esportivas – e a cultura de outros habitantes do litoral, esta pesquisa fala de um lugar onde o tradicional está localizado na gestualidade atual, com elementos que atravessam tempos e espaços diferenciados, perdurando desde épocas remotas até os dias atuais. Na análise de materiais de pesquisa é possível perceber que estes jogos preservam elementos estruturantes da humanidade, dialogam livremente com as realidades locais e ainda, se reinventam a partir de sua estrutura profunda. São referências importantes não só para os envolvidos diretamente em suas práticas, mas para toda a humanidade, por fazerem parte de um sistema de imagens e repertórios comuns do homem. Os caiçaras são uma comunidade tradicional que vive no litoral das regiões Sul e Sudeste do Brasil, e mantém seu cotidiano e repertório imagético estritamente conectado com o mar. É dali que retiram seu sustento, sua força, energia, fonte de alimento e renda, e também elementos fundamentais de sua cultura. É no mar que o homem se faz caiçara, e é também na água em que os principais jogos acontecem. Estabelecendo diálogos entre diferentes grupos caiçaras, a pesquisa relaciona elementos da cultura de cidades do litoral paulista, em especial a Baixada Santista, com elementos da cultura caiçara tradicional. A ideia é refletir acerca da influência das práticas corporais na identidade dessas comunidades. Este enquadramento é selecionado pela proximidade entre as culturas desses agrupamentos, que dividem práticas, costumes e atividades similares. A pesquisa tem caráter qualitativo, valendo-se da fenomenologia para coleta de dados, observação e descrição do fenômeno, além de elencar e descrever categorias de análise. A metodologia procura compreender a importância e o significado dos jogos caiçaras na identidade das comunidades. Tem por objetivo investigar a relação dos jogos com a criação, o resgate, a ressignificação e a manutenção da identidade caiçara; bem como investigar como as relações entre os jogos, o corpo, o ambiente, os indivíduos, o espaço e a identidade dos povos caiçaras se relacionam.

Palavras-chave: jogos tradicionais; caiçara; identidade.

COBRA SILVA, D. Body and tradition: dialogues between the games and the culture of coastal peoples. 2020. 141 p. Thesis (Master in Sciences) – School of Physical Education and Sport, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

Through their games, each group can express their culture and keep alive their traditions, beliefs and imaginary. In order to improve the necessary dialogue between traditional games, traditional communities - their lifestyles, leisure, physical and sports activities - and the culture of other inhabitants of the coast, this research locates the traditional in the current gesture, with elements that penetrate different times and spaces, from remote times to the present day. In the analysis of research materials it is possible to perceive that these games preserve the structuring elements of humanity, dialogue with the local realities and reinvent themselves from their deep structure. They are important references not only for those directly involved in their practices, but for all of humanity, because they are part of a system of images and common repertoires of humankind. The Caiçaras are a traditional community that lives on the coast of the South and Southeast of Brazil, and keeps their daily life and imaginary repertoire strictly connected with the sea. It is from the sea that they withdraw their sustenance, their strength, energy, source of food and income, and also fundamental elements of their culture. It is in the sea that man becomes Caiçara, and it is also in the water where the main games happen. Establishing dialogues between different Caiçara groups, the research compound cultural elements of cities on the coast of São Paulo, with elements of the traditional Caiçara culture. The idea is to think about the influence of bodily practices on the identity of these communities. This framework is selected by the proximity between the cultures of these groupings, which share practices, habits and similar activities. The research has a qualitative character, using phenomenology for data collection, observation and description of the phenomenon, besides listing and describing categories of analysis. The methodology seeks to understand the importance and significance of Caiçaras games in the identity of communities. It aims to investigate the relation of the games with the creation, the rescue, the resignification and the maintenance of the Caiçara identity; as well as to investigate how the relationships between games, body, environment, individuals, space and identity of Caiçaras peoples are related.

Key-words: traditional games; caiçara; identity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa do litoral Paulista.....	32
Imagem 2 – Ilha de São Vicente.....	33
Imagem 3 – A mureta emoldura o mar do pequeno caiçara; protege e aguça a curiosidade na criança que vai aos poucos descobrindo o maritório.....	35
Imagem 4 – Nos dias de ressaca, a mureta defende a cidade dos ataques de um mar revoltado.....	36
Imagem 5 – Recorrentemente, a mureta não resiste à força do mar e se despedaça pela avenida.....	37
Imagem 6 – Passadas as ressacas, a mureta despedaçada resiste e logo é reconstruída.....	37
Imagem 7 – Prédios tortos que se acomodam para ver o balanço do mar na orla de Santos.....	38
Imagem 8 – Mapa de Ubatuba designando algumas de suas praias.....	39
Imagem 9 – Um caiçara trabalha em seu material de pesca em seu sítio à beira-mar em Ubatuba.....	44
Imagem 10 – O caiçara rema sua canoa do mar para o rio e assim adentra o sertão do Ubatumirim, Ubatuba.....	46
Imagem 11 – Próximo às cidades ainda é possível encontrar cenários tradicionais, como na praia do Góes.....	47
Imagem 12 – O caiçara dos centros urbanos está na ponte, combinando influências da tradição com a atualidade.....	49
Imagem 13 – Cidade e sítio, motores e remos, madeira e fibra, tradição e modernidade compõem o cenário caiçara.....	54
Imagem 14 – Canoas de voga com velas. Antiga tradição que foi desaparecendo.....	58
Imagem 15 – No início da corrida, caiçaras empurram suas canoas para a água.....	70

Imagem 16 – As primeiras remadas da corrida parecem pesadas, não é fácil vencer as ondas.....	71
Imagem 17 – Um emaranhado de canoas se forma na primeira curva do percurso.....	72
Imagem 18 – O “garramar” na chegada é o ponto alto das corridas.....	73
Imagem 19 – O retorno à praia é o momento de se desconectar da canoa.....	74
Imagem 20 – Ferramentas manuais usadas para a fabricação de canoas, móveis e instrumentos caiçaras.....	78
Imagem 21 – Mário Gato esculpindo uma pequena canoa para seu filho Joaquim, que observa e participa da tradição.....	80
Imagem 22 – Homenagem ao pioneiro do surf brasileiro Osmar Gonçalves, Santos ...	82
Imagem 23 – Mário Gato afina seu machete para tocar uma moda de canoa. Artesão, esculpe seus instrumentos e canoas, como a que enfeita o parapeito da janela.....	87
Imagem 24 – Durante a corrida de canoas, o fandango acontece entre sorrisos e acordes, com os pés na areia e os olhos no mar.....	89
Imagem 25 – Carolina Barbosa, remadora de canoa caiçara, mostrando a rabeca ao seu filho Joaquim.....	91
Imagem 26 – Criança enraizada no mar, transcendendo-se durante a corrida de canoas em Ubatuba.....	102
Imagem 27, 28 e 29 – A fusão entre caiçara e maritório se dá por meio das práticas corporais.....	120-121
Imagem 30 – As texturas das canoas caiçaras compõem um mar de madeiras perfiladas à espera da corrida; Ubatuba.....	123
Imagem 31 – Canoas havaianas também são perfiladas na areia e observam o mar que em breve cruzarão; Santos.....	123
Imagem 32 – Caiçara caminha sobre as águas de Santos, trazendo na prancha uma tartaruga doente para ser tratada.....	131

SUMÁRIO

1. Introdução	12
1.1. Apresentação do trabalho	12
1.2. Objetivos	13
2. Rotas anteriores – Memorial descritivo	15
2.1. Desembarque	15
2.2. Santos	17
2.3. São Paulo	19
2.3.1. À deriva	19
2.3.2. Farol	20
2.3.3. Remos e bússola	21
2.3.4. Começando a navegar	23
2.3.5. Luneta	27
3. Metodologia	29
4. As populações que se debruçam ao mar	32
4.1. Santos	33
4.2. Ubatuba	39
5. Ressaca: a tradição e os centros urbanos	42
5.1. Tradição	44
5.2. Urbanidade	50
5.3. Navegando identidades	54
6. Praia: onde a vida acontece	60
6.1. Cultura caiçara	60

6.1.1. A corrida de canoa caiçara	70
6.1.2. Carpintaria e marcenaria caiçara: da canoa à rabeca	77
6.2. Entre jogos e festas: o fandango caiçara	84
7. Maritório	96
8. Canoas e canoas	123
9. Referências	137

1. Introdução

1.1. Apresentação do trabalho

Qual a influência dos jogos dos povos caiçaras do litoral paulista no seu contínuo processo de construção identitária? O que esses jogos revelam sobre os diferentes grupos de caiçaras? Existe um imaginário simbólico compartilhado por caiçaras? Quais as relações históricas, culturais, identitárias e simbólicas estabelecidas entre os caiçaras? De que forma esse imaginário surge em suas manifestações corporais?

Este trabalho, formalmente, teve início em 2018 e busca investigar algumas das perguntas levantadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com bases filosóficas, e para abordar as questões utiliza-se de uma metodologia que se apoia na fenomenologia. Foi desenvolvido no grupo de estudos PULA do Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano, da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Soraia Chung Saura.¹

Nesta pesquisa foram realizados estudos acerca do referencial teórico e também entrevistas e observações de campo, com diferentes grupos caiçaras, principalmente nas cidades de Ubatuba e de Santos, sem excluir as influências de conversas, observações, e vivências em outras cidades como Guarujá, Paraty, Cananéia, Bertioga, São Vicente, Praia Grande, Ilhabela dentre outros lugares que revelam nuances do caiçara por todo o litoral. Anteriormente, foram realizados levantamentos bibliográficos que auxiliaram a nortear o olhar do pesquisador, bem como a formular as perguntas realizadas durante as entrevistas iniciais. Os principais autores que serviram de bússola na investigação foram Gaston Bachelard e Gilbert Durand, que trazem em suas obras imagens preciosas e profundas reflexões acerca do imaginário, muitas vezes, dialogando de alguma forma com o ambiente no qual se localiza a pesquisa. Além destes, o trabalho também conta com o auxílio de outros autores da filosofia e da antropologia, como Pierre Bourdieu, Clifford Geertz, Martin Heidegger, Claude Lévi-Strauss, Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur e Jean-Paul Sartre, que contribuem com pinceladas no desenho da carta náutica que orienta e estrutura a dissertação.

¹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em 22 de fevereiro de 2019. CAAE 03497618.0.0000.5391. Número do Parecer: 3.163.823. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Deste modo, a dissertação estabelece diálogos entre o referencial teórico e as informações coletadas durante os campos e nas entrevistas. Com isso, foi possível desenvolver relações, pensar na associação e cruzar olhares entre os jogos e a cultura caiçara.

A análise dos materiais coletados se vale da atitude fenomenológica para encontrar as recorrências que norteiam as discussões finais da presente dissertação. Estas recorrências foram observadas durante as pesquisas de campo em Ubatuba e em Santos além de, inevitavelmente, ao longo de toda a vida do pesquisador entre praias e caíçaras.

As populações do litoral viram seu território se modificar ao longo dos séculos, e foram se transformando junto com ele. Essas mudanças trouxeram novas formas de se relacionar com tudo o que cerca a cultura caiçara, que foi, pouco a pouco, se formando ao longo desse processo, definindo-se e descobrindo-se enquanto grupo cultural. Neste espectro, práticas corporais estiveram sempre presentes, orientando os caiçaras a descortinar provocações da vida próxima ao mar.

Ao longo desta dissertação, abordo manifestações que trazem como elemento central o corpo caiçara, como jogos, músicas, danças, festas, competições, trabalho e lazer. Todas revelam essa forte tradição corporal que possuem estas populações.

1.2.Objetivos

Uma vez que se trata de uma pesquisa que leva em conta aspectos das ciências sociais, e sendo que “o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo” (MINAYO, 2011, p. 14), intenta-se encontrar e compreender na cultura caiçara, a significância dos jogos para este grupo, que atribui às tradições e aos jogos, seus elementos constituintes, suas aspirações, seus valores, e por meio da prática do jogar, se descobrem como comunidade. Por isso, “a busca do significado da experiência será sempre o fim último da pesquisa fenomenológica” (MOREIRA, 2004, p. 450). Portanto, esta dissertação busca compreender o significado dos jogos caiçaras e suas implicações dentro desta cultura.

A questão da significância é considerada uma categoria de pesquisa de imensa importância para as ciências sociais, uma vez que se investiga a compreensão e o significado dado por indivíduos a diferentes questões. (...) Neste sentido, é muito importante a compreensão da

subjetividade e o reconhecimento de sua pertinência na produção de conhecimento. (SAURA; MEIRELLES, 2015, p. 41).

Este trabalho tem por finalidade contribuir e enriquecer as descobertas teóricas levantadas por estudos de teor mais objetivo. A presente dissertação visa abranger o entendimento do ser humano que se movimenta como criador de movimentos e significados para além da fragmentação e objetificação que pode ocorrer na caracterização do corpo humano. A pesquisa se faz, então, oportuna já que:

os temas que tratam dos seres humanos – e de sua saúde – atravessam vários campos, cada vez mais especializados e cientes de suas descobertas, teorias, técnicas e propósitos específicos. Trabalhar com fragmentos desse conjunto de conhecimentos teóricos e metodológicos não é fácil. (MINAYO, 2013, p. 2807).

É, portanto, premente o aprofundamento da aproximação do corpo e do ser humano por um viés mais abrangente e universal.

Além disso, também é essencial que se compreenda a subjetividade como elemento primordial na significação da sociedade em relação aos seus produtos humanos, como por exemplo, os mitos, crenças, práticas, representações e jogos tradicionais, todos gerados socialmente, que nos dão a possibilidade de interpretar e compreender a realidade (MINAYO, 2011). Sendo assim, a presença dos caiçaras é um ponto central desta dissertação, que visa dar voz e espaço para esta comunidade expor sua forma de se relacionar com o mundo.

Como objetivo principal, a pesquisa pretende investigar a relação dos jogos com a criação, o resgate, a ressignificação e a manutenção da identidade das comunidades caiçaras, ou seja, com o processo identitário caiçara; como isso pode ser revelado pelas inter-relações entre os caiçaras, e como essas relações se apresentam em suas práticas corporais. Além disso, a dissertação busca também investigar como as relações entre os jogos, o corpo, o ambiente, os indivíduos e o espaço dos povos caiçaras influenciam em sua cultura e nesse processo identitário. Por último, pretende pontuar relações dos jogos e manifestações corporais com a atividade física e lazer.

2. Rotas anteriores – Memorial descritivo

2.1. Desembarque

Santos, 11 de junho de 1993, 13h30 no Hospital Ana Costa. Ali descubro que existe mais do que o conforto submerso dos últimos nove meses. Mas será que foi aí que começou minha relação com meu tema de pesquisa? Ouso dar mais alguns passos para trás na história, para entender a profundidade das escolhas que me trouxeram até aqui.

Meu avô paterno, seu João Gomes da Silva, é um português de nascença que, aos 18 anos sai da Ilha da Madeira, sua terra natal, e vem ao Brasil começar uma vida nova. Curioso pensar que, apesar da mudança de país em 1947, desde as raízes portuguesas, a família já vivia em ilhas, e assim permanece até hoje. De Portugal ao Brasil, da Ilha da Madeira à Ilha de São Vicente, o que mudou?

Recentemente descobri que a família materna, há mais gerações presente no Brasil, também é originária de Portugal. O responsável por trazer o sobrenome ao Brasil é um português de Almada, cidade próxima à Lisboa, que vem ao nosso país nas primeiras décadas do século XVIII. O curioso, neste caso, é que Almada também é uma cidade litorânea, na foz do Tejo, onde este rio se encontra com o oceano Atlântico e, portanto, este tronco familiar também guarda uma forte ligação com o mar. Afinal, tanto Portugal quanto o Brasil são países que se debruçam nessa água salgada.

Os imigrantes que carregaram meus sobrenomes para o Brasil e que aqui estabeleceram uma nova casa, apesar de possuírem contextos absolutamente distintos, guardam a peculiaridade de terem enfrentado a aventura marítima de atravessar o oceano Atlântico para aportar no Brasil e chamar esta terra de lar. Mais de dois séculos separam essas duas viagens, mas a conexão com o mar, a conexão com a aventura ao desconhecido permanece. Enquanto os Cobra percorreram toda a capitania de São Paulo e Minas do Ouro até chegar à cidade de Santos, já no Estado de São Paulo; os Silva neste porto chegaram e por ali ficaram.

Até onde se estendem as influências dos meus antecessores? Talvez não se possa saber, mas a verdade é que as histórias destes dois portugueses em muito se relacionam com o caminho para o qual se direcionou minha pesquisa. Um fez parte da formação da miscigenação do povo brasileiro, teve relação ativa com populações indígenas do

sudeste, bem como com os povos africanos trazidos escravizados ao Brasil. Pôde ver e provavelmente até contribuir com a relação problemática que se estabeleceu entre indígenas, africanos e portugueses, relação essa que viria a ser a base da formação de comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e caiçaras que fazem parte do sudeste do país. O outro chega à ilha de São Vicente já no século XX, mas antes disso vivia do roçado na acidentada Ilha da Madeira, em casas de pedras com telhados de palha, em uma vida bastante rústica e muito mais próxima de uma comunidade do que da sociedade que aqui encontrou.

Conhecer a história e as raízes da família pode desvelar fatos que revelam que o passado guardou para questões que fundamentam o presente. Minha forte ligação com o mar é uma associação fácil, porém se começarmos a cavar mais fundo nos quintais da genealogia, algumas surpresas podem aparecer. Sempre tive um grande encantamento por instrumentos, principalmente aqueles típicos de determinadas regiões, aqueles que só aparecem em determinados estilos musicais. Mais tarde fui entender que são esses instrumentos tradicionais justamente, os símbolos principais de uma cultura. As músicas, danças e festas tradicionais sempre me fascinaram, muito embora não tivesse conhecimento de nenhum membro familiar que apresentasse inserções no universo musical. Também recentemente, descobri que meu bisavô paterno, daquele lado da família da Ilha da Madeira - e que após a vinda de seu filho, também viria ao Brasil - era conhecido na Madeira como “Rabeca”. Isso se dava pelo fato de que era ele que em todas as festas tradicionais estava com a rabeca, o instrumento, tocando seus ranchos folclóricos e músicas tradicionais. Curioso também pensar que a rabeca também é um instrumento tradicional característico do fandango caiçara, encontrado aqui no mesmo litoral que nasci.

Aproximando gerações, também encontro relações que direcionaram caminhos à minha pesquisa quando penso sobre meu pai e minha mãe. Biólogos de formação, meus pais também guardaram relação íntima com o ambiente que os circunda. Quando criança, o gosto deles pela natureza também me fez adorar estar sempre no meio dela, fazendo trilhas, viajando para lugares repletos de grandes aventuras a serem feitas. As trilhas são um ponto importante na convergência de minha pesquisa, pois é a partir dessa prática, que carrego desde muito novo, que acabo me encaminhando ao laboratório do qual hoje faço parte.

Meu pai, durante muito tempo manteve firme a relação com o mar também no trabalho. Como biólogo, colhia amostras de água de navios que esperavam para atracar no porto de Santos, conservando a relação não apenas com o mar, mas também com a navegação.

2.2. Santos

Nascido e criado em Santos e, portanto, desde sempre vivendo em uma ilha, rodeado pelo mar, tive por natureza uma ligação muito forte com esse ambiente que me circundou.

Crescer em Santos é uma coisa que, após viver em São Paulo, se escancarou aos meus olhos como fundamental para minha formação pessoal. A praia, o mar, o relevo plano que favorece o ciclismo e o contato próximo com populações tradicionais também me fizeram entusiasmado a compreender essas relações entre diferentes culturas, bem como as relações entre o corpo, o ambiente, a cidade; coisas que viriam, mais tarde, aparecer nos meus caminhos, direcionando leituras e moldando uma maneira de pensar que acaba inquietando-se a ponto de seguir a investigação em ambiente acadêmico.

Todo ano, algumas tradições locais que ainda permeiam a cultura santista me saltavam muito aos olhos, e me fizeram crescer entendendo o espaço da cidade como um lugar que ainda guarda diversas relações com tudo o que representou aquela ilha no processo de colonização do Brasil. Tradições anuais sempre fizeram parte de meu cotidiano. Como exemplo, a Festa da Tainha (peixe que compõe a alimentação caçara e anuncia a chegada do inverno), ou o Festival de Cultura Indígena (também conhecido como Festa do Índio de Bertioga), no qual todo ano eu tinha a oportunidade de observar e interagir com diferentes etnias indígenas, conhecer um pouquinho da cada cultura e, principalmente, suas práticas corporais². Talvez venha daí meu primeiro contato com jogos autóctones³ e tradicionais, quando pude pela primeira vez entender o esporte como representação identitária de uma cultura. Outro evento importante é a Encenação

² Utilizo os termos “práticas corporais” e “manifestações corporais” por entender que sua abrangência vai além do enclausuramento que outras nomenclaturas podem gerar. Desta forma, consigo abrigar sob as mesmas expressões, diversas práticas que compõem o repertório tradicional, sendo elas lúdicas, esportivas, religiosas, etc., e isso possibilita englobar toda a complexidade das manifestações, abordadas de um ponto de vista mais próximo às ciências humanas e sociais (FILHO et al., 2010).

³ Jogos autóctones são aqueles criados por populações específicas e praticados onde vivem estes grupos. Dialogam com o espaço, materiais, imagens e, principalmente, com a cultura local. Cf. (COBRA SILVA, 2016).

de São Vicente, um grande evento anual da Baixada Santista, na qual é encenada a fundação de Vila de São Vicente, sendo o maior espetáculo em areia de praia do mundo. Nessa encenação, dramatizam-se a chegada dos portugueses em solo brasileiro e seu contato com os povos originários, os índios nativos. Em um livro que trata da história de Santos (ARAÚJO; PEREIRA, 2007) atesta-se que durante um tempo houve uma convivência entre índios e portugueses no local, cada um assimilando alguns elementos da cultura do outro. Começa, desde então, a formação do povo brasileiro e, mais especificamente, do povo caíçara.

Santos, apesar da proximidade com a capital do estado, guarda muitas particularidades de uma cidade litorânea e até hoje o local faz parte da formação da população e da cultura caíçara. Sempre muito presente na praia, ali também pude desenvolver meu apreço pelas manifestações corporais tradicionais que a cidade guarda e que revelam uma forte relação entre espaço, cultura e corpo. Exemplos de modalidades esportivas que são quase que um patrimônio nacional, como frescobol e futevôlei, sempre estiveram na minha rotina. Outras, ainda mais particulares de Santos, como o tamboréu (semelhante ao tênis e praticado com um tambor de madeira em formato de pandeiro como raquete) e o tablado (mistura de futevôlei e tênis em duplas), também me fascinavam e me faziam conectar corpo, esporte e culturas desde então.

Como a grande maioria dos meninos santistas, me vi envolvido com o futebol desde muito pequeno, fazendo crescer dentro de mim o imaginário brasileiro de me tornar um jogador habilidoso e consagrado. E até quase meus 16 anos esse era meu objetivo inquestionável. O maior “problema” foi que sempre tive a oportunidade de ter uma formação escolar de excelência e o incentivo familiar (ou quase obrigação) de seguir estudando e obter uma graduação de nível superior. Esse conflito interno entre fazer faculdade e seguir com a ideia de me tornar jogador teve seu ponto de maior tensão no momento em que, aos 15 anos, precisei decidir entre treinar em período integral e, portanto, abandonar a escola, ou seguir estudando para me preparar para o vestibular. É nesse cenário que decido “pendurar as chuteiras” precocemente e passo a encarar a ideia do ensino superior mais seriamente.

Naturalmente, depois de uma separação um tanto traumática, senti um vazio daquela rotina de treinos que compôs meu cotidiano durante muitos anos. Depois de uma luta interna para superar estereótipos criados sobre a profissão, decido que quero

me tornar preparador físico de atletas de futebol. Para tanto, decido prestar vestibular para o curso de bacharelado em esporte. É por este caminho que, aos 18 anos, sou levado pela primeira vez à Universidade de São Paulo na condição de estudante de graduação, condição essa que também me fez sair da casa dos meus pais e me mudar para São Paulo.

2.3. São Paulo

2.3.1. À deriva

Começa uma nova fase na minha vida, nova cidade, novos amigos, novas coisas a se aprender, novas experiências, tudo novo. Para mim, que sempre morei em Santos e que me formei na mesma escola que entrei com 8 meses de vida, na qual minha mãe é professora, era uma novidade e tanto. Ainda interessado na preparação física de atletas, cursei os primeiros semestres do núcleo básico dos cursos de educação física e esporte, que são demasiadamente densos e, arrisco dizer, um tanto maçantes aos recém-chegados. Como forma de me sentir mais próximo da aplicação prática e do campo de atuação, já no primeiro ano participo do programa de estágio (à época, chamado de monitoria) dos cursos de extensão da Escola de Educação Física e Esporte da USP, fazendo parte de dois deles como estagiário bolsista: o de condicionamento físico para adultos (que em muito condizia com meus ideais profissionais) e o de hidroginástica (que talvez pela minha forte relação com a água, que já me fazia falta, pareceu divertido). Aí surgiu o primeiro desencantamento com a questão da preparação física, pois não me sentia tão contente em participar do curso de condicionamento físico para adultos como eu me sentia no de hidroginástica, muito embora a remuneração do primeiro curso fosse mais que o dobro da do segundo, que ainda tinha o agravante de começar às 6h10 da manhã. Mesmo assim, minha decisão foi deixar o curso de preparação física e seguir como estagiário apenas no de hidroginástica. Desde então, já se anunciava um distanciamento daquela ideia inicial que havia me levado à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo em primeira instância.

Procuo então entender mais profundamente a questão do treinamento físico, mas agora atravessando por outro caminho, e acabo por me envolver em uma iniciação científica no Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular do Exercício. Com o título “Efeito da Inibição do complexo enzimático NADPH oxidase nas mudanças estruturais do músculo esquelético em decorrência do treinamento físico” e com a

orientação do Prof. Dr. Paulo Rizzo Ramires, embarco pela primeira vez nesse bastante conturbado mundo da produção científica como bolsista PIBIC - CNPQ. Minha iniciação científica compunha parte de uma pesquisa de mestrado de uma aluna orientada pelo mesmo professor, e com ela aprendi diversas técnicas laboratoriais, manuseio de equipamentos, tratamento, treinamento e suplementação de ratos, bem como seu respectivo sacrifício e análise muscular.

Apesar de todo o aprendizado que pude adquirir, no decorrer do processo da minha iniciação científica, que tinha duração de um ano, fui descobrindo, mais uma vez, que aquele não era o caminho que gostaria de seguir. Cumpri com o compromisso assumido em meados de 2013 e finalizei a pesquisa com duração de um ano. Em 2014, após a apresentação da pesquisa no 22º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo, mais uma vez me encontrei desacertado e cada vez mais distante daquela ideia inicial, que a princípio parecia bastante segura, sobre o treinamento e a preparação física.

Para entender este processo de afastamento do tópico inicial e construção de uma nova relação com o esporte, é preciso voltar um pouco e expor o contexto no qual eu estava implicado. Desde o início da graduação, apesar do bom desempenho nas disciplinas, nenhuma delas me despertava muito interesse, e então passei a questionar minha escolha de curso. Por isso, passei a procurar outras abordagens à atividade física, e também me desaponto com a atuação profissional no estágio com condicionamento físico. Mudo o foco novamente e vou para o interior de um laboratório, entender a produção de pesquisas, mergulhar no mundo científico, e também acabo por não me encontrar lá dentro. Paralelamente a isso, dentro da universidade, passo a me envolver cada vez mais com o movimento estudantil e com a luta por direitos dos estudantes, que recorrentemente precisam se mobilizar para fazer frente aos desmandos de reitores e diretores. Soma-se a isso, a tão esperada chegada de um semestre no qual dentro do período ideal estão previstas algumas disciplinas com abordagens da área de humanidades para a educação física e o esporte, que até então havia revelado apenas sua face biológica.

2.3.2. Farol

É nesse contexto que também, agora “emancipado”, começo a planejar e realizar viagens por conta própria. Percorro alguns países da América Latina, entrando em

contato com realidades comuns entre si, e que guardam muitas relações com as que encontramos no Brasil, mas que até então não haviam se destacado para mim. Nessa caminhada, me deparei com diversas populações tradicionais, ameríndias, povos originários, e fica escancarado o processo de colonização exploratória pelo qual nosso continente passou e ainda passa, no qual essas populações foram as principais afetadas, tendo seus povos massacrados, suas culturas reprimidas e até hoje tendo seus direitos suprimidos. Este discurso sobre a forte e longa resistência das comunidades tradicionais cresce muito em mim, e passo a me interessar cada vez mais pelo movimento político cultural dessas populações.

É também nesta etapa do processo de graduação que tenho um primeiro contato com a antropologia, na disciplina de “Dimensões Antropológicas da Educação Física e do Esporte”, ministrada pela professora Soraia, que mais tarde virá a se tornar minha orientadora. Com as atividades propostas nesta disciplina pude começar a relacionar essas inquietações que fervilhavam em mim com a questão do corpo, dos jogos, do esporte. Como trabalho de conclusão da disciplina, disserto acerca das trilhas, atividade sempre presente nas minhas viagens. Falo sobre a relação com o espaço, com os materiais, com o corpo colocado frente ao desafio de se deslocar em meio aos mais variados ambientes. Como principal base para o trabalho, utilizei minha experiência na trilha Inca, caminho que este povo andino construiu e pelo qual era possível acessar a cidade sagrada de Machu Picchu, que realizei em 2012 e que me fez refletir intensamente sobre o corpo, a natureza e a cultura por 4 dias, e que até hoje reverbera em minhas reflexões.

2.3.3. Remos e bússola

Encantando por finalmente ter me encontrado dentro do meu curso de graduação, conseguindo aliar minhas inquietudes e meu tema de estudo, tomei a decisão de conhecer mais a fundo o Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano e, mais especificamente, o Grupo de Estudos PULA, do qual fazem parte as professoras Soraia Saura e Ana Zimmermann. Começo a frequentar as reuniões do grupo e, em paralelo com minha iniciação científica ainda em curso no laboratório de bioquímica, entro em contato pela primeira vez com a filosofia e, principalmente, com a

fenomenologia e com os principais autores utilizados pelo grupo⁴. Começo assim a pesquisar sobre a relação entre corpo, esporte e natureza. A princípio, essa relação apontou para uma direção dos esportes de aventura, que se transformou na relação entre esporte e natureza, mas que logo acabou se voltando para os jogos que nunca deixaram seu ambiente natural, que não apenas dialogam fisicamente com o ambiente, mas com muitos outros fatores culturais; jogos que, junto com suas populações, permaneceram em seus territórios, com seus sentidos e suas cargas culturais ainda muito bem enraizados nas culturas daqueles que os criaram, que são os jogos tradicionais e autóctones.

Junto a essa nova descoberta que me impulsionou para seguir minha graduação voltando-me aos jogos tradicionais, comecei a querer me aprofundar mais na antropologia cultural, por ser um tema fundador do campo no qual minha pesquisa, ainda no campo das ideias, caminhava. Depois de uma rápida investigação, decido ler o livro “A interpretação das culturas” (GEERTZ, 2008), no qual o antropólogo discorre sobre diversos aspectos da antropologia cultural, e no qual faz uma passagem fundamental para meu direcionamento de pesquisa, quando fala sobre a briga de galos balinesa, e da importância de sua participação no jogo tradicional para seu reconhecimento identitário frente à cultura de Bali. É com essa passagem, que também havíamos trabalhado naquela disciplina, que percebo o poder que os jogos tradicionais possuem e toda a força que eles podem agregar nas questões culturais entre comunidades tradicionais e sociedades, trazendo o corpo e o jogo para o centro da questão.

Com o intuito de me aprofundar ainda mais na antropologia, já que uma única disciplina aborda o tema em toda a grade do curso de Bacharelado em Esporte, decidi cursar a disciplina “Introdução às Ciências Sociais - Antropologia I” do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, satisfatoriamente bem ministrada pela Prof^a Dr^a Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer. Lá, fui apresentado aos principais autores e antropólogos da história, pude compreender melhor o conceito de cultura e assim obter maior embasamento para seguir desenvolvendo minhas elucubrações sobre os jogos tradicionais e as culturas.

⁴ Dois autores referência para os estudos do grupo são: Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty. Mais informações em: www.pulaeefeusp.com.br

Sigo até o final da graduação frequentando o Grupo de Estudos PULA e decido fazer minha monografia (trabalho de conclusão requisitado para a titulação de Bacharel em Esporte) com a temática dos jogos tradicionais, oficialmente orientada pela professora Soraia Saura. Termino o trabalho de título “Jogos Tradicionais e Autóctones: uma apresentação e o cenário atual”, aprovado com 9,5, e me torno Bacharel em Esporte em 2016. Nele, apresento um panorama dos jogos tradicionais e autóctones, definindo termos, características em comum e categorizações, situo os jogos tradicionais em âmbito brasileiro e coloco algumas perspectivas de desenvolvimento da área.

2.3.4. Começando a navegar

Faltando menos de um ano para minha formatura, recebo uma oportunidade de trabalhar com os jogos tradicionais. Um projeto da UNESCO em parceria com uma empresa de tecnologia chinesa que visa a criação de uma biblioteca digital aberta de jogos tradicionais, em desenvolvimento. Essa plataforma utiliza o Brasil como um dos países piloto para a elaboração da plataforma. A proposta chega às minhas orientadoras que encaminham o pedido a mim. Precisávamos catalogar diversos jogos tradicionais dentre os quais alguns seriam selecionados para fazer parte da coleta de dados. Realizamos alguns encontros para debater metodologias para a seleção das modalidades. Mais de 20 jogos tradicionais foram selecionados mediante critérios previamente estabelecidos, depois catalogados e enviados à UNESCO. A equipe chinesa selecionou as modalidades cujas práticas gostariam de coletar maiores dados. Quando vieram a campo no Brasil para esta coleta, acompanhei-os realizando uma ponte entre a pesquisa, as comunidades e os interesses da UNESCO e da equipe. Após reuniões em Brasília, (dentre elas uma com Marcos Terena, grande liderança indígena e um dos idealizadores dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas) partimos para o Rio de Janeiro e, em seguida, para Salvador. Coletamos imagens e realizamos entrevistas com pessoas relacionadas aos jogos que foram selecionados. Dessa experiência, o que foi mais significativo para mim foi compreender um pouco mais da complexidade das manifestações tradicionais brasileiras, e a forma com a qual as pessoas envolvidas fazem reverberar em suas vidas aquilo que a prática carrega histórica e culturalmente. Foi assim, por exemplo, quando fomos conhecer a capoeira regional do Mestre Nenel no Pelourinho e a capoeira angola da Mestra Janja, no bairro Rio Vermelho, em Salvador. A capoeira faz parte de ambos os mestres, e está completamente enraizada em suas vidas. Isso me evidenciou o entendimento de que o jogo tradicional não é uma

simples manifestação da qual as pessoas fazem parte, como está implicado na própria identidade pessoal de cada um.

Em novembro de 2016, as professoras Soraia Saura e Ana Zimmermann coordenaram o II Seminário Internacional de Jogos Tradicionais e Lazer, evento no qual estive presente como parte da comissão organizadora. O seminário aconteceu na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo e reuniu pesquisadores de jogos tradicionais, coletivos que trabalham com a temática e membros de comunidades tradicionais para debater e apresentar o que vem sendo desenvolvido no Brasil e em outros países da América Latina.

Após minha formatura, me mantive ligado ao Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano, mesmo não possuindo vínculo formal com a Universidade de São Paulo, acompanhando as discussões, desenvolvendo ainda mais os temas apresentados na monografia. Agora com contribuições da participação no seminário recentemente ocorrido, com vistas a desenvolver um projeto de mestrado para que eu pudesse abarcar a temática de maneira ainda mais profunda.

No decorrer deste processo, fui apresentado à Prof^a Dr^a Elizara Carolina Marin, coordenadora da Rede Brasileira de Jogos Tradicionais e Autóctones e professora da Universidade Federal de Santa Maria. Ela esteve presente no seminário de jogos tradicionais sediado na EEFE-USP em 2016 e convidou-nos a fazer parte da Rede por ela coordenada e auxiliar na organização do I Encontro Brasileiro de Jogos Tradicionais e Autóctones. Depois de um pronto aceite deste convite, contribuí na organização do evento e fui como convidado à Santa Maria, RS, conhecer o Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, onde o evento foi sediado em outubro de 2017. O Encontro contou com a presença de pesquisadores, artesãos, coletivos, museus de brinquedos, estudantes e comunidades indígenas, que puderam participar também de um grande festival de jogos tradicionais.

Inspirando-nos na experiência dos Juegos Recreativos de La Calle, realizados anualmente em Caldas, Medellín, Colômbia, que visa salvaguardar a prática dos jogos tradicionais junto às escolas e comunidade e que saltou aos nossos olhos como um evento modelo graças às investigações do grupo de estudos PES (Prácticas Corporales, Sociedad, Educación-Currículo), coordenado pelo Prof. Dr. William Moreno Gómez, em dezembro de 2017, com o grupo de estudos PULA, ajudei a organizar junto à Escola

Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, o I Festival de Jogos Tradicionais e Lazer, no qual ao longo do semestre buscamos mapear os jogos que eram praticados pelas crianças e pelas famílias da região. Depois de selecionados alguns jogos tradicionais suscitados neste levantamento, os alunos da escola tiveram um contato com os jogos e atividades junto aos estudantes da EEFE-USP, culminando em um grande festival de jogos tradicionais com a presença de estudantes, famílias, professores, jogadores profissionais e imprensa. Sobre este evento, redigimos um artigo⁵.

Em dezembro de 2017 eu e as professoras Soraia Saura e Ana Zimmermann recebemos o convite para participar da Segunda Reunião Anual de Especialistas e Diálogo da Juventude do projeto piloto global da UNESCO de criação de uma biblioteca digital aberta de jogos tradicionais, na sede da UNESCO em Paris. Parte do projeto que desenvolvemos em 2016 e que agora apresentava alguns produtos finais. Essa reunião foi uma ótima oportunidade de conhecer a realidade dos jogos tradicionais nos países lá representados (Brasil, Mongólia, Bangladesh, Grécia, Marrocos e Quênia). Realizei uma apresentação sobre os jogos e as comunidades tradicionais brasileiras, e pudemos discutir maneiras do projeto crescer e alcançar maior abrangência.

Em seguida, de volta ao Brasil, fui aprovado no processo seletivo do mestrado na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, com o projeto “Jogos Tradicionais na criação e manutenção da identidade dos povos tradicionais da região Sudeste”, na Área de Concentração de Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte, com a orientação da professora Soraia. Neste projeto, procurei abordar os jogos tradicionais de forma mais específica aos jogos praticados nas comunidades tradicionais pertencentes ao Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba, que congrega em uma única organização, comunidades indígenas, quilombolas e caiçaras. O objetivo era o de compreender a importância dos jogos tradicionais para a formação de um senso de pertencimento comunitário, e como isso afeta a formação identitária da comunidade.

Mais adiante, no curso do desenvolvimento das disciplinas obrigatórias, senti a necessidade de realizar um enquadramento mais preciso no tema do mestrado. Decidimos adaptar o projeto inicial com algumas mudanças que o trouxeram mais para

⁵ Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/i-festival-de-jogos-e-lazer-na-rua/>

perto da minha realidade. Deste modo, mantive apenas a população caiçara como objeto de investigação. Ainda interessado na influência dos jogos tradicionais em sua formação identitária, mas agora realizando paralelos entre dois grupos de caiçaras, um mais ligado às tradições e o outro à cidade, tentando entender até que ponto essas duas faces da cultura caiçara se aproximam por meio dos jogos.

No decorrer do primeiro semestre como estudante de pós-graduação, tive a feliz notícia de que a Rede Brasileira de Jogos Tradicionais e Autóctones seria gerida pelas professoras Soraia Saura e Ana Zimmermann. Como não se trata de uma atividade acadêmica propriamente dita, mas de uma ação de promoção e articulação em torno de uma temática, fiquei encarregado desta coordenação. E para 2020, planejamos nosso encontro acadêmico em torno do tema. Além disso, trabalhamos intensamente na produção de um segundo livro acerca da mesma temática.

Fui também convidado pelo meu professor da disciplina de “Docência no Ensino Superior em Educação Física e Esporte”, o professor Edison de Jesus Manoel, a fazer uma apresentação disparadora de debate no “Encontro Filosófico: sobre o brincar, vamos falar sério?”. Minha apresentação, de título “Brincar: de tradição a direito”, abordou o tema do brincar sob a ótica dos jogos tradicionais, perpassando por questões como inovações tecnológicas, desenvolvimento das cidades e políticas públicas de lazer. O encontro filosófico promoveu um rico debate acerca do brincar, agregando diferentes perspectivas sobre o tema e abrindo um canal de diálogo pouco habitual dentro da universidade.

Em maio de 2018, participei da organização do III Congresso Bienal da Associação Latina de Filosofia do Esporte, que reuniu pesquisadores de diversos países como Brasil, Costa Rica, Argentina, México, Colômbia, França, Espanha, Portugal, dentre outros, que discutiram diversos temas abrangidos pela filosofia do esporte. Neste congresso, apresentei um trabalho intitulado “Jogos Tradicionais: uma aproximação existencialista”, no qual utilizei como base a noção de corpo trazida no livro “O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica” (SARTRE, 1997). Nessa obra, tida como base do existencialismo, Sartre coloca a importância de se entender o corpo como fundamental ao ser, possibilitando que eu traçasse um paralelo com os jogos tradicionais e o corpo nas comunidades.

Em 2019, o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado foi aprovado no exame de qualificação, que contou com a leitura atenta e riquíssimas contribuições do Prof. Dr. William Moreno Gómez, da Universidade de Antioquia, na Colômbia; do Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; e da Profa. Dra. Ana Cristina Zimmermann, da Escola de Educação Física e Esporte, também da Universidade de São Paulo. Os apontamentos da banca me possibilitaram aprimorar a pesquisa e enxergar os caminhos pelos quais ela deveria caminhar. Neste sentido, após o exame de qualificação, trabalhei na redação de um artigo que, após revisões do Grupo, foi submetido em revista de impacto nacional e está em fase de avaliação.

2.3.5. Luneta

Hoje consigo ver a influência que todo o passado secular exerce em minhas escolhas, mesmo que, por vezes, de forma inconsciente. Ficam mais claros os trilhos que me trouxeram até a instituição da qual hoje faço parte e ao campo de pesquisa que atualmente investigo. O amanhã ainda é incerto, mas a única certeza que tenho em relação a ele é que certamente sofrerá influência de tudo o que já aconteceu.

Estou apenas finalizando o mestrado, de modo que julgo ter ainda poucas contribuições efetivas para a ciência. Ainda assim, já realizei coisas que considero bastantes significativas para um estudante de pós-graduação no estágio no qual me encontro. Estou muito contente com minha participação dentro do grupo de estudos do qual faço parte e, para minha alegria, fui contemplado com uma bolsa CAPES para o desenvolvimento da minha pesquisa, o que me dá ainda mais incentivo a mergulhar de cabeça na investigação e produção. Tenho como ideal a vontade de que minha pesquisa seja valiosa às comunidades tradicionais, aos educadores em geral e à sociedade como um todo. Que, com as contribuições que eu puder encontrar, as relações de respeito cultural se tornem mais verdadeiras e que a diferença não seja vista com tamanha estranheza e depreciação. É uma pretensão muito grande, mas que seja um passo em direção a uma humanidade melhor.

O percurso ainda é longo até que eu possa gritar “terra à vista!”, até que eu possa novamente aportar, desembarcar e reiniciar o ciclo que meus ancestrais já cumpriram, cada um à sua maneira. Vejo a pós-graduação como repleta de questões a serem implementadas, ao mesmo tempo, o mestrado tem me mostrado cada vez mais

caminhos pelos quais é possível fazer dessa navegação, uma prazerosa aventura do conhecimento. “Ó mar salgado, quanto do teu sal/São lágrimas de Portugal!”⁶, e como não pensar na contribuição de sal do suor de quem remou até aqui? Hoje, meu suor começa a salgar o mar da ciência, que me faz chorar de alegria por ver o céu do conhecimento nele refletido.

⁶ Versos retirados do poema “Mar Português” de Fernando Pessoa, contido no livro “Mensagem”, 1934.

3. Metodologia

Os jogos dos caiçaras possibilitam que sejam estabelecidas relações entre os diferentes grupos desta comunidade? Encontramos, nestas práticas, elementos simbólicos desta cultura? Essas e outras perguntas nortearam esta pesquisa. Sem hipóteses prévias, como percurso metodológico me coloquei aberto às novas indagações que surgissem no desenvolvimento do trabalho.

Inicialmente busquei preparar um arcabouço teórico acerca dos caiçaras e de temas como cultura, tradição, identidade e território. Em seguida, com algumas questões suscitadas no levantamento bibliográfico, busquei estruturar a pesquisa de campo de modo que respondesse algumas dessas questões e levantasse novos questionamentos.

Com a realização das pesquisas de campo – duas etapas em Ubatuba e uma em Santos, agregando assim diferentes grupos de caiçaras – passei então para um segundo momento, buscando identificar os elementos que possam indicar diálogos, influências e elementos expressivos no processo identitário dos grupos assinalados.

A pesquisa, de caráter qualitativo (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009), valeu-se de metodologia fenomenológica (MOREIRA, 2004), incluindo pesquisa bibliográfica, de campo, entrevistas e outras formas de registro, como coleta de imagens e diário de campo. Para elencar categorias de análise, evitei concepções dualistas de corpo e busquei nas descrições, relatos e observações a essência dos fenômenos.

Direcionando o olhar para as comunidades no intuito de atribuir-lhes características culturais, consideramos o corpo um dos principais pontos de análise (BITENCOURT, 2010). Não só o corpo, mas principalmente o que determinada população realizava com e a partir dele, ou seja, quais práticas corporais realizavam e por quais motivos. “O corpo passou a ser considerado não apenas um arcabouço biológico menos capaz ou denunciador do estágio evolutivo, mas expressão de um conjunto de significados de um dado grupo” (DAOLIO, 2006, p. 51).

Para realizar a análise, a pesquisa se alicerça nos métodos de raciocínio indutivo e descritivo da pesquisa filosófica (KRETCHMAR, 2002). Desta forma, buscamos essa metodologia procurando compreender a importância e o significado dos jogos para as comunidades envolvidas. A pesquisa, neste sentido,

trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2011, p. 21).

Nas descrições, muitas vezes me coloco na posição de observador participante do fenômeno descrito. Isso porque, como caçara, me envolvo com diversas práticas corporais caçaras. Tais manifestações corporais sempre permearam meu cotidiano. Das idas matinais à praia, antes da aula, para dar bom dia ao sol; às tardes e noites que passava treinando com meus times de futebol de praia. Sempre estive ali, entre bolas, raquetes, bicicletas, pranchas, remos, ondas, areia, sal. Sentia desde então – como ainda sinto – a importância dessas práticas corporais na minha identificação com a cidade, com o mar e com a cultura que este espaço aflora. Isso ficou ainda mais visível com minha mudança para São Paulo, pois a partir de então, minha relação com o mar precisou se limitar às folgas universitárias.

Por isso, o objetivo da coleta de dados é lançar luzes ao significado e à importância dos jogos nas comunidades que os praticam, bem como sua relação com o processo identitário, individual e comunitário, tendo os jogos como elemento comum. Olhar para práticas específicas pode nos revelar um imaginário social mais amplo, pois o imaginário individual desvela o imaginário coletivo. A fenomenologia da imagem se destaca neste aspecto metodológico, já que:

as imagens constituem-se como um recurso importante na provocação de subjetividades e emoções. Atualizam a ancestralidade, potencializam a memória, deflagram o desejo. A partir dele, a busca ontológica da existência. (SAURA; MEIRELLES, 2015 p. 53).

A entrevista semiestruturada se apresentou como um recurso para se atingir os objetivos que a coleta de relatos se propôs, uma vez que é pretendido analisar as descrições fenomenológicas da experiência. “Parte-se do pressuposto metodológico de que o sujeito-colaborador sabe desta experiência, já que a vivenciou” (MOREIRA, 2004, p. 451). Portanto, de acordo com os objetivos da pesquisa, foi desenvolvido um roteiro de entrevista que estimulasse os colaboradores a relatarem suas experiências, sem fugir do referencial teórico. Para isso, os entrevistados foram incentivados a fornecer detalhes e sensações que relacionem os jogos com o cotidiano, ambiente, territorialidade, dança, corporeidade, afirmação cultural e identidade.

A amostra de sujeitos se restringiu aos caiçaras pertencentes às comunidades tradicionais de Ubatuba e às cidades da baixada santista, sem a preocupação com uma determinação numérica amostral prévia para a realização da pesquisa, uma vez que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31). As sete pessoas entrevistadas trazem em comum serem caiçaras e praticantes dos jogos desta cultura, além de estarem diretamente envolvidos com a manutenção de práticas corporais de suas comunidades. Além disso, a pesquisa também se apoia em entrevistas e relatos de outras publicações acerca da temática caiçara e compondo um quadro mais completo e plural.

A atitude fenomenológica buscou aqui as recorrências observadas tanto em campo quanto descritas em entrevistas. As recorrências são elementos potencialmente essenciais que compõe o fenômeno, pois “em cada recorrência a casos particulares, captamos uma essência universal” (HARET, 2009, p. 727). Tais recorrências guardam relações com esta gestualidade tradicional, e revelam aspectos marcantes e indicadores de significado, caracterizando, assim, a abordagem fenomenológica.

Esta busca ontológica intenta investigar subjetividades. Isso pressupõe considerar a perspectiva da primeira pessoa, sempre, daquela que vive a experiência. Mas - e isso é importante - a coleta deste material rico e humano, apresenta-se não apenas como componentes individuais ou particulares. Busca-se a pessoa universal, o que nesta perspectiva se repete como possíveis traços de nossa existência. Portanto, a abordagem fenomenológica enfatiza a experiência, ou a experiência pessoal, mas procura nisto o que é verdadeiro para todo ser humano, para poder fazer postulados mais gerais, não apenas observações particulares ou individuais. (SAURA; MEIRELLES, 2015, p. 41).

As recorrências indicam conexões entre os jogos e o processo identitário das comunidades (ZIMMERMANN; SAURA, 2014). Com isso, a recorrência “é metodologicamente significativa especificamente na percepção dos fenômenos de manifestação humana onde o ser humano não pode ser estudado apenas como um objeto.” (SAURA; MEIRELLES, 2015, p. 41).

4. As populações que se debruçam ao mar

Este trabalho se preocupou em realizar uma delimitação espacial por meio de recortes regionais de grupos caiçaras, nos quais encontramos diferentes expressividades desta cultura. Em cada grupo foi possível observar manifestações corporais, lúdicas e simbólicas que permitiram que se especulassem as influências que as diferentes comunidades desta heterogênea cultura exercem umas sobre as outras: os caiçaras aqui chamados de “urbanos” e os caiçaras “tradicionais”. Antes de delimitar o enquadramento a eles destinado, busco apresentar o meu campo de assunto, as cidades e os contextos onde se inserem essas populações, espaços essenciais à compreensão da expressividade corporal caiçara, já que “o corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 56). Por isso, é importante que delimitemos de qual litoral (tendo o Brasil um litoral de mais de 7.000 km) estamos tratando.

A partir de minhas observações e percepções, bem como de diálogos com a literatura, busco apresentar um recorte sobre estes espaços. Para mim, é uma região fascinante, uma vez que percorri inúmeras vezes os caminhos entre uma cidade e outra, sempre envolvido em suas festas e jogos, e implicado neste ambiente litorâneo, tão familiar e convidativo às práticas corporais.

Imagem 1: Mapa do litoral Paulista. Fonte: CETESB

4.1. Santos

Imagem 2: Ilha de São Vicente (retratando Santos à direita e São Vicente à esquerda, separadas pela área verde central; bem como uma parte da Ilha de Santo Amaro, ilustrando um pedaço do Guarujá, no canto direito).

Fonte: Google Maps

Construída nos primórdios da colonização brasileira, a baixada santista foi um dos primeiros territórios pisados pelos portugueses, sendo Santos e São Vicente a terceira e a primeira cidades a serem fundadas no país, respectivamente. Ambas dividem o território de uma grande ilha, que naturalmente já guardava histórias antes da chegada dos europeus. A partir do século XVI, portugueses e indígenas passaram a se relacionar e a ilha foi se transformando rapidamente. Mais tarde, com a chegada das pessoas escravizadas da África; indígenas, europeus e africanos passaram a compor o cenário da ilha compartilhada pelas cidades, e também seu povo passou a se remodelar com essas novas culturas, forçadas a conviver em um pedaço de terra limitado, quando comparado à extensão das grandes cidades brasileiras.

A relação com o mar, portanto, tem sua origem antes mesmo da formação dos povos caiçaras, pois tanto os colonizadores (que se aventuraram no mar e chegaram por meio das grandes navegações), quanto os africanos (sequestrados de suas terras e trazidos para cá em grandes navios negreiros, separados de seu continente por um oceano) e, naturalmente, os indígenas (que já guardavam com a ilha e, conseqüentemente, com o mar, uma íntima relação simbiótica) possuíam como elemento central de suas existências alguma proximidade com o mar. Além disso, ao

longo dos séculos até os dias de hoje, é também por Santos que chegam ao Brasil diversos povos europeus e também asiáticos. A imigração japonesa, por exemplo, aporta em Santos e cria comunidades coesas que dialogam com a história da cidade.

O povo caiçara surge justamente da miscigenação destes três grandes troncos culturais, sendo o marítório⁷ o principal ponto de convergência. Entretanto, os estudos de raça no Brasil hoje indicam que essa miscigenação está longe de ter ocorrido de forma pacífica e equilibrada, e chega a ser contestada e apontada como elaboração histórica europeia para a construção de uma ideia de integração harmoniosa entre os povos (SCHWARCZ, 2012). Guardadas as proporções de populações dominantes e dominadas, a miscigenação se fez presente. Este povo se instalou principalmente na região das praias do sudeste brasileiro, e é também a partir da urbanização destes espaços que os grupos caiçaras vão se formando. Aqueles que se encontravam em – ou se afastaram para – locais de mais difícil acesso, nos quais por vezes só se chegava após longos períodos de caminhada em meio à mata ou pelo mar, se desenvolveram em comunidades e são identificados como caiçaras tradicionais (MUSSOLINI, 1980). Mantiveram mais resguardados seus costumes e tradições, graças ao isolamento geográfico que serviu como obstáculo para a chegada da civilização moderna. Já os grupos que se encontravam em locais nos quais se desenvolveram grandes centros urbanos, passaram a agregar mais rapidamente novos elementos culturais, que moldaram uma nova forma de se entender caiçara. Este grupo não manteve tão forte a cultura tradicional e incorporou mais aspectos da sociedade contemporânea. Apesar destas diferenças, levando em conta que “o espaço também é produtor de subjetividade, e, por isso, está sempre carregado de memórias” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 61), todos fazem parte da múltipla cultura caiçara.

A região se desenvolveu e hoje abriga centros urbanos modernos. Santos, a principal cidade do litoral paulista, carrega a história do Brasil em suas ruas, morros e praias. O mar se faz presente em todos os lugares da ilha. Chegada dos portugueses, ataques piratas, ondas surfadas, reis de terras longínquas e de gramados familiares. Tudo cercado de água, salgando os pés, a alma e a história de um lugar que traz, também do mar, suas principais imagens.

⁷ Neologismo que designa um espaço de confluência entre água e terra, mar e areia (GONÇALVES JÚNIOR et al., 2012).

A mureta de Santos é hoje a identidade municipal materializada. Originalmente construída no espaço simbólico entre mar e terra, a mureta se posiciona no mesmo lugar que o resto da cidade. Seu desenho permite um olhar poético ainda maior, de quem espia o mar, por entre frestas e arestas, por entre círculos, triângulos e retângulos. É um monumento metáfora. Um caleidoscópio geométrico que dobra, molda, enquadra o mar, ao mesmo tempo em que o faz com a cidade. Sua altura é uma alusão à relação com o mar. As crianças, ainda baixas, podem ver o mar através de seu enquadramento. Permitem um mergulho protegido, cercado. A criança que coloca a cabeça na abertura circular da mureta observa aquele espaço que é seu, mas ainda não está dominado. Quando os santistas vão ganhando estatura, passam a conseguir subir na mureta, para observar o mar com uma amplitude maior. Podem então fazer seu próprio enquadramento, olhar o mar com mais liberdade. Quando adultos, a mureta bate na cintura, e a partir de então passa a amparar. É o descanso de uma caminhada mais longa debaixo do sol, o banco da mais linda das praças para quem se ama admirar o pôr do sol. É também o apoio dos pescadores, que amarram suas varas e deixam que a mureta pegue os peixes para eles.

Imagem 3: A mureta emoldura o mar do pequeno caçara; protege e aguça a curiosidade na criança que vai aos poucos descobrindo o maritório. Fonte: acervo pessoal

As décadas se passaram e a mureta permaneceu, se espalhou. Se antes ela se limitava ao bairro da ponta da praia, pouco a pouco foi tomando os arredores do trilho do trem – ou a linha da máquina, para os santistas – foi decorando os famosos canais que cortam a cidade da praia ao porto e previnem enchentes. À beira do mar, no entanto, ainda é seu lugar oficial, seu ponto de existência. A mureta passou a ser mais que um ornamento decorativo de uma orla charmosa. Isso porque nos dias de ressaca, a mureta se torna muralha e não foge ao combate violento com um mar colossal, que se lança abundante para cima da ilha, e que encontra na mureta o primeiro obstáculo na invasão da cidade.

Imagem 4: Nos dias de ressaca, a mureta defende a cidade dos ataques de um mar revoltado.

Fonte: Marcelo Barbosa de Souza

O mar pirata que invade Santos não coloca fogo na cidade, como fez Thomas Cavendish⁸ (ARAÚJO; PEREIRA, 2007), mas inunda a cidade e, antes disso, destrói a mureta que, passada a ressaca, resiste, ainda que despedaçada. Os santistas orgulhosamente reconstroem a mureta após as batalhas, garantindo que o concreto pintado de branco siga protegendo a cidade, siga ensinando sobre o mar aos cidadãos. Siga compondo a identidade do povo de lá.

⁸ Corsário da coroa inglesa que comandou o ataque à Vila de Santos no natal de 1591. Saqueou e incendiou a cidade, permanecendo por mais de dois meses, até 3 de fevereiro do ano seguinte. Além disso, o pirata foi o terceiro homem a navegar ao redor do mundo. Até hoje perduram lendas sobre seus tesouros, que ainda estariam escondidos pelo território brasileiro.

Imagem 5: Recorrentemente, a mureta não resiste à força do mar e se despedaça pela avenida.

Fonte: Maurício de Souza

Imagem 6: Passadas as ressacas, a mureta despedaçada resiste e logo é reconstruída.

Fonte: Rodrigo Nardelli

Outro grande símbolo santista também se localiza nas beiradas da cidade, também de frente para o mar. Dotados de uma vista privilegiada, os prédios da orla são uma atração à parte. A reação de quem não conhece a característica diferencial destas construções é sempre um estranhamento, seguido de uma pergunta de confirmação: “Os prédios estão tortos mesmo?”. Sim, prédios altos, tortos como peças de dominó enfileiradas prestes a se derrubarem. Alguns parecem que logo se encontrarão, e

descansarão tranquilos, escorados nos vizinhos enquanto apreciam o balanço do mar e o brilho do sol nas ondas.

Imagem 7: Prédios tortos que se acomodam para ver o balanço do mar na orla de Santos.

Fonte: João Farias

Dotada de um solo arenoso difícil de contornar, os prédios, pouco a pouco, vão relaxando, se acomodando, se afundando na cidade. É um charme característico, orgulhosamente ressaltado por quem vive na cidade cujo portal é um peixe gigante, que dá as boas vindas aos visitantes que enfrentaram a Serra do Mar para chegar ao litoral. Em Santos, assim como sua gente, os prédios se curvam ao mar.

4.2. Ubatuba

Imagem 8: Mapa de Ubatuba designando algumas de suas praias.

Fonte: Edilson Moura

Uma cidade cercada por praias paradisíacas. As pessoas de lá se apresentam pelo seu nome seguido do nome da praia de onde são. “Carol do Ubatumirim”, “Juarez da Justa”, “Edinho da Almada”, e tantas outras. Os caixas tradicionais trazem, desde a apresentação, suas praias na identidade pessoal. Por vezes, sua praia-casa se sobrepõe à cidade. Nas mais afastadas do centro, é comum que os caixas se refiram ao centro por “Ubatuba”, como se a sua praia não se situasse na mesma cidade que o centro.

É uma terra mágica. Parece saída de um conto. Morros e mais morros no limite do olhar. A mata avança na terra, e quase atinge o mar. O mar. O que seria de Ubatuba se não fosse o mar? Há quem diga que Ubatuba significa “terra de muitas canoas”; outros no entanto, discordam e acreditam mais que o nome da cidade se refere à abundância de uma planta da região. Seja como for, o que se sobressai no local é o mar e a exuberante Mata Atlântica. Lá, quase não se fala em bairros. Fala-se em praias, ou seja, em acessos para o mar. Não é para menos. Em Ubatuba, encontramos mais de 100 praias. É muita coisa para uma cidade só. Isso sem contar as ilhas, as cachoeiras, os sertões.

A cultura caiçara tradicional ali é forte. Está presente até mesmo nas praias do centro, mais urbanizadas e mais ocupadas por turistas. Mesmo na praia do Itaguá, por exemplo, ainda é possível encontrar muitas canoas caiçaras. E no ponto em que o centro da cidade se encontra com a rodovia Rio Santos, há um monumento em homenagem ao caiçara. Uma enorme estátua de um pescador segurando um remo tradicional, velando pela cidade, como um grande Cristo Remador.

A rodovia é um ponto de guinada na história de Ubatuba. Antes mesmo de sua abertura, com a realização do projeto, a especulação imobiliária cresceu vertiginosamente na região, e a procura de propriedades por pessoas vindas da capital esbarra na população tradicional originária. Desde então, se estabeleceu uma tensão entre caiçaras e aqueles que procuravam terras locais. Esta tensão, ainda extremamente forte na região, se apresenta desde então como um impasse para a continuidade do modo de vida caiçara, já que suas praias agora contam com interesses do turismo, que rejeita a população local com suas redes e arrastões de peixes.

Com a chegada da Rio Santos, se acirraram as divergências entre os caiçaras e os recém chegados. O avanço da especulação sobre as terras caiçaras se desenvolveu em uma verdadeira grilagem, e as terras dos tradicionais passam para as mãos de loteadores à base de ameaças e conflitos. Outros foram enganados e aceitaram vender a valiosa terra por valores irrisórios ou até mesmo em troca de outros bens, como automóveis, além de terem sido ludibriados por artifícios legais (DIEGUES, 2004).

Durante a pesquisa de campo, pude notar que muitas casas cujos terrenos têm a praia como limite já não pertencem mais aos caiçaras. Hoje muitos são caseiros das casas que um dia pertenceram às suas famílias. Ainda assim, mantém as atividades de pesca, e por vezes seguem guardando materiais no local, mas estão sujeitos aos novos proprietários, em sua maioria, de São Paulo.

Atualmente, o que vem – até certo ponto – barrando o avanço da especulação sobre os caiçaras é a criação de parques e áreas de proteção ambiental (CALVENTE, 2004; MARCÍLIO, 2006). Com isso, as corporações – teoricamente – já não podem mais construir resorts ou condomínios de luxo nas imediações das praias. Por outro lado, as leis ambientais ainda não são sensíveis suficientes no tratamento com os caiçaras, e também geram conflitos com sua cultura. Isso se reflete na impossibilidade de manter a roça tradicional em áreas de proteção, bem como a realização de reformas em suas próprias casas. Seu Mandico, pescador antigo, de 80 anos e último morador remanescente da praia Brava da Almada, relembra apontando com o braço, que a região

onde hoje há uma mata era onde ficava seu roçado. “Trabalhei na roça, muito. Eu plantava tudo aí: cana, banana, milho, feijão, mandioca”. Hoje se lamenta que por conta da região ter se tornado uma área de proteção ambiental, não pode cultivar nem mesmo uma pequena horta.

Outra consequência da transformação do território caiçara em área de proteção é que isso tornou muito mais complicada a derrubada da madeira para a confecção de canoas e instrumentos tradicionais. Mário Gato, liderança caiçara do Ubatumirim, promotor da cultura tradicional, explica essa dificuldade:

“O que eles autorizam é a madeira morta, né? Madeira que já caiu, o vento derrubou ou que já secou. Um tempo atrás era bem burocrático. Demorava tanto tempo pros caras liberarem, era tão chato dependendo da gestão do parque, que quando conseguiam a árvore já estava podre, não servia mais, já estava pijuca.” (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Com isso, se por um lado a criação dos parques garantiu aos caiçaras um trunfo sobre a especulação imobiliária, por outro também criou dificuldades para a manutenção do seu modo de vida tradicional.

Complexas, as questões em Ubatuba são muitas e ainda estão longe de serem resolvidas. As tensões crescem e os caiçaras precisarão de tempo para se organizar ainda mais e resistir às mais distintas opressões. Mesmo assim, “o corpo da cidade é movente. Ele não é feito apenas do sítio onde a cidade é erguida, mas da vida dos que fazem o mundo que experimentamos na cidade.” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 58) e com isso, sua cultura resiste forte, e a cidade, com suas infindáveis praias, segue sendo um dos principais centros de cultura caiçara, e de onde emana uma energia incrível, entoada pelo fandango e figurada pelas canoas que vem e vão, com peixes, homens, remos e muita tradição.

5. Ressaca: a tradição e os centros urbanos

Os caiçaras são povos heterogêneos. Na literatura, quando há uma caracterização do caiçara, é quase sempre feita tratando da comunidade tradicional (ADAMS, 2000; BRANCO; CASEIRO, 2005; DIEGUES, 2004; MARCÍLIO, 2006; MUSSOLINI, 1980; SILVA, 2004), ou seja, do grupo que chamo, apenas nesta introdução, a título de esclarecimento – mais adiante, veremos que essa divisão dos caiçaras em diferentes grupos e nomenclaturas não é necessária, e trataremos como um grupo único – de *caiçara tradicional*. Esses vivem nos sítios tradicionais, nas imediações da praia. A areia alcança o quintal e a porta de casa. A vassoura é rastelo, para puxar as folhas e as castanhas que se jogam do chapéu de sol, como são conhecidas as castanheiras. São eles que sobem as matas e das árvores esculpem a canoa caiçara, a viola, o machete e a rabeca para o fandango. São eles que plantam mandioca, banana, cana, feijão, milho, etc. na roça. Fazem farinha, paçoca, batata doce, café de cana, bolo e suco de jussara. Também são esses que remam atrás das tainhas, jogam a rede, voltam com a canoa cheia. Trazem peixe, lula, ostra e camarão. Sabem também que por perto tem onça, cobra e tubarão. Aqui, tem sorte quem nasceu de sexta-feira, que não é picado por cobra e será um bom caçador (AGUIAR, 2006). São eles que vieram dos tupinambás, dos tamoios e guaranis; mas também dos europeus, dos africanos. São originários, e também miscigenados. Mas não são os únicos caiçaras. Isso porque existe um grupo que também se identifica como tal, mas que não faz parte de uma comunidade tradicional. Está na cidade, no centro urbano. Sua genealogia pode revelar relação com os tradicionais ou não. Vive ali, na cidade à beira mar. A rotina é mais frenética. Gosta do ritmo da cidade, mas rejeita a loucura da capital. Gosta também das praias afastadas, mas não dispensa os benefícios da sociedade. Às vezes veio de longe, mas se instalou ali e por lá ficou. É uma tradição brasileira pousar no litoral. Talvez da humanidade.

Os *caiçaras urbanos* ficam na ponte. Conhecem os tradicionais. Conversam, se relacionam. O mar é o mesmo. As canoas que remam já não saem da mata. São de fibra, mais leves e modernas. O trajeto que fazem, porém, segue igual. Vão da cidade à comunidade. Não pescam, mas vão até lá comer o peixe que alguém pescou. No final das contas, seguem remando atrás dos peixes. A areia virou asfalto, o rancho virou garagem, a casa virou prédio e a mata já não se vê tão perto. Onça por aqui é só no desenho da nota de 50 reais. Quando no temporal um jacaré confunde o caminho do mangue e aparece em algum bairro, vira notícia na cidade. Os melindrosos caiçaras

urbanos se assustam mais com sua pele áspera e seus dentes pontudos. Os amigos que visitam as praias são recebidos com mais esmero. Uma tartaruga ou um pinguim perdidos são logo acolhidos e levados ao aquário municipal. Depois de muito bem tratados, são levados de volta ao mar e viram símbolos da cidade. Quando estou surfando ou mergulhando de máscara e snorkel, não há alegria maior do que ser agraciado pela presença de uma tartaruga curiosa. Sentado na prancha, esperando a próxima onda, elas emergem suas cabecinhas a uma distância segura e aproveitam o tempo de respirar para observar aquele humano, que espera o mar se mexer.

Uma vez estava surfando com uns amigos em Santos e o mar estava grande. Veio uma série de ondas maior e eu e um amigo fomos muito para o fundo, perdemos a série de ondas e ficamos no fundo. De repente esse meu amigo falou da quantidade de peixes no mar. Um cardume enorme, muito peixe. De repente aparecem umas três tartarugas do nosso lado e a gente vendo tudo aquilo meio bobos. De repente meu amigo começa a gaguejar. Eu perguntei: “O que foi, Saulo?”. Aí eu olho para o lado e tem uma baleia do nosso lado, coisa de uns dois metros de distância. Gigantesca. Eu nunca vou esquecer do som da água caindo por cima dela. *Sshhhhhh*. O olho dela gigante olhando pra gente. Ela levantou umas duas ou três vezes, literalmente olhou pra gente e foi embora. Era ela e o filhote. Aquilo foi muito especial. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caçara da praia da Pompéia, Santos).

Certa vez, acompanhando um valente ermitão que caminhava na ondulada e submersa areia clara da praia do Sangava, no Guarujá, fiquei tão entretido no deserto de alguns metros que ele atravessava que quase morri de susto quando senti alguma coisa tocar meu braço. Olho num movimento desesperado. O silêncio submarino guarda essa tensão aterrorizante. Era uma tartaruga que, também distraída, esbarrou a nadadeira no colega mamífero. Mais ligeira do que eu, cruzou meu campo de visão e se perdeu na imensidão azul. Saí do mar vitorioso, especial. Quantas pessoas têm a chance de esbarrar numa tartaruga perto de casa? Nessas horas, o caçara urbano se sente ainda mais caçara, vem do corpo, vem do mar.

Quando iniciei a pesquisa, o termo caçara tradicional surgiu naturalmente, visto a produção mais avolumada acerca deste grupo, e foi confirmada pelos próprios caçaras com os quais convivi durante a pesquisa de campo em Ubatuba. Por outro lado, o termo caçara urbano não se mostrou tão bem delimitado. Inicialmente, ainda sem saber como denominá-los, e sem encontrar uma denominação já estabelecida, passei a chamá-los de “caçaras contemporâneos”. Em seguida, este termo começou a se mostrar inadequado por gerar uma impressão de que os caçaras tradicionais não seriam contemporâneos, e

teriam desaparecido em algum ponto da história, o que não é verdade. A partir disso, passei retratá-los como tradicionais e urbanos, uma vez que os tradicionais ainda se mantêm mais afastados dos centros urbanos, e que o grupo das cidades possui um modelo de vida mais urbanizado. Isso, no entanto, é útil apenas para que saibamos que a cultura caiçara é heterogênea, múltipla. A verdade é que urbanos ou tradicionais, todos são caiçaras, compartilham diversos aspectos culturais, e juntos compõe um quadro tão rico e diverso quanto sua cultura. As relações da cultura caiçara entre o mar e suas práticas corporais se revelam e se repetem por todo o litoral, tanto nos centros urbanos quanto nas comunidades mais isoladas, e este entendimento norteia a dissertação. Isto posto, é válido destacar características variadas que a cultura caiçara desenvolve ao longo de sua existência, que atravessam aspectos da tradição e de urbanidade.

5.1. Tradição

Imagem 9: Um caiçara trabalha em seu material de pesca em seu sítio à beira-mar em Ubatuba.

Fonte: acervo pessoal

A origem do termo caiçara é bem descrita por Adams quando diz que:

O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara* (Sampaio, 1987), que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de

árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992). Posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (Diegues, 1988). (ADAMS, 2000, p. 146).

Sendo assim, os caiçaras possuem ligação com seu território desde sua denominação. “Caá” significa folhas, ramos, enquanto que “içara” significa cerca. Caiçara, portanto, significa cerca de ramos, utilizada tanto na pesca quanto ao redor das comunidades. Seu nome acusa que desde o princípio o povo caiçara possui uma forte relação com o mar e com o território que habita.

Consideramos território caiçara o espaço litorâneo entre o sul do Rio de Janeiro e o Paraná onde se desenvolveu um modo de vida baseado na pequena produção de mercadorias que associa a pequena agricultura e a pesca, além de elementos culturais comuns, como o linguajar característico, festas e uma forma particular de ver o mundo. (DIEGUES, 2004, p. 24).

A cultura caiçara se fundamenta por meio de uma mistura entre elementos culturais provindos dos seus grupos de formação.

Na América Latina, a experiência de construção do novo continente forjado pela mestiçagem cultural reivindicou desde sempre a adequação dos conhecimentos tecnológicos existentes para este contexto, misturando técnicas européias com as culturas dos índios e africanos. (DE OLIVEIRA; SIQUEIRA FILHO, 2006, p. 213).

Daí provém também a dupla atividade da tradição caiçara da pesca sobre canoas de madeira e de uma agricultura de subsistência com forte influência indígena. De origem Tupinambá e também Guarani, os caiçaras se estabelecem em um espaço que desde sua formação contribui na construção deste marítório. Pensando nas matrizes guaranis desta população, evidencia-se sua importância no processo identitário do caiçara ao observarmos o idioma da etnia. Paraty, cidade mais ao sul no litoral do estado do Rio de Janeiro, vizinha de Ubatuba, possui a junção de dois radicais que, juntos, descrevem o marítório, já que “Para” significa “aquilo que não tem margem”, ou simplesmente, “mar”, enquanto que “ty” (derivado do radical “y”) designa “água”, ou ainda, “rio; água que tem duas margens” sendo, portanto, “Paraty” o rio que deságua no mar. Essa influência guarani está escancarada no modo de ser caiçara, que habita essa água sem margem, mas que também se embrenha na mata e desce os rios carregando

troncos para a confecção de canoas, que navegarão por essas águas, ampliando a concepção deste maritório caiçara.

Imagem 10: O caiçara rema sua canoa do mar para o rio e assim adentra o sertão do Ubatumirim, Ubatuba.

Fonte: acervo pessoal

Outro ponto que revela as múltiplas influências na cultura caiçara é a religiosidade. Predominantemente permeada pela mitologia católica trazida ao Brasil no período colonial, também apresenta aspectos africanos e indígenas sob a forma de crendices e folclores. Esses, mais ligados à mata e à roça, tem perdido espaço no imaginário caiçara nas últimas décadas, devido ao abandono destas atividades por conta das leis ambientais vigentes, que impedem uma maior relação do caiçara com o trabalho na terra (DIEGUES, 2004).

Logo no início de fevereiro, os caiçaras celebram com fervor o dia de Iemanjá, ou ainda, Nossa Senhora dos Navegantes. Divindade marítima do candomblé e da umbanda, a “rainha do mar” expande seus tentáculos por entre uma cultura habitante do mar que encontra, no sincretismo católico, a redenção da celebração náutica. Do outro lado do canal do porto de Santos, nos limites do Guarujá, está o bairro da Santa Cruz

dos Navegantes. O bairro periférico do Guarujá, que possui forte conexão com Santos, já que possui um sistema de transporte marítimo para a cidade vizinha, foi formado por pescadores que vieram de diferentes praias do litoral paulista. A Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande (chamada popularmente de Forte da Barra) separa a Santa Cruz dos Navegantes de uma praia onde mais aspectos da cultura caiçara tradicional ainda resistem nas imediações da urbanização, a praia do Góes.

Imagem 11: Próximo às cidades ainda é possível encontrar cenários tradicionais, como na praia do Góes.

Fonte: Google Maps

Por ali ainda é possível encontrar uma canoa caiçara, como conta José Paulo, caiçara de Santos que atualmente mora na praia do Góes, remador, professor e dono de um clube de va'a (ou canoa havaiana⁹) chamado "Canoa Caiçara":

Eu moro lá no Góes e essa canoa fica lá. Inclusive ela está precisando de alguns reparos. Foi muito doido porque nessa de procurar entender um pouquinho mais de cultura caiçara, há uns quatro anos a gente conheceu o Eduardo Manoel, de Cananéia, que sempre vivenciou a canoa caiçara como algo do dia a dia da família dele. Hoje ele mora em Santos e tem um trabalho muito legal com cultura caiçara. Ele fez um negócio que ele chamou de "caiçarograma". Ele foi do sul do Rio de Janeiro, em Paraty e desceu o litoral de São Paulo até Cananéia, que é de onde é a família dele. E em todos os lugares que ele parava ele foi registrando as canoas caiçaras que ele encontrava. Origem, quem fez, tipo de madeira. Um dia ele veio falar com a gente e começou a frequentar as remadas do nosso grupo. E um dia ele presenteou a gente com essa canoa. A gente foi lá em Cananéia

⁹ Va'a é o nome internacional da modalidade. Canoa havaiana foi como batizamos a prática no Brasil, vinda com influência dos Estados Unidos, esse tipo de canoa tem origem no triângulo polinésio, que compreende uma região oceânica entre a Nova Zelândia (mais a oeste), Rapa Nui (mais a leste) e o Havai (mais ao norte).

buscar. Na época em que ele deu a canoa para a gente, ele já tinha feito o levantamento e não tinha encontrado nenhuma canoa em atividade na Baixada Santista, só uma parada em São Vicente e outra no Museu de Pesca aqui em Santos. Então ele deu essa canoa pra gente para que tivesse uma aqui, onde antigamente tinha centenas e, até por tudo que aconteceu na região, já não tinha mais nenhuma. Agora tem a Belica, que está lá no Góes. Então de vez em quando a gente coloca a Belica na água e é algo bem simbólico, para manter a tradição da canoa caiçara na região. (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

Seu Odair, 75 anos, é um dos mais antigos da praia do Góes, e fala com saudosismo da época em que as canoas eram abundantes no local. Antes do enfraquecimento da cultura tradicional, havia na Santa Cruz dos Navegantes um mestre canoeiro que fazia as canoas da região. Havia puxadas de canoa do morro, folia de reis e, é claro, a procissão náutica da Nossa Senhora dos Navegantes, que saía com a imagem do bairro para a praia do Góes, onde a festa se estendia pelo dia todo. Hoje, a procissão marítima do dia 2 de fevereiro parte do mesmo píer de onde saem as barquinhas que levam para a Santa Cruz dos Navegantes, mas a imagem carregada pelas embarcações é a de Iemanjá.

A festa para São Pedro pescador é das mais festejadas do catolicismo para os caiçaras, que contam com igrejas destinadas ao santo na maioria das praias. No finalzinho de junho, o ápice da celebração pode ser traduzido por uma canoa cheia de tainhas, prontas para ir para a brasa e recheadas com farofa. É uma tradição, como conta Juarez Pimenta, pescador e primeiro presidente da Associação dos Amigos e Remadores da Canoa Caiçara (AARCCA).

Festa de São Pedro é no centro da cidade, na praia do Cruzeiro, no final de junho, sempre no dia 29, e aí tem a corrida de canoas. Tem a corrida de canoas e tem a procissão de canoas que é a abertura da festa. A gente leva o São Pedro na canoa até a chegada na praia do Cruzeiro e a abertura da festa é ali. E aí no último dia da festa é a corrida. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da praia da Justa, Ubatuba).

Marcílio (2006) expõe que a pesca da tainha já é uma prática dentre os habitantes do litoral paulista desde a época do domínio tupinambá. A tradição marítima e pescadora vem de longa data dentre os caiçaras, que tem a etnia indígena como ancestral e que, cercada territorialmente por outras nações, explorou os recursos do mar para sobreviver.

A ocupação do espaço passou por alguns momentos determinantes para o desenvolvimento de sua cultura. Um dos pontos que acabou possibilitando uma diferenciação entre a tradição e a urbanização foi o seguinte:

de forma geral e até meados do século XX, durante os períodos de prosperidade em que outras alternativas econômicas eram oferecidas aos caiçaras, suas atividades tradicionais eram abandonadas em favor daquelas, e muitas vezes houve um aumento da população urbana nos municípios do litoral. Por outro lado, nos períodos de estagnação, normalmente, o caiçara voltava às suas atividades tradicionais, como forma de garantir sua subsistência, havendo um retorno para a área rural. Após a abertura das estradas de acesso ao litoral norte do Estado de São Paulo, na segunda metade do século XX, as transformações sócio-econômicas, que até então ocorriam lentamente, passaram a ocorrer de modo acelerado, com a chegada do turismo e da urbanização do litoral. A paisagem rural foi se transformando numa paisagem urbana e o caiçara foi sendo expulso para as cidades (ADAMS, 2000, p. 151).

Aquela parte da população que, nestas transições entre cidade e meio rural, permaneceu nas atividades urbanas e não retornou às tradicionais, acabou se distanciando da parte que fez o caminho de volta e seguiu com seus afazeres de costume. É deste ponto de bifurcação de costumes que também se ramificou, da mesma árvore, novos troncos da cultura caiçara.

5.2. Urbanidade

Imagem 12: O caíçara dos centros urbanos está na ponte, combinando influências da tradição com a atualidade.

Fonte: Victoria de Falco Caparbo

Santos é uma cidade muito antiga. Antes mesmo da formação completa dos caíçaras, já era um centro urbano ativo, porta de entrada dos colonizadores e escravizados, bem como porta de saída das riquezas coloniais. Desde então, os caíçaras que por ali se desenvolveram encontravam-se nas imediações de uma cidade em ascensão. Até hoje, a cidade guarda pouquíssimos – mas ainda existentes – típicos sítios caíçaras. Um dos que segue surpreendentemente existindo fica no bairro Ponta da Praia. Hoje bastante urbanizado, esse já foi o ponto mais afastado do centro, pois como revela o nome, fica em uma das pontas da ilha. O sítio é desses que atravessam quadras inteiras com vegetação rasteira que se espalha sobre a areia, algumas bananeiras e árvores que fazem sombra às casas térreas simples, quase sempre com areia grudada nas paredes, revelando alguns ventos e muita umidade do litoral. É interessante pensar que, mesmo hoje, é bem em frente a este local que os pescadores artesanais encostam seus barcos e vendem camarão fresco para quem os espera encostado na mureta da praia. E certamente seria ali que construiriam um rancho para abrigar as embarcações, caso a maré não tivesse avançado tanto sobre a faixa de areia. O entorno atual do sítio, anuncia

os acontecimentos no decorrer do tempo. De um lado a “rua do peixe”, onde pequenas peixarias expõem uma formidável variedade de pescados sob o olhar faminto de garças oportunistas que se amontoam no telhado das lojas. Do outro lado, um clube de futebol fundado por japoneses que chegaram ao Brasil em 1908, no Kassato Maru, navio que aportou em Santos trazendo a imigração japonesa. Muito famoso na cidade, não pelo futebol, mas pelo restaurante que faz jus à fama de ter peixes frescos e de qualidade. É um pedacinho da história do Brasil, contada em menos de 100 metros de caminhada. Lembro-me de um trabalho da escola no qual nos foi pedido que fôssemos a campo observar os peixes expostos nas peixarias e desenhá-los, destacando suas estruturas anatômicas. A sequência do trabalho era a mesma observação, agora com os peixes vivos do aquário municipal. Até hoje guardo com carinho estas experiências, bem como o almoço que veio na sequência dos desenhos, no restaurante ao lado. Penso no privilégio das crianças caiçaras. Uma criança paulistana talvez não tenha tido a chance de vivenciar coisas corriqueiras que por vezes passam despercebidas no cotidiano caiçara, como presenciar uma garça engolindo um peixe; saber diferenciar um salmão, um atum e uma tainha; ter a certeza e a segurança de estar em casa ao sentir o cheiro do mar. A cidade chegou aos caiçaras que já eram mais próximos dela desde o princípio, mas até hoje perdura uma essência cultural característica.

Viver na praia pra mim fazia parte da cultura de ser santista mesmo, de ir para a praia, curtir com os amigos. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da praia da Pompéia, Santos).

Estes caiçaras de Santos mantinham relações com os centros urbanos muito mais frequentes do que aqueles que até hoje vivem em praias nas quais os únicos acessos possíveis são feitos por barcos ou por longas trilhas em meio à mata fechada que se espalha pelos morros que escondem as comunidades. É claro que, os sítios santistas se situavam distantes do centro da cidade, onde ainda havia mais mato que gente. Assim mesmo, em pouco tempo de caminhada no plano era possível chegar à “civilização”. Desde então, a proximidade com o centro urbano mostra um ponto de inflexão entre os caiçaras.

Outro momento importante, que durante décadas incentivou a transformação caiçara, foi a chegada do barco a motor. Esse advento garantiu a possibilidade de priorização da pesca em detrimento da agricultura.

Foi da cidade de Santos que partiram os primeiros barcos a motor com pescadores profissionais para outras regiões do litoral sul/sudeste, responsáveis, em parte, pelo abandono total ou parcial da agricultura de subsistência e pela migração de mão-de-obra para a pesca embarcada. (ADAMS, 2000, p. 154).

É curioso pensar que, desta forma, é de Santos que parte um maior estreitamento do caiçara com o mar, determinante na interpretação dos jogos e suas relações com a água e a praia, relações estas que se manifestam muito claramente nas comunidades tradicionais. É claro que os caiçaras já estabeleciam com o mar uma relação muito forte, pois neste ambiente viveram e por ele se deslocavam para outras cidades. Os jogos no mar aconteciam antes mesmo da chegada do barco a motor. Mesmo assim, pensando na cidade altamente urbanizada que Santos se tornou, o fato de ter sido dela que partiu uma preconização do ambiente marítimo é um indicativo de que mesmo vivendo em grandes cidades, o caiçara não deixou de ser caiçara só por conta da expansão dimensional e tecnológica da cidade. Houve uma ressignificação do que é ser caiçara. Este processo segue em curso e hoje parece haver uma retomada, nos santistas, de elementos significativos da cultura caiçara, também reforçada por representações marítimas e, principalmente, de modalidades esportivas como o surfe e a canoa havaiana.

O nome que a gente escolheu foi canoa caiçara justamente por se identificar com o termo caiçara, daqui da região. E então a gente juntou as duas coisas: a prática da canoa havaiana, que na verdade o nome do esporte é va'a, com a cultura caiçara. (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

Existe, ainda, uma leitura mais favorável à chegada da tecnologia às culturas tradicionais, ocasionada pelo desenvolvimento dos centros urbanos. Nessa leitura, a tecnologia seria responsável direta de uma subsequente crise cultural, que daria às culturas tradicionais a oportunidade de se reinventar como comunidades “portanto a tecnologia é apenas uma ferramenta potencializadora para a inovação cultural” (DE OLIVEIRA; SIQUEIRA FILHO, 2006, p. 215). Visto desta perspectiva, tanto a chegada dos barcos a motor nas comunidades tradicionais quanto o processo de urbanização são momentos nos quais a tradição e a própria cultura caiçara é posta à prova, entra em crise e precisa, mais do que nunca, repensar sua identidade, pois só assim poderia, paradoxalmente, manter-se viva.

Quando criança eu ia com meu pai na canoa a remo, canoa à vela e trabalhava na roça com meu pai. Desde pequenininho eu botava rede, andava na canoa, matava tainha até de noite por aí. Mas aí com 13 anos deixei tudo e fui embora, trabalhar em barco de pesca. Quase

morri na pesca, pequeno ainda, fraquinho. Aí me acostumei e quase não voltava mais pra cá. Depois que eu casei que voltava de mês em mês, mas antes disso ficava um ano, dois anos sem voltar pra ver meu pai e minha mãe. Só trabalhando. (Depoimento de Seu Mandico, caiçara da praia Brava da Almada).

É interessante pensar que, frente aos desafios tecnológicos, ocorre um movimento ressignificando o que é ser caiçara. Com a abertura de estradas e acesso facilitado, o desenvolvimento de centros urbanos ocorre de maneira acelerada e as comunidades caiçaras precisam lidar com isso. As consequências são duas: integração às cidades e transformação do cenário urbano, na medida do possível; e manutenção do afastamento por habitar praias de mais difícil acesso, o que manteve um pouco mais resguardadas as tradições (CALVENTE et al, 2004). Neste segundo grupo, a chegada dos barcos a motor leva a mais um dilema, que em grande parte resulta em uma maior preconização do ambiente marítimo em relação à roça, alterando também as imagens fundamentais da cultura como um todo, conforme evidenciado pelo Sr. Odair, caiçara da praia do Góes, Guarujá, quando diz que principalmente a partir de 1950, com o aumento da pesca embarcada é que a cultura tradicional começa a perder força em sua praia, já que não se tem mais tempo para trabalhar na roça e muitos integrantes da comunidade passaram a viver no mar. Com isso, ocorreu um abandono da roça ao passo que se estreitou a aproximação prolongada com a atividade pesqueira.

5.3. Navegando identidades

Imagem 13: Cidade e sítio, motores e remos, madeira e fibra, tradição e modernidade compõem o cenário caiçara.

Fonte: acervo pessoal

Apesar dos pontos levantados que diferenciam caiçaras, esta dissertação não pretende separá-los em grupos distintos. A intenção é encontrar as semelhanças e diálogos, ressaltando em suas práticas corporais aquilo que os torna caiçara. Como já foi dito anteriormente, a ideia aqui não é reforçar a tradição cartesiana de separação, distinção, amputação.

A animação do corpo não é a junção de suas partes umas às outras nem, aliás, a descida do autômato de um espírito vindo de alhures, o que suporia ainda que o próprio corpo é sem interior e sem "si". Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciante-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 17).

A busca é em contribuir para um entendimento de que dentro das culturas, as identidades são múltiplas, e que é também por meio do corpo que tentamos encontrar essas conexões, relações, similaridades, irmandades:

entendida a corporeidade como um nó de significações vivas e vividas, nos ajuda a entender que sua textura, tecido, entre-tecido, trama e urdidura são, ao mesmo tempo, culturais, sociais, biológicas, psicológicas e ontológicas; se dão na relação de um eu-com-o-Outro-no mundo, repleto de contradições, conflitos e complementaridades. (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 7).

É também nessa lógica de corporeidade compartilhada que se encontram os diferentes grupos de caiçaras e acabam por se revelar como um só. Afinal, as relações e significações vividas são mesmo recheadas de trançados espaciais e simbólicos, contradições e complexidades.

O processo identitário caiçara também se constrói num ir e vir entre cidade e sítio, em imagens simbólicas do mar e da roça, entre tradicional e urbano, ao contrário da ideia de tradicional, que se quer imóvel, os caiçaras demonstram sua ampla abertura ao diálogo com o mundo, mostrando que no tradicional também existe a mudança, a adaptabilidade e olhares para a novidade, sem perder sua fidelidade a uma estrutura mais profunda.

Os caiçaras ficavam nas traineiras durante três semanas e, nos dias da lua cheia, voltavam para suas praias, namoravam, faziam filhos, jogavam futebol, dançavam, então voltavam para os barcos – que por sua vez não descarregavam nas suas praias, mas em Santos, Rio de Janeiro, Paraty e Ubatuba. Essas idas e vindas faziam parte da cultura de mudança. O caiçara não é alguém como a gente geralmente pensa, fixo em algum lugar. Ele sempre foi e voltou, até porque a navegação facilita esse tipo de migração. (Diegues in ACHCAR, 2007, p. 46).

Nesse vai e vem ritmado pelo mar, os caiçaras estabelecem relações ora urbanas, ora tradicionais, de acordo com a situação e o lugar no qual se encontram. Isso se evidencia em diferentes momentos, como relações comerciais, artísticas e esportivas, por exemplo, “misturamo-nos sempre – mesmo quando não há desejo de mistura –, desenhando, com nossa heterogeneidade, uma configuração plural e cambiante. Híbrida e contraditória” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 58).

Existe uma clara relação histórica entre os diferentes grupos caiçaras. Algumas relações culturais e imagens de ambos os grupos podem ter origem na forma que os humanos se relacionam com o mar, e principalmente, em como empregam seus corpos para se submeterem a tais relações. Os caminhos se completam. A mecânica da remada na canoa caiçara em muito se assemelha à empregada na canoa havaiana, atualizando os mesmos gestos no corpo, demonstrando que “existe uma estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas” (DURAND, 2012,

p. 51). Enquanto uma tem uma longa tradição indígena tupinambá, a outra tem origens nas conquistas das ilhas polinésias, que também possuem um histórico remoto. É possível que em algum ponto da história, tenha ocorrido uma troca de saberes e influências entre pessoas que mais cedo ou mais tarde tenham dado origens às suas respectivas práticas, mas também é possível que o ato de utilizar um implemento flutuante para boiar e outro para lançar o corpo à frente no mar seja uma atividade inerente ao desejo do ser humano, já que “o homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (BACHELARD, 1994, p. 25), e que acabou se desenvolvendo de formas similares ao redor do globo terrestre. A aventura de embrenhar-se no mar sobre uma canoa com remo em punho pode fazer parte de um repertório comum (DURAND, 1988) e ser desenvolvida com determinadas particularidades em diferentes regiões e povos.

Cada cultura em cada região do mundo desenvolveu o seu tipo de embarcação pra sua realidade. Os caiçaras escolhem as maiores árvores quando fazem a canoa caiçara. Uma das mais tradicionais é o Guapuruvu, que quando adulto, com uns 30 anos, é muito largo, precisa de pelo menos três homens para abraçar. Então quando você pega uma árvore dessa, corta o tronco, esculpe e põe na água, a canoa geralmente tem a boca muito larga, então ela tem estabilidade. Os polinésios geralmente usavam a madeira de uma árvore chamada Koa, que é uma Acácia, que cresce muito cumprida com o tronco reto, mas que não engrossa tanto. Então a gente deduz que o caiçara esculpia a canoa, colocava na água e boiava. Os polinésios esculpiam sua canoa, colocavam na água e por conta do tronco ser mais estreito, ela não parava, não tinha estabilidade. Até que alguém pensou em colocar um braço pra dar estabilidade, e isso permitiu que eles navegassem em mar aberto, fazendo travessias oceânicas. De acordo com os recursos que tinham na região desenvolviam a embarcação e a partir daí a embarcação que dava os limites que podiam navegar. (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

A possibilidade de navegação oferecida pelas canoas possibilitou aos polinésios e caiçaras a conexão entre ilhas e continentes. Com isso, as relações entre os núcleos caiçaras já existiam mesmo antes da abertura das estradas que facilitaram o acesso às cidades do litoral norte paulista, como podemos notar neste relato:

Quando viajava, ia pra Santos, levava mercadoria pra vender, comprar e trazer pr’aqui. Ia a remo sim senhora, daqui da ilha até o mercado, na bacia do mercado. Levava três dias de viagem pra ir e voltar; num dia a gente ia daqui direto pra cidade de Santos. (Relato de Olegário Bento de Oliveira, caiçara da Ilha do Montão de Trigo in AGUIAR, 2006, p. 32).

A ilha de onde saía o remador é a Ilha do Montão de Trigo, pertencente à cidade de São Sebastião e que fica a 14 km de distância do continente. O nome se deve ao formato. Olhando de longe, parece um monte de farinha de trigo. A distância guardou a tradição. Poucas famílias habitam a ilha. Descendentes de indígenas, piratas, náufragos? As histórias são várias. O que sabem com certeza é que seus avós já foram nascidos e criados por ali. Quase todas as famílias vivem da pesca. Pesca artesanal, em canoa ou bote motorizado. Sem energia elétrica ou água encanada, as crianças tem um parque de diversão entre trilhas, cipós, pedras e mar. Ou melhor, uma ilha de diversão. A pesca é diária. A falta de energia requer dos monteiros – como são chamados os caiçaras de lá – levantar cedo na madrugada para buscar o peixe fresco no mar. Ainda assim, só chega fresco até o almoço. Depois disso, é preciso salgar o pescado para garantir a janta. O banho é gelado mesmo. Em dias frios, o machado divide a lenha que vai queimar para aquecer a água. Lá tem roça também. A vida não é fácil para o caiçara tradicional, ainda mais tão longe assim. Mas afinal, o que são 14 km remando? A Ilha do Montão de Trigo é boa demais para sair de lá. Dizem até que é encantada por uma espada fincada em algum lugar da ilha. Se tirar a espada, o encanto se quebra. Tomara que nunca a encontrem.

A cultura caiçara exerce influência sobre si mesma ao longo de todo o litoral paulista, ao passo que se manteve o contato entre comunidade e cidade, e houve o intercâmbio de caiçaras que transitaram entre esses ambientes. A bacia do mercado relatada pelo monteiro ainda existe hoje e segue sendo um local que oferece opção de transporte entre Santos e Guarujá em embarcações de madeira, hoje movidas a motor.

A evolução das embarcações se emaranha nas relações entre os grupos de caiçaras, e acompanha o desenvolvimento histórico das regiões. Antes do acesso facilitado pelas rodovias e da popularização do motor, a locomoção se dava pelas “canoas de voga, de grandes dimensões, com cobertura, remo e vela, empregadas no transporte entre Parati, Ilhabela e Santos” (DIEGUES, 2004, p. 28). Hoje, praticamente extintas, essas grandes canoas foram trocadas pelos motores e pela via terrestre. Com elas, também vai se perdendo a tradição caiçara da canoa à vela.

Imagem 14: Canoas de voga com velas. Antiga tradição que foi desaparecendo.

Fonte: Comissão Geographica Geologica 2ª ed. 1919. Capa Enc. Caiçara vol IV 2005 NUPAUB-USP.

A canoa de voga era uma técnica de navegação portuguesa porque ela tinha dois mastros de pano né, e uma técnica primitiva indígena dos nossos ancestrais daqui, os Tupinambás. E hoje só tem foto. Era o principal meio de transporte pra levar toneladas de produtos pra Santos, né? Galinha, farinha, peixe seco, cachaça. Há um tempo atrás tiraram uma canoa grande aqui, um jequitibá de dez metros, com um e quarenta de boca. A ideia é comprar essa canoa e construir uma réplica pra fazer uma viagem de Ubatuba à Santos, onde vendia as mercadorias naquele tempo e a cachaça tinha um bom preço. Foi utilizada até 1920 só, depois foi abandonada porque eram canoas muito grandes, 12, 14 metros. Então imagina uma canoa desse tamanho, a árvore mesmo era de 30 metros. Você entra e tem um metro e sessenta de boca. É muito grande. Tinha de 6 remos, de 6 vogas né, e de 4 vogas, e aí ia 8 camaradas, ou um mestre e mais 6 camaradas, porque naquele tempo chamava camarada, não era tripulação. E ia até 4 toneladas de produtos até Santos, que no remo levava 10 ou 12 dias remando. No pano de vela era 3 dias. Quando batia lestada, o vento leste, que é o vento bom daqui pra Santos. E quando daqui pro Sul geralmente navegava no terralão, que é um vento que dá da vargem, se você for na praia de madrugada você vai sentir ele forte, vento gelado, que é das 5 às 9 da manhã mais ou menos. Então essas canoas foram abandonadas, apodreceram porque ninguém usava mais, foi usada só pra descarregar os vapores que vinham pra Ubatuba naquele tempo, os navios, e aí foi apodrecendo porque não tinha mais uso. Em 1936 foi construído o primeiro barco a motor em Ubatuba. E aí nos anos 50 chegaram os motores catarinos e começaram a instalar nas canoas. E daí veio a decadência das canoas de voga. [...] Era muito comum e é bonito. A vela foi sumindo nos anos 50, 60. Os mais antigos que tinham esse costume foram morrendo. Aí quando chegou o motor ninguém quis mais saber de pano de vela. Aí tem muita praia que substituiu a canoa por essas chatinhas de alumínio. Mais prática. O povo não quer mais fazer

força, quer mordomia. [...] A gente estava até com uma ideia de fazer no mês de outubro, novembro que dá muito vento leste, a ideia antiga de fazer uma corrida ali no Itaguá de pano, no mínimo umas 10 canoas. A ideia é recuperar essa questão pra poder manter a tradição da vela. (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia de Ubatumirim, Ubatuba).

Os entrecruzamentos de caiçaras não se limitaram ao comércio e à navegação, se estendendo também ao âmbito esportivo, levando influências de Santos ao litoral norte paulista:

Joguei futebol em Santos e quando voltei a Juqueí em 43 fundei o Juqueí Esporte Clube em 21 de maio de 43, fiz o seu campo com minha família. Até hoje, apesar dos mercenários, permanece em seu lugar, sendo também a única área de lazer dos jovens e tudo isso feito sem política e sem apoio do Estado. (Relato de Atháide Isidoro dos Santos, caiçara de Juquehy, São Sebastião in AGUIAR, 2006, p. 100).

A criação de um campo que se configurou como um espaço de lazer da cidade dependeu da experiência adquirida em Santos por um caiçara de São Sebastião. Isso mostra que esta troca e compartilhamento de vivências lúdicas e esportivas eram – e ainda são – uma via de mão dupla. O processo identitário do caiçara vai se mesclando em diversos pontos, como no futebol, na navegação, no surfe, e fazem emergir novos entendimentos do que é ser caiçara.

A história da Humanidade é a história dos intercâmbios culturais (ACOSTA, 2016, p. 95).

6. Praia: onde a vida acontece

Combinando água e terra, formamos uma massa úmida, carregada de viscosidade aquosa. Neste entremeio, “esse poder de *ligar* substantivamente, pela comunhão de vínculos íntimos, o operário, sonhando sua tarefa, atribui-o ora à terra, ora à água” (BACHELARD, 2013, p. 109). Desta forma, sendo os caiçaras povos que vivem justamente no limite dessa viscosidade marítima, que incessantemente transforma a areia e molda a massa com a pressão de suas ondas, de súbito surge a relação do ir e vir entre areia e mar justamente como uma grande alegoria do contínuo trabalho do operário pescador. O vai e vem entre mar e terra, esse espaço literalmente marginal, é o modelar da vida que move os caiçaras. Este ritmo, provocado pelo mar, é o ritmo que alimenta a mão do trabalhador, é o ritmo que, em contato com a matéria, produz imagens.

Reconhecer que a matéria age por detrás dos caracteres conceituais que a classificação aristotélica revela, é confessar a importância do gesto. [...] Os objetos não passam, no fim de contas, como o nota o tecnólogo, de complexos de tendências, redes de gestos. (DURAND, 2012, p. 53)

6.1. Cultura caiçara

Tento compreender o papel do corpo e, principalmente, das manifestações corporais na cultura caiçara, mas afinal, o que é cultura? O conceito, muitas vezes flutuante, é bem apresentado no seguinte trecho, que diz que a cultura é:

entendida como o universo da criação, apropriação, transmissão e interpretação dos bens simbólicos e suas relações. Dessa forma, entendemos que o que caracteriza as várias culturas são os processos simbólicos envolvidos no ato criativo, bem como aqueles envolvidos na nossa capacidade de nos apropriar de seus conteúdos, sentidos e significados. (FERREIRA SANTOS, 2004, p. 38).

De acordo com essa definição, podemos entender a cultura como substrato daquilo que os seres humanos produzem como forma de se relacionar com o mundo que os cerca. Sendo desta mesma materialidade que forma o mundo, os jogos são, evidentemente, parte integrante do patrimônio cultural das mais distintas comunidades. Com variações de regras, materiais e formas, tais jogos, quase sempre dependentes do corpo, inserem a materialidade física humana no espectro cultural que abarca determinado grupo.

Todo surfista tinha que ser completo, então tinha que nadar bem, praticar outras atividades tipo correr na praia, musculação, então se o cara surfava em pé, ele tinha que aprender a surfar deitado, se ele surfava deitado ele aprendia a surfar sem prancha, então o surfe de peito era importante. Então eles tentavam abranger todas as formas de cultura voltadas para o mar e para a água, era uma coisa bem legal. Tanto é que a gente aprendeu aqui cedo a ser meio que apaixonado pelo oceano, respeitar o oceano com um olhar não só de prática esportiva, mas como prática espiritual mesmo. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da praia da Pompéia, Santos).

O jogo fala muito de quem é você, da cultura da qual você faz parte. Até mesmo para quem assiste. Sendo assim, dentro de um universo plural de construções simbólicas, passível de inúmeras influências, modificações, apropriações e interpretações, como acabamos de delimitar, não é cabível esperar que as culturas, mesmo que tradicionais, não apresentem transformações ao longo do tempo.

Nada mais equivocado que considerar a cultura caiçara como algo estático, homogêneo, imutável, uma vez que as comunidades praianas estudadas nasceram e se reproduzem associadas a ciclos econômicos mais amplos, dependentes de vilas e cidades que, por sua vez sofreram o impacto de inúmeras mudanças sociais ao longo de sua história. Essa história é tanto mais longa por se tratar de uma das primeiras regiões a serem colonizadas pelos europeus [...]. É evidente que nenhuma cultura tradicional existe em estado puro. Assim, um determinado grupo social portador de uma cultura tradicional, como a caiçara do litoral de São Paulo, pode apresentar modos de vida em que suas características básicas estejam presentes, com maior ou menor peso, em razão, sobretudo de maior ou menor articulação com o modo de produção capitalista dominante; ou seja, as populações e culturas tradicionais se acham hoje transformadas em maior ou menor grau. (DIEGUES, 2004, p. 40).

Todo esse processo complexo pelo qual a cultura caiçara está em constante transformação se reflete também na reformulação de tradições, que se evidenciam nas práticas corporais, já que “o complexo de cultura revive e rejuvenesce uma tradição.” (BACHELARD, 2013, p. 19). Com isso, a canoa caiçara, que perdeu força em determinadas regiões caiçaras, como na Baixada Santista, deu espaço a uma prática que consegue unir a tradição remadora com as influências de um mundo globalizado, como a canoa havaiana, e permite aos que revivam tradições, em gestos atualizados aos seus contextos.

Antes de remar eu tinha feito alguns outros esportes, assim de moleque, jogava bola, ia para a praia e tal, mas na canoa foi onde eu me encontrei mesmo (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

As práticas corporais caçaras reinventam-se e perduram na vida deste povo, acompanhando as mudanças, tão presentes nestas populações, mas deixando vestígios representativos do que é a cultura caçara. Essas práticas, portanto, se inserem como fortes elementos culturais e também atualizam essa estrutura gestual rítmica, cíclica.

A visão de que as manifestações corporais também são componentes culturais ainda não é unânime, apesar dos esforços de órgãos como a UNESCO (2001, 2003). Pelo detectado em campo e em bibliografia, reforça-se aqui a importância de se compreender as práticas corporais como cultura. Talvez minha dissertação possa ajudar a reforçar o tema e a importância desse entendimento. Os jogos podem ser uma boa ponte para conectar cultura e corpo por dialogarem com o repertório biocultural dos participantes e por se colocarem como tradições significantes de determinados grupos.

Importante lembrar que, assim como a cultura, uma vez que está atrelada a ela, “tradição é entendida não como algo imutável, mas como um processo histórico pelo qual elementos da cultura chamada moderna são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida.” (DIEGUES, 2004, p. 23). Nessa constante reformulação, a vívida cultura se faz mostrar em tradições que são continuamente reinterpretadas e ressignificadas.

A ideia de tradicional está recorrentemente associada à “preservação” e ao “antigo”. Mas o que nos mostra o movimento rodopiante em torno da Bola e do Boi é que este patrimônio imaginal não está para ser “preservado”, a partir de sua existência longa. Quando se preserva, guarda-se, imobiliza-se, petrifica-se. Quer-se como está e não de outra maneira. Ao contrário da ideia de imobilidade, a diversidade de possibilidade dos jogos mostra um universo dinâmico e ativo, em constantes mutações, recorrente, de forma não unificada e ainda a ser desvendado. Assim a ideia de tradição sugere mais do que a manutenção; a recriação, a ressignificação, a transformação. O encontro com o mesmo – de novo e de novo. Afinal, jogamos sempre. Se possível, todos os dias. (SAURA, 2014, p. 177).

Na relação entre tradições e cultura, o esporte figura como um elemento de atualização da cultura por meio do corpo. “Por meio do desporto o corpo pode ser invadido, arado e *colonizado* pelas e para as mais distintas culturas.” (BENTO, 2006, p. 159). Sendo assim, os jogos tradicionais são como uma invasão do ser pela cultura, e também podem servir como um campo de resistência à massificação que se rege de acordo com a toada da globalização da sociedade, que muitas vezes tenta colonizar corpos, colonizar culturas.

Tradições são seleções reflexivas e transformações daqueles aspectos de antigos costumes que criam identidade e valor para aqueles que estão engajados em sua preservação. Tradição é o reflexo de como desejamos pensar sobre nós mesmos e sermos aceitos pelos outros. Tradição é a retórica de nossa própria identidade. (SUTTON-SMITH, 1991, p. 26).¹⁰

Além disso, se o esporte pode ter um poder colonizador, é preciso que se tenha atenção. Existe a possibilidade de uma modalidade estranha à determinada cultura por ela se alastrar e até tomar o espaço de jogos tradicionais, fazendo com que as manifestações autóctones sejam aos poucos esquecidas pelas novas gerações. Entretanto, também é possível que essa modalidade estrangeira venha a ser assimilada pela cultura local, dotando o jogo de valores próprios e fazendo com que se altere de modo a se compatibilizar com a cultura dos que agora o jogam. O jogo, antes de colonizador, é acima de tudo libertador. Tem a capacidade, portanto de transformar, por meio do corpo, do gesto, da própria cultura. Tudo é uma questão de representação simbólica, processo pelo qual o jogo invariavelmente se coloca.

É preciso pontuar, no entanto, que apesar de se apresentar como uma possibilidade de engajamento política e sociocultural, o jogo se estabelece em uma realidade anterior à necessidade de contraposição a uma globalização desenfreada. É um fenômeno que, sem desvaler a importância dessa luta, supera o embate e se faz necessário por conta própria. O jogo é importante porque precisamos dele para viver, acima de qualquer outra significação que o jogo pode – e deve – assumir.

Sendo assim, é claro que os caiçaras em geral realizam jogos que não são originários, mas que passaram por esse processo de representação simbólica e assimilação cultural, e hoje podem ser considerados jogos caiçaras. É o caso de algumas modalidades praticadas na praia e no mar, uma vez que as imagens geradas por estes ambientes são as principais na composição do imaginário caiçara, como a canoa havaiana e do surfe, que remando em imagens marítimas, encontraram nos caiçaras espaço para se instalar como prática significativa.

Por um acaso gostei de surfar de bodyboard, talvez pelo desafio, eu acho uma prancha mais desafiante. E minha relação com a onda também é diferente. É uma relação de se ter um comportamento diferente com a onda. De você se expressar, de você gostar daquilo que a prancha te ajuda a proporcionar. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da praia da Pompéia, Santos).

¹⁰ Tradução livre.

As práticas corporais, portanto, permitem que se estabeleçam formas diversas de dialogar com as imagens que fazem parte do imaginário caíçara. Para melhor delimitar essas imagens, que compõem o corpo teórico desta dissertação, vale dizer que:

elas estão sujeitas a um *evento*, a uma situação histórica ou existencial que lhes dá colorido. É por isso que a imagem simbólica precisa ser sempre revivida, mais ou menos do modo como uma música ou um herói de teatro precisa de um "intérprete". E o símbolo, como toda imagem, é ameaçado pelo regionalismo da significação e corre o risco de se transformar, a cada instante, naquilo que R. Alleau chama judiciosamente de "sintema", ou seja, uma imagem que tem por função, antes de mais nada, um reconhecimento social, uma segregação convencional. Poder-se-ia dizer que há aí um símbolo reduzido à sua potência sociológica. (DURAND, 1988, p. 33).

Existe uma importância do regionalismo dos símbolos, uma relevância dos atores que significam as imagens, que dão cor e vida aos símbolos fundantes de significação simbólica de cada prática e cultura, já que todo símbolo possui, ao mesmo tempo, forma (mais palpável e superficial) e sentido (mais profundo, vivenciável) (FERREIRA SANTOS, 2012). Sem os caíçaras os símbolos compartilhados não teriam o mesmo sentido – nem existiriam – e não poderiam ser dotados da carga cultural e simbólica que possuem.

Portanto, vale frisar novamente o componente cultural representado pelo corpo e pelos jogos. As manifestações corporais carregam uma bagagem simbólica essencial, pois “os corpos, sendo anatomias e fisiologias, são também artefatos socioculturais, isto é, corporificações das ideias de cultura e sociedade” (BENTO, 2006, p. 172).

Os jogos tradicionais são fascinantes, seja ele um jogo autóctone que apenas alguns humanos praticam na Terra ou um jogo como a bolinha de gude ou o pião que podemos encontrar das mais variadas formas em diferentes pontos do planeta. Estes jogos, de uma forma ou de outra, revelam a cultura dos que jogam de uma maneira dinâmica, viva, lúdica, convidativa, encantadora.

O surgimento destes jogos está associado às necessidades intrínsecas de construir e expressar estados de ânimo, vínculos espirituais e manifestações artísticas da vida cotidiana. Por isso é possível perceber nos jogos tradicionais a cosmovisão de cada povo, em associação com as formas de trabalho, a produção artesanal, as crenças religiosas, espirituais e tradicionais da comunidade. (MARTÍNEZ PERDOMO, 2015, p. 134).¹¹

¹¹ Tradução livre.

O jogo tradicional é uma formidável apresentação de como são aquelas pessoas que estão ali, em movimento e diálogo por meio do jogo. Há um outro tipo de saber envolvido: o saber do corpo, do que se processa na vivência, na experiência corpórea. Revela como vivem, com o que trabalham, no que acreditam. Expõe a fé, o amor, a crença. Faz rir, faz perpetuar, faz remodelar. “Tal tipo de jogo deixa para a tradição local o cuidado de transmitir seus códigos e rituais, o sistema de regras é estabelecido pelos grupos que os praticam, segundo costumes locais.” (VINHA, 2015, p. 232).

O jogo é uma dádiva humana com caráter divino. Seu caráter libertário, autônomo e imprevisível confere a possibilidade de se associar significados à manifestação, além de inserir o corpo, ou ainda, a completude do Ser, no cerne cultural da comunidade praticante. Com isso, muitas vezes, ocorre a transformação do jogo em um rito.

Todo jogo se define pelo conjunto de suas regras, que tornam possível um número praticamente ilimitado de partidas; mas o rito, que também se “joga”, parece-se mais com uma partida privilegiada, retida entre todas as possíveis, pois apenas ela resulta em um certo tipo de equilíbrio entre os dois campos. A transposição pode ser facilmente verificada no caso dos gahuku-gama da Nova Guiné, que aprenderam futebol, mas que jogam durante vários dias seguidos, tantas partidas quantas forem necessárias, para que se equilibrem exatamente as perdas e ganhas por cada campo (Read 1959, 429), o que é tratar um jogo como um rito. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 46)

O jogo revela, além de tudo, quais são suas imagens simbólicas. “Cada povo agrega ao seu patrimônio cultural imanente, seus jogos e por meio deles se constrói um imaginário próprio, característico do entorno cultural em que subsistem seus habitantes” (MARTÍNEZ PERDOMO, 2015, p. 136).¹²

Hoje, por conta de seu papel na composição do imaginário das comunidades, os jogos tradicionais exercem também uma função de resistência cultural. Passou-se a utilizar das práticas corporais como forma de demarcar território na luta por direitos. Assim, os jogos acabam revelando uma nova finalidade. Bento já prevê esse tipo de mudança nos jogos quando diz que:

o uso desportivo do corpo pode ser instrumentalizado para distintas e até contraditórias finalidades, em consonância com a vigência, a dinâmica e a mutabilidade dos conceitos culturais e dos problemas e necessidades gerais. (BENTO, 2006, p. 156).

¹² Tradução livre.

A respeito das influências históricas sobre o corpo, é imprescindível rememorar que “a revolução industrial e o capitalismo lembraram-lhe que devia ser forte e sadio para poder ser útil” (BENTO, 2006, p. 177). Essa é uma fase na qual ocorre uma forte exacerbação do modelamento dos corpos de uma forma padronizada, mecânica, fabril, para que possam ser utilitarizados, extraídos seu potencial produtivo e que dele, se lucre; mas que também possam ser descartados e substituídos quando necessário. O esporte de uma maneira geral também é afetado por essa nova forma de se relacionar com o corpo e com o mundo:

a partir de que momento (não se trata de uma data precisa) se pode falar de desporto, quer dizer a partir de quando foi que se constituiu um campo de concorrência dentro do qual o desporto se viu definido como prática específica, irreduzível a um simples jogo ritual ou ao divertimento festivo. O que equivale a perguntar se o aparecimento do desporto no sentido moderno do termo não é correlativo de uma ruptura (que pôde operar-se progressivamente) com actividades que podem aparecer como os “antepassados” dos desportos modernos (BOURDIEU, 2003, p. 183).

Essa reconstrução histórica da criação do conceito de esporte como apresentado hoje e sua relação com cultura (SANTIN, 2013) é importante para termos em mente a noção de que o esporte contemporâneo se desenvolve a partir de uma ruptura proposital com atividades que seriam originárias às modalidades, em outras palavras, ruptura com as manifestações corporais tradicionais.

Percebemos a ocorrência de um princípio hegemônico, pelo qual – em nome da civilização, da Cristianização, da colonização e da modernização – certas brincadeiras, danças e outras atividades físicas foram proibidas de serem executadas, foram perseguidas e por fim, foram abolidas (RENSON, 2014, p. 129).

Esta ofensiva segue em curso contra as manifestações tradicionais e pode ser observada também na cultura caiçara.

A igreja evangélica arregaçou com a nossa cultura. É coisa do diabo tocar viola, fazer rabeca. A música era o momento de celebrar a roça, a puxada de canoa. Cortaram a música. Uma lavagem cerebral muito forte. (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Sendo assim, manifestações como danças, músicas e jogos podem ser entendidas também como uma forma de resistência, a partir do momento em que materializam o que salta do imaginário por meio do corpo. Se o esporte surge como cisão com a tradição e com o comunitário, na tentativa de unificação e globalização; a resistência

dos jogos tradicionais pode ser colocada como um instrumento de luta pelo reconhecimento cultural, que pode auxiliar as comunidades na salvaguarda de suas culturas. Esse auxílio se dá tanto por meios internos, de valorização cultural e reformulação identitária dos indivíduos que as compõem quanto por vias externas, apresentando a cultura à sociedade de forma envolvente e aprazível, gerando visibilidade (PERES et al., 2019) e deixando-se emergir da prática dos jogos. Isso se revela principalmente nos eventos destinados à celebração da cultura caiçara, nos quais estas práticas surgem como o principal elemento de coesão comunitária. As pessoas se reúnem ao redor da manifestação corporal para, em comunidade, empoderarem-se, festejando sua cultura, praticando seus jogos, cantando suas músicas, vivendo suas tradições.

Discorrendo sobre as forças de imaginação, Bachelard (2013) traz a ideia de que possuímos forças distintas em atuação e cada uma possui características próprias:

Umas encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever. Na natureza, longe de nós, já vivas, elas produzem flores. As outras forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e a história. Na natureza, em nós e fora de nós, elas produzem germes; germes em que a forma está encravada numa substância, em que a forma é interna. (BACHELARD, 2013, p. 1).

Pode-se dizer que o jogo, portanto, está no contexto de tais forças imaginantes. Os jogos carregam consigo a novidade, o pitoresco, a variedade, o inesperado; características do primeiro tipo de força. Porém, ao pensarmos o jogo como espaço no qual a cultura se expressa, se reencontra e remodela, passa a conter também características do segundo tipo de forças descrito, já que é por onde se pode confluir o primitivo e o eterno de cada um, ou ainda, de cada comunidade e cultura. Mais adiante, o autor garante que só teremos capacidade de entender as imagens quando nos dermos conta da necessidade de um olhar completo sobre as coisas, quando percebermos que toda imagem é dotada de forma e matéria. O jogo também só pode ser compreendido se tomarmos a visão geral sobre ele, em sua completude. Apenas quando enxergarmos no jogo sua forma e sua matéria, sua relação com as coisas do mundo, é que teremos capacidade de observar as imagens que aquele jogo transmite.

Quando pensamos em jogos tradicionais caiçaras, a corrida de canoa caiçara aparece em posição de destaque. Antes de entrar nos méritos do jogo propriamente dito, é preciso compreender que a canoa tem relevância no universo dos jogos e nas falas dos comunitários provavelmente por estar, ela mesma, no centro da vida do caiçara.

As comunicações com o mundo exterior ou com o núcleo da vila eram feitas, primeiramente, pelas rústicas canoas de voga, de um tronco só à moda dos índios Tamoio. O nome mesmo da vila, Ubatuba, estaria significando, na língua dos primeiros habitantes, o “território de muitas canoas”. (MARCÍLIO, 2006, p. 53).

Neste trecho, sublinha-se uma das versões existentes para o significado do nome de Ubatuba. Apesar de haver outras leituras possíveis ao termo, esta revela a importância dada a esse instrumento de incrível projeção do movimento humano, a canoa, que possibilita a superação dos limites impostos pelo corpo, além de criar a ideia de fusão entre pessoa e instrumento (GUMBRECHT, 2007), corpo e madeira, caiçara e canoa, constantemente em posição de destaque no modo de vida desta população.

Em outra passagem, a autora também nos mostra uma época importante da pesca caiçara, na qual o principal meio de transporte e implemento utilizado na pesca também é a canoa:

em agosto vinham às praias, enseadas e emboscadouros de rios de Ubatuba, os cardumes de tainhas, obrigando a formação das “campanhas” diárias (mutirões) para a pesca, secagem e salga dos peixes, além de seu transporte em canoas, para a comercialização nos portos vizinhos. (MARCÍLIO, 2006, p. 217).

Os pescadores caiçaras saem das praias em suas canoas tradicionais de madeira, atrás dos cardumes para trazer de volta às praias, ou ainda, levar às cidades vizinhas para a comercialização. A canoa é fundamental no modo vida caiçara. Desde a chegada dos barcos a motor, mais rápidos e leves, feitos com metal, a canoa não é utilizada como anteriormente, mas ainda serve como embarcação para uma pesca menor, local, ou ainda como alternativa sem custos, por não precisar de combustível. Vê-se, portanto, como a canoa é fundamental no modo vida caiçara.

A embarcação ancestral possui distintas sensibilidades e também por isso a canoa caiçara se coloca como uma prática tão significativa. Enquanto a canoa é o ventre, o implemento da comunhão nos mutirões e festas, a provedora de alimentos, o diálogo com o silêncio e conexão com o tempo, com o *eu* como parte constituinte da natureza, a canoa é também a potência individual, que rasga o oceano, as ondas,

transforma pescadores em centauros do mar, em busca de desafios, e competem com a morte em corridas contra peixes ou mesmo outros remadores. A canoa é, assim, feminina e masculina, comunitária e individual.

A dependência da canoa para os caiçaras gerou uma familiaridade muito grande da cultura com a navegação. Durante os mutirões de pesca ou ao longo das viagens, os remadores também competem e se divertem se equilibrando no balanço do mar. Assim surge um dos principais e mais representativos de seus jogos tradicionais, a corrida de canoa caiçara.

Foi ideia de um professor que morava no Itaguá, e vendo os pescadores que vinham de fora. No Itaguá tem umas ondinhas que vem devagarinho, uma atrás da outra, e aí os pescadores vinham cada um na sua canoa ou dois conforme a canoa, e na chegada da praia eles ficavam disputando quem ia chegar primeiro. O garramar é o cara que garra a onda pra chegar na praia né. Então esse professor começou a observar e via que os caras chegavam mais perto da praia e remavam mais rápido pra pegar a onda e chegar na praia, e aí ele ficou pensando na possibilidade daquilo virar uma competição que as pessoas se juntassem pra fazer e começou a fazer. Fez a primeira que inclusive foi lá no Itaguá. Hoje tem ainda, a corrida lá tem mais de 60 anos que acontece em frente à capela de lá, que hoje é a paróquia Nossa Senhora das Dores. Ele começou fazendo lá e iam pessoas da Picinguaba e daqui de Ubatumirim remar e competir. Mas começou desta forma, uma brincadeira simples assim, entre pescadores. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da praia da Justa, Ubatuba).

6.1.1. A corrida de canoa caiçara

Começam correndo, empurrando a grande tora de madeira esculpida, para que ela flutue completamente e possa rasgar o mar a cada remada.

Imagem 15: No início da corrida, caiçaras empurram suas canoas para a água.
Fonte: acervo pessoal

A canoa balança, parece instável. Para trás, o mar mexido e a espuma que acusa remadas passadas. Estão em pé, flexionando quadril, tronco e braços, buscando a máxima potência e propulsão a cada vez que o remo fura e empurra o mar para trás. E assim vão deslizando, competindo, cada vez menores.

Imagem 16: As primeiras remadas da corrida parecem pesadas, não é fácil vencer as ondas.

Fonte: acervo pessoal

Chegam ao ponto que haviam combinado, e precisam voltar. É crucial que a manobra seja bem realizada, mas virar a canoa e apontar de volta em direção à praia é difícil pensando no balanço do mar e no espaço que as outras canoas também ocupam. Alguns encontros parecem inevitáveis.

Imagem 17: Um emaranhado de canoas se forma na primeira curva do percurso.

Fonte: acervo pessoal

Agora o que resta é vencer novamente as irregularidades do mar e fazer o remo e as pernas se entenderem para deixar a canoa para cima e o adversário para trás. A ponta do remo entra mais e mais no mar, os músculos vão numa explosão, o equilíbrio já não parece mais problema. A canoa e o remador são um só. Um bicho estranho, metade músculo metade madeira. A praia está cada vez mais perto.

Imagem 18: O “garramar” na chegada é o ponto alto das corridas.

Fonte: acervo pessoal

Um pouco antes do contato da madeira com a areia, é hora de se desconectar. Pessoa e barco voltam a ser dois. A canoa, como se tivesse raízes no mar, fica à beira-mar, vendo o remador terminar a corrida com as próprias pernas. Às vezes, parece que as canoas só aceitam que a pessoa desmonte dela se outra a segura no raso. Extenuados, remador e canoa se separam. A respiração alenta um corpo agitado, enquanto as ondas que quebram na areia confortam a canoa abandonada.

Imagem 19: O retorno à praia é o momento de se desconectar da canoa.

Fonte: acervo pessoal

Antes das corridas, vê-se o riso, a timidez, a desconfiança, a ansiedade. Instantes antes de começar somem os sorrisos. Agora é tensão, foco, atenção. A largada parece sempre um susto. Os corpos se colocando repentinamente a funcionar. Parecem dizer: “então é isso que é ser caiçara?”. Aparentam até temer não conseguir, mas quando se dão conta, já estão se afastando da praia e cruzando o mar como quem faz aquilo há séculos. E de fato o fazem. A intimidade entre remador e canoa é tanta que parecem conversar e se entender (VASCONCELOS, 1962). Quando dão a volta no percurso e apontam novamente à terra firme, os sentimentos são de expectativa, ânimo. À medida que se aproximam, é como o sol, potente, nascendo do horizonte. Vão noturnos, voltam solares.

A barca de forma sugestivamente lunar será também primeiro meio de transporte: Ísis e Osíris viajam numa barca fúnebre, enquanto Ishtar, Sin, o Noé bíblico ou o polinésio, o macaco solar do Râmâyana, o Prometeu hindu Matariçva (“aquele que cresceu no corpo da mãe”) todos constroem uma arca para transportar a alma dos mortos ou para conservar a vida e as criaturas ameaçadas pelo cataclismo. (DURAND, 2012, p. 250).

Esta dupla representação que a canoa possibilita revela um caráter crepuscular, pois congrega em si os dois regimes, diurno e noturno, como é também costume nas culturas afro-ameríndias (FERREIRA SANTOS, 2012). Talvez por conta de que quando saem para pescar, essa seja a lógica cósmica. Voltam heróis. Enfrentaram a morte, com toda a sua dose de medo e escuridão (BACHELARD, 2013). Esquife, remos e corpo, em comunhão, venceram as ondas, a maré, a escuridão. Desfilam deslizantes sobre o marítório conquistado. Desembarcam como um deus que desce dos céus. O tempo para. O mar para. A canoa para. Tudo, menos o herói que alcançou a imortalidade. Acabada a corrida, sua humanidade retorna. É, também, mortal. Os sorrisos retornam. Os abraços, as comemorações, a respiração ofegante revelam uma pessoa cansada, mesmo vitoriosa. E a festa continua na brincadeira de subir e descer do Olimpo, lançando-se ao mundo dos mortos sem saber se voltam de lá.

A condução das canoas era tarefa originalmente masculina nas comunidades caiçaras tradicionais (MARCÍLIO, 2006), o que fez com que as corridas tivessem, inicialmente, caráter exclusivamente masculino. Essa predominância inicial dos homens nas corridas revela também o simbolismo da tarefa também masculina de cercar o cardume. Um momento de transformação antropozoomórfica que faz de homens, golfinhos, e que em grupos vão cercando a tainha e aprisionando os peixes em suas

redes. Há uma continuidade entre o pescador e o coito do golfinho nas águas. Mergulhar-se na água do mar em busca da vida que alimenta o corpo em forma de peixe mostra o caráter fértil de penetrar a rede e das águas tirar o alimento vital. Numa verdadeira dança, homens e golfinhos brincam de encurralar o movimento subaquático do cardume, que tenta se esconder nas ondas, fugir das redes e das bocas famintas.

Outro dia o fato aconteceu enfim
Um golfinho-anjo, um boto-serafim
Chegou pra me ajudar
Me agarrei
Àquele corpo liso e me deixei levar
Ao lado o seu sorriso aberto a me guiar
Então eu relaxei
E me entreguei completamente ao mar¹³

Esta simbiose entre os seres do mar se mantém ainda hoje em algumas praias, onde os golfinhos seguem pescando com os caiçaras. O caráter exclusivamente masculino, no entanto, enfraqueceu. E isso pode ser notado também nas corridas. Existem provas exclusivamente masculinas assim como as exclusivamente femininas. Além disso, ocorrem corridas com duplas mistas ou mesmo individuais sem especificação de gênero.

Hoje, a corrida de canoa caiçara é um jogo muito representativo para essa cultura e amplamente difundindo pelas comunidades do litoral paulista. Reacende elementos culturais por dialogar diretamente com as imagens praianas deste povo que vive à beira-mar, comunitariamente em festa, demarcando ritmos da natureza, tempos de cardumes, movimentos da lua e das marés.

A corrida de canoa caiçara não está tão ligada ainda a essa coisa do esporte mesmo, da competição. Não é isso o principal que as pessoas buscam ali naquele momento. Por mais que as pessoas vão lá e queiram competir, é claro, todo mundo quer ganhar. O ideal, o que se busca é fazer com que isso não acabe. É a questão da valorização da própria canoa caiçara e do momento em que as pessoas se juntam, conversam, conhecem novas pessoas. O momento que uma pessoa que está mais distante, no norte da cidade, vai se juntar com as pessoas do

¹³ Versos retirados da música “Afogamento”. Composição de Gilberto Gil. Gege Edições / Preta Music (EUA & Canada). Disponível em: <https://gilbertogil.com.br/sec_musica_2017.php>. Acesso em 14 jan. 2020.

sul. É um momento que as pessoas se juntam, conversam, contam histórias. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da praia da Justa, Ubatuba).

Com isso, reforça-se a coesão comunitária dos caiçaras. Vencer e perder, não necessariamente se configura como se sobrepor ao adversário. Existem outros fatores. A canoa é um deles. Existem canoas campeãs. O maior desafio, não é vencer o outro competidor, mas vencer o desafio de enfrentar o mar, munido da tradição. Outra provocação é se confrontar com a tradição de uma cultura. Da sua cultura. Quantas vezes é preciso cair no mar antes de vencer uma corrida? Sem antes bater, virar, afundar a canoa; sem se afogar, nadar de volta, perder o remo, é possível vencer uma corrida? As corridas, acima de tudo, carregam esse caráter de celebração das tradições caiçaras, celebração da própria cultura, e isso reforça também as tradições necessárias para que o jogo possa acontecer, principalmente a transformação de madeira em remos e canoas.

6.1.2. Carpintaria e marcenaria caiçara: da canoa à rabeca

O caiçara possui uma intensa relação com o espaço do qual faz parte, e isso se reflete em diversas frentes. A Mata Atlântica é fundamental para essa cultura, que encontra na vegetação, matéria prima para a fabricação de muitos artefatos que são verdadeiros patrimônios materiais.

O artesanato em madeira ainda hoje é muito usado entre os caiçaras. Em madeira são feitas as canoas e todos os móveis domésticos para além de alguns objetos menores de uso rotineiro como gamelas, bateias, conchas e cuias. Exímios carpinteiros, habilidosos no uso das madeiras nativas, no reconhecimento da melhor lua para o corte, no tratamento da madeira para evitar o seu apodrecimento, o caiçara hoje tem uma preocupação constante: como conseguir madeira boa, de qualidade, para trabalhar – na madeira “comprada” ele não tem a mesma confiança. (BRANCO; CASEIRO, 2005, p. 109).

Com a chegada dos parques, a obtenção de madeira da mata tornou-se mais complicada, já que agora vivem em zonas de preservação ambiental. Assim mesmo, o caiçara conseguiu manter a tradição da carpintaria naval para a fabricação das canoas tradicionais, necessárias para a pesca, transporte e também durante as corridas. As canoas caiçaras, peças únicas esculpidas de um tronco, são, por isso, também conhecidas como canoas de um pau só. Das sobras do tronco da árvore da qual a canoa

foi “tirada” – como eles mesmos gostam de dizer – é possível confeccionar uma infinidade de objetos utilizados no cotidiano caiçara.

Com as sobras de madeira do fabrico das canoas faziam-se pilões e gamelas. A tora escolhida para a feitura de uma canoa de uns cinco metros dava também para mais 5 gamelas “tiradas no machado e no enxó” (BRANCO; CASEIRO, 2005, p. 110).

A forma de trabalhar a madeira é transmitida pelas gerações. Algumas ferramentas manuais, como o machado e a enxó, dão o contorno tradicional às canoas, que hoje contam também com a ajuda de motosserras para agilizar o grosso do trabalho, antes feito completamente no machado.

Imagem 20: Ferramentas manuais usadas para a fabricação de canoas, móveis e instrumentos caiçaras.

Fonte: acervo pessoal

Da carpintaria caiçara podemos começar a entender a importância fundamental que o corpo possui na cultura caiçara. Um mestre canoeiro não se faz com aulas teóricas, com explicações mastigadas. É uma sabedoria ancestral, é um conhecimento corporal que se transmite por meio da observação e participação no processo de fabricação de uma canoa.

Desde pequenininho, eu comecei a trabalhar pra ajudar meu pai. Fazer canoa, com machado. Aprendi com meu pai. Você vai olhando o que

meu pai fazia, via aonde batia as linhas, os níveis, os prumos. Não tem como ensinar pra passar pro outro, você vai olhando e vai aprendendo. Tudo no olhar. Meu pai, acho que foi com um livro que tinha antigamente que ele viu e com o meu tio. Meu tio fazia canoas e veio ajudar ele fazer. Depois passou pra nós. E até esses tempos que meu pai tirava eu nem era nascido. Meu pai já criava nós nisso aí. (Relato de Néri Barbosa, caiçara do sertão do Ubatumirim, Ubatuba, in CHIEUS JÚNIOR, 2005, p. 440).

Este saber ultrapassa a simples obtenção de informações coordenadas. É um saber pautado na experiência e, portanto, pautado no “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Aprender a fazer canoa caiçara faz parte de quem vive no meio das árvores canoas. O caiçara, quando olha a mata, procura o tronco perfeito, onde dele já consegue visualizar a canoa, ainda a ser esculpida. A construção da matéria canoa envolve, por sua vez, diversos aspectos que compõem o repertório de cultura imaterial deste povo.

Primeiro corta na mata, corta com o machado, a atora, com o machado, arrasa, desboja, cavoca; depois, então, vai de enchó, uma parte por cima né, e por baixo tira com o machado novamente, e por dentro novamente machado e enchó e o terminamento com enchó. (Relato de Antonio Rodrigues dos Santos, caiçara do Bonete, Ilhabela, in AGUIAR, 2006, p. 85).

Existe uma sabedoria ancestral muito valiosa. Seu Mandico também relata o processo que acontecia desde a retirada da canoa da mata em Ubatuba:

No antigo fazia a puxada da canoa. Porque era tirada lá no sertão do Ubatumirim, lá no sertão lá. Do lugar que tirava dava duas horas pra chegar no sertão mesmo, muito longe. Aí vinha puxando. Quando a canoa ficava no corte vinha puxando e aí precisava de mais gente. Vinha puxando, puxando até cair no rio, porque o sertão tem o rio né. Aí a gente joga no rio. Do rio então vem puxando pelo rio, que tem lugar mais fundo, lugar mais baixo, até sair lá na praia do Ubatumirim, lá na barra. Aí a gente vem trazendo o corte da canoa até a Almada. Depois tem que limpar, tem que embarcar tudo, deixar bonitinha (Depoimento de Seu Mandico, caiçara da praia Brava da Almada, Ubatuba).

A retirada de uma canoa de um tronco de árvore é um processo extremamente complexo. Não tem desenhos, projetos digitais, etc. A canoa se faz na cabeça do caiçara, “pois a necessidade de fazer a própria canoa transformou-o no hábil carpinteiro da ribeira, mestre de construções navais” (ALMEIDA, 1945, p. 71). Assim, esculpe linha a linha, ponto a ponto.

Papai sabia ler uns traços, que tinha umas coisas indígenas antigas. Ele olhava o olho. E copiava lá. Ele já tinha imaginação, cara. Quem

sabe já tem na imaginação, já olha numa árvore e vê aonde que é a canoa. Eu tenho isso. O meu pai tem isso, meu irmão Baéco. Eu já tenho a parte certinha da canoa, na tora. Chega aqui uma pessoa e encomenda eu quero a canoa de sessenta centímetros de largura. Aí você já monta isso na cabeça [...]. (Relato de Néri Barbosa, caiçara do sertão do Ubatumirim, Ubatuba, in CHIEUS JÚNIOR, 2005, p. 440).

A fabricação das embarcações é crucial na vida náutica. É preciso entender a canoa não só para construí-la, mas também para fazer sua manutenção, como consertar buracos, rachaduras; saber como pintar, em que ponto reforçar. Para aprender, são anos de observação dos mais velhos, e a transmissão desta sabedoria é uma relação entre mestre e aprendiz, entre pai e filho, entre uma geração e outra.

Imagem 21: Mário Gato esculpindo uma pequena canoa para seu filho Joaquim, que observa e participa da tradição.

Fonte: acervo pessoal

Essa transmissão geracional também se aproxima muito da prática tradicional do surfe. No filme de animação “Tá dando onda”¹⁴ isso é retratado também no processo de fabricação da prancha de surfe, ilustrado pela fala do mestre ao aprendiz: “A prancha já

¹⁴ Animação produzida pela Sony Pictures Animation, dirigida por Ash Brannon e Chris Buck. Lançada em 2007 a animação tem como enredo um jovem e promissor surfista que tem a chance de conhecer e aprender com seu maior ídolo, uma lenda do surfe que era dada como morta. Título original: Surf’s up.

está dentro do tronco, tudo o que você precisa fazer é achá-la”, quando o jovem surfista está tentando esculpir a prancha de um tronco. A ideia de que a canoa e a prancha já estão no tronco da árvore são recorrentes na cultura caiçara e na cultura polinésia.

A fabricação da primeira prancha de surfe no Brasil também passa pela sabedoria dos carpinteiros caiçaras. Nos anos 1930, um grupo de santistas influenciados pela cultura polinésia, em destaque no Havaí, nos EUA, aliou o conhecimento caiçara ao surfe e passaram a surfar as ondas de Santos:

O pai do Osmar Gonçalves trouxe uma revista chamada “popular mechanics”, que mostrava como fazer uma tábua havaiana, que era uma prancha de surfe [...] e junto com um carpinteiro naval, começaram a fazer essa prancha aqui em Santos. Essa foi a primeira sementinha de surfe em Santos, mas de surfe em pé, porque antes disso também, o pessoal pegava onda num madeirite chamado planonda, deitado. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da praia da Pompéia, Santos).

A brincadeira de deslizar nas ondas já existia antes da influência havaiana, mas a baixa flutuação do madeirite impedia que se pudesse ficar em pé sobre as ondas. Apesar das instruções conseguidas na revista dos Estados Unidos, a fabricação da tábua havaiana não era simples, e apenas aliando o conhecimento de fabricação naval caiçara é que foi possível que o surfe pudesse conquistar os mares caiçaras.

Imagem 22: Homenagem ao pioneiro do surf brasileiro Osmar Gonçalves, Santos.

Fonte: acervo pessoal

Interessante pensar que a carpintaria caiçara foi necessária para que um jogo polinésio fosse praticado no Brasil, colocando em diálogo duas culturas que até hoje se comunicam por meio de suas práticas corporais e representações simbólicas.

Esse conhecimento caiçara acerca das madeiras e da construção de plataformas flutuantes só foi possível graças à total imersão e conexão entre caiçara e ambiente, seja o mar, a praia ou a mata.

Fomos criados no meio do mato. [...] Meu pai criou oito filhos fazendo canoa. Eu via fazer canoa, desde criança, meu pai levava e eu ficava cantando. Aí ele separava a madeira, a que aguenta fazer cabo, a que vai virar canoa, madeira boa pra machado, madeira pra fazer gamela, tudo isso ele fazia, e a gente ia olhando pra ver que madeira que era, se era boa pra fazer remo. Não é qualquer madeira que serve, tem que ser boa. Pra canoa, guapuruvu, ingá, gracuí, angelim, timbuíba, loro e cedro. (Relato de Manoel Neres Barbosa (Baéco), caiçara do Sertão do Ubatumirim, Ubatuba, in ACHCAR, 2007, p. 71).

Na primeira etapa da pesquisa de campo, em Ubatuba, tentei conversar com o Mestre Baéco, que me foi indicado como o principal mestre canoeiro remanescente da região. No entanto, acabei descobrindo que agora ele reside no continente africano, e

não pude conhecê-lo. Atualmente, quando retorna ao sertão do Ubatumirim, Baéco mantém a tradição esculpindo canoas encomendadas por diversos caiçaras da região. Muitas das canoas que encontrei nas corridas que acompanhei, foi ele que esculpiu. Suas canoas são famosas por serem de muita qualidade, equilibradas, rápidas e resistentes. Seu irmão, Néri, explica um pouco dos detalhes importantes para que a canoa tenha tais atributos.

O meio é prumo, está no prumo. Se fugir fica penso, fica coxada, fica maluca. Ela nunca vai pra um lado, suponha uma canoa, se ela dá no prumo, ela fica alinhadinha com o prumo. É invenção, não tem como medir. É um dom. É mais que um dom; É que nem mexer com a viola, essas coisas. Não é qualquer um. (Relato de Néri Barbosa, caiçara do sertão do Ubatumirim, Ubatuba, in CHIEUS JÚNIOR, 2005, p. 442).

Este conhecimento preciso, que vem da carpintaria, torna o caiçara também um exímio marceneiro. Este “dom” de transformar a madeira em canoa e outros objetos abrange também mais um campo das manifestações corporais caiçaras: a música. Desde as idas à mata cantando para acompanhar o pai, como relatou Baéco, até assemelhar o dom de fazer canoa ao de mexer com a viola, como relatou Néri. O caiçara é, além de habilidoso carpinteiro náutico, um exímio luthier. Simbolicamente, fala-se a mesma língua, a da precisão. Assim como navegar, fabricar e tocar um instrumento é preciso. Com isso, tira do tronco, além da canoa, rabeca, viola, machete. “O ato de esculpir um pedaço de caxeta, com atenção aos detalhes e com os cuidados que se deve ter com cada peça, possibilita a experiência da paciência e do calar-se para ouvir os outros e a si mesmo.” (FERREIRA; FRANCO, 2017, p. 222). Mais uma vez, é a transmissão corporal dessa cultura que permite que a tradição se mantenha viva, fabricando os objetos necessários para a prática dos jogos, danças e festas da cultura caiçara.

Desde que tinha uns 7, 8 anos eu mexo com madeira. É um dom, um talento. [...] Eu aprendi sozinho, vendo feito eu fazia outro. Eu não sabia tocar rabeca, mas queria saber. Então, quando ia no fandango, depois do mutirão, tinha rabeca, viola, essas coisas. Eram boas as festas, dez horas de fandango. Papai tocava viola e cantava, eu ficava perto dele, achava bonito a rabeca. Aí pensei, “daqui a um tempo eu vou ter uma”. Aí fui fazendo as miudezas, fazia coisas pequenas pra minha mãe e aos 15 anos ganhei uma rabeca feita pelo bisavô do Zé Pereira. [...] Era uma rabeca muito grande e boa, mas feia. Peguei a rabeca e comecei a tocar todo dia quando chegava do serviço com meu pai. Em um mês, já tava fazendo nota. Um dia fiz uma rabeca. Olhava pra rabeca feia pra fazer a minha, que ficou bem melhor. [...] Eu vejo, desenho, corto na madeira e sai a foto dele. Eu ando no mato cuidando das madeiras, eu curto ir lá na madeira, ver se é torta. Se eu

vejo o que fazer dela, eu já corto. (Relato de Agostinho Gomes, caiçara de Cananéia, in ACHCAR, 2007, p. 73).

Assim como no processo da canoa, o dom caiçara de fazer instrumento inicia na imersão do caiçara em sua cultura, na imersão em seu ser. Depois, o corpo do outro ensina o caiçara assim como o corpo de uma rabeca ensina a fazer outra. Os caiçaras, remadores, tocadores, também revelam a tradição na equivalência entre o instrumento e embarcação. A “*rabecanoa*” é a materialização da mata no seu patrimônio imaterial cultural.

São instrumentos formados de um só pau, ou seja, o artesão escava o oco de um tronco para conseguir a forma mais adequada. Em madeira de caxeta, branca e macia, o instrumento vai adquirindo forma e sonoridade. Hoje o encordoamento é feito com fio de nylon – antes se usava crina de cavalo, mas este material encarece o produto apesar da sonoridade ser infinitamente melhor. (BRANCO; CASEIRO, 2005, p. 111).

A canoa de um pau só e o instrumento de um pau só revelam que essa sabedoria caiçara circunscreve a marcenaria em um dos pontos primeiros de ligação entre cultura, tradição, festa e jogo. Também por isso, os momentos de festividades nos quais encontramos danças, músicas, corridas e celebrações são também os momentos de colheita, mutirão, derrubada e pescaria. Estão intimamente ligados, já que a marcenaria caiçara permite que um pouquinho da mata também faça parte da cultura de um povo que celebra olhando para o mar.

A “puxada” é a retirada do tronco escavado para o local onde será esculpida a canoa. É considerado um evento social, pois é preciso muitos vizinhos e amigos para amarrar o tronco e arrastá-lo pela mata. Nesse percurso, os homens cantam, contam histórias e as mulheres se encarregam do lanche e das bebidas; cada parada para a refeição torna-se uma festa. (GASPAR; FERREIRA, 2011, p. 81).

6.2. Entre jogos e festas: o fandango caiçara

Das matas que saem canoas, saem também os instrumentos para que uma das principais festas caiçaras possa acontecer: o fandango.

O fandango caiçara é uma música tradicional, que as pessoas geralmente depois que fazem um mutirão na roça ou na puxada de canoa, no final o pessoal se junta, dança, toca. Aí entra rabeca, viola, pandeiro, machete, que é tipo uma viola menor. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da Praia da Justa, Ubatuba).

Integradas ao cotidiano, estas festas são momentos nos quais os caiçaras podem se encontrar e celebrar seu modo de vida com alegria e comunhão.

Costumeiramente, o fandango acontecia nos momentos de alegria e confraternização, após um sábado inteiro de mutirão, de auxílio gratuito na colheita, na queima, na roçada ou no plantio de um vizinho. Juntava toda a comunidade no taipamento de uma casa, no tiramento de uma canoa, e o beneficiado nesse dia oferecia festa de fandango como paga, mais a alimentação e a cachaça. (ACHCAR, 2007, p. 76).

A delimitação entre o tempo de lazer e o tempo do trabalho não é uma característica caiçara. A vida destes povos se desenrola permeada de ambas as valências em seus momentos rotineiros. Sempre que a necessidade do mutirão aparece, seja na colheita, na pesca ou numa puxada, a festa é uma decorrência natural, contando sempre com muita música e dança. “A música aproxima [...] os domínios da festa, do ritual, do trabalho e da casa.” (KISHIMOTO; HIKIJI, 2008, p. 298). Desta forma, as músicas e as festas fazem parte da vida social dos caiçaras, dando voz e ritmo aos acontecimentos diários.

A moda mais importante do fandango ubatubano chama Moda de Canoa. Tem também os causos de canoa que a gente cantava. Se você vir as letras do fandango, elas falam do modo de vida do caiçara. Na verdade as músicas contam histórias. Falam da pesca, da caça, da agricultura. O fandango é isso, é o resultado do trabalho coletivo. (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Além da Moda de Canoa, diversas outras modas, ritmos e marcas distinguem as variações do fandango caiçara. Cada uma tem influências de regionalismos e preferências de grupos fandanguieiros, e ocorrem em momentos específicos, a depender também da ocasião no qual está sendo tocado o fandango.

Violas, rabecas, pandeiros e adufes esquentam o baile. A moda que abre a noite é o batido. Os homens formam um círculo, batem palma e tamancam no assoalho. Um deles assume o papel de mestre, marcador ou puxador, servindo de referência para os demais batedores. O som do tamanco na madeira é forte, sincopado, chama para o salão até quem está longe. Recortado, morro-seco, dandão batido, balanceado, serrana, tiraninha, e anu são nomes de músicas já tradicionais e muito conhecidas, para qual corresponde uma coreografia diferente de dança. São chamadas “modas” ou “marcas” pelos fandanguieiros. Terminado o batido, começam as marcas valsadas, a senha para os casais se espalharem dançando pelo salão. Curioso perceber que o baile de fandango tem suas regras: homem e mulher não se encaram nem conversam durante a dança. Assim que a

música acaba, elas deixam o salão e só retornam quando outra começa. (ACHCAR, 2007, p. 76).

Nas corridas de canoa, sempre acompanhadas de fandango, as Modas de Canoa são muito presentes, e a relação entre caçara, mar e canoa se mantém forte também na música e na dança. Os versos das letras falam sobre o cotidiano do remador, falam da canoa, das lamentações e maravilhas da vida embarcado no mar, de lendas marinhas, da solidão, das ondas e das estrelas, bem como a saudade das pessoas que ficaram nas praias.

Viola minha viola, ai bela morena
Viola meu violão, ai bela morena
Não me deixe envergonhado, ai bela morena
No meio desse salão, ai bela morena
Ai bela morena
Ai bela morena

Canoa minha canoa, ai bela morena
Canoa não é assim, ai bela morena
Tanta sereia no mar, ai bela morena
O canário no jardim, ai bela morena
Ai bela morena
Ai bela morena

Eu me chamo Mario Gato, ai bela morena
Sobrenome não carece, ai bela morena
Por toda parte que eu vou, ai bela morena
O pessoal me conhece, ai bela morena
Ai bela morena
Ai bela morena

Eu toco meu machetinho, ai bela morena
A Maria na rabeca, ai bela morena
As moças que estão na cozinha, ai bela morena
Não são moças são bonecas, ai bela morena
Ai bela morena
Ai bela morena

Eu vou parar com a viola, ai bela morena
Na metade do caminho, ai bela morena
Aquele linda morena, ai bela morena
Onde me deixou sozinho, ai bela morena
Ai bela morena
Ai bela morena¹⁵

¹⁵ Moda de Canoa, composição de Mário Gato, com versos improvisados contando um pouco do ambiente no qual tocava no momento da entrevista.

Imagem 23: Mário Gato afina seu machete para tocar uma moda de canoa. Artesão, esculpe seus instrumentos e canoas, como a que enfeita o parapeito da janela.

Fonte: acervo pessoal

O fandango caiçara é um bem registrado como patrimônio cultural imaterial no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Definido como um conjunto de manifestações envolvendo música, dança, cotidiano, religiosidade, trabalho, enfim, todo o universo caiçara circunscrito na festividade sob a alcunha de fandango.

É uma manifestação popular sofisticada, com regras estéticas bem definidas que guiam a música, a dança e o comportamento dos participantes. Em cada localidade existem características específicas, criando assim uma realidade artística muito rica, variada e peculiar. A idéia de confraternização e de alegria está intimamente associada ao fandango. Esta manifestação artística se dá, de fato, sob forma de festa, de divertimento coletivo (GRAMANI, 2009, p. 24).

As danças do fandango caiçara, assim como as letras das canções, trazem ao centro comunitário, o cotidiano pescador, materializando e sonorizando, artisticamente, a vida caiçara.

Acreditamos ter sido o meio ambiente o causador de certas modificações apresentadas na Marrafa atual. Há giros antes inexistentes, talvez inspirados em movimentos feitos pelos peixes, quando afloram à superfície do mar, em pleno sol, ou quando presos nos utensílios de pescar dão os últimos extertores. Esta hipótese tem

fundamento pelo fato de, na coreografia, os cavalheiros terem papel preponderante nos giros (...) o que supomos acontecer em decorrência de serem os homens encarregados do trabalho e habituados a presenciá-los. Aparecem, ainda, gestos que lembram os pescadores lançando a rede. (GIFFONI, 1972, p. 76).

Com isso, é possível ver que as danças no fandango caíçara são alegorias, e contam sobre o modo de vida daquela população. A própria tradição marítima, que foi reforçada na cultura caíçara com as mudanças ocorridas com o passar das décadas, também se fez mostrar na incorporação de movimentos relacionados ao mar durante a dança.

O movimento que impulsiona as imagens a se constelarem de uma determinada forma, a partir das forças imaginativas de nossa arqueopsíquê ancoradas na corporeidade, no fluxo dinâmico e recursivo das trocas entre a resistência do mundo e suas intimações, de um lado, e de outro, nossas pulsões [...]; este movimento é de natureza musical. É a música das imagens que as constelam em determinadas paisagens sonoras e, portando, simbólicas. Nossa cartografia imaginária é uma partitura musical em execução. (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 9).

A participação no fandango tem, portanto, origem na convivência diária do caíçara com seu grupo, cultura, maritório, etc. As imagens que afloram das canções são as mesmas encontradas no seu cotidiano, que por sua vez são também as mesmas de quando estão remando. A vida caíçara se faz muito presente no fandango, que celebra exatamente o Ser caíçara, e conta o caíçara por meio das canções e coreografias.

Os versos falam de amores, de saudades, de família e do mundo natural, de forma simples e poética. Ao escutar os versos e acompanhar a execução pelos dançadores, tocadores e batedores de fandango, podemos visualizar os diversos aspectos do seu universo simbólico. (MARTINS, 2006, p. 392).

Imagem 24: Durante a corrida de canoas, o fandango acontece entre sorrisos e acordes, com os pés na areia e os olhos no mar.

Fonte: acervo pessoal

Pescadores, músicos, remadores, carpinteiros, luthiers, os caiçaras cercam-se de si próprios por todos os cantos. Durante o trabalho, as festas, o lazer, o esporte, em todos os momentos ele se torna preenchido dos elementos que o fazem caiçara.

Durante sua vida, os caiçaras vão se deparando com diferentes situações nas quais sua cultura se mostra tão sólida que os envolve de maneira ativa e conectada. “São nos ritos iniciáticos, ritos de passagem, ritos de conciliação que os mitos são partilhados com o iniciando, o neófito, o aprendiz através do canto que conta as histórias e estórias de sua origem e de sua pertença.” (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 9). A necessidade da pesca o torna conhecedor das matas, a procura da canoa. Na mata, aprende sobre as madeiras, as plantas, os bichos. Descobre que além de canoas, é de lá que saem também a viola, o machete e a rabeca. A intimidade com as ferramentas de construção da canoa misturada à observação atenta o transforma, além de hábil luthier, em músico primoroso.

Trabalhei toda vida com festa. E com pescaria, ostra, camarão, coisa de caiçara. Eu participava da Folia de Reis, do Divino Espírito Santo, tocava São Gonçalo, Rosário de Maria e cantava de casa em casa, de

Camburi até a cidade de Ubatuba. De casa em casa, certo. Era folia bonita, com viola, cavaquinho, pandeirozinho, rabeca. E canta música. O mestre dança, todo mundo dança. Quando havia festa na roça, eu era criança, tinha uns 12 anos na época, vinha, tocava, cantava e, quando ia embora, as meninas iam olhando a gente. E quando ia embora, ia no mato, cortava uma madeira e fazia objeto, malfeito. E foi indo, foi indo e no fim deu certo. Hoje já sai bem melhor a rabeca, hoje tá bom, antigamente eu fazia assim. Papai não sabia fazer rabeca, ele tocava. Ninguém aqui faz rabeca, é eu e ele, Itamar, meu filho. Só eu faço e toco aqui. Usa cedro-rosa. Antes, a gente pegava na mata, hoje compra de madeireira do Paraná. Eu nasci aqui mesmo, aqui nesse vale mesmo, mas eu viajei muito no mundo, trabalhar era a finalidade. Mas o lugar de morar era sempre aqui. (Relato de Ricardo Nunes Pereira, 78 anos, praia do Estaleiro-Ubatumirim, Ubatuba, in ACHCAR, 2007, p. 41).

O filho de Ricardo ainda vive na praia do Estaleiro, em Ubatuba. Conheci o Itamar, que hoje trabalha em um resort em sua praia natal, e conversamos sobre a rabeca e a cultura caiçara. Itamar me disse que sabe fazer todos os instrumentos da cultura caiçara, e que ficam até melhores que os industrializados, assim como sabe também fazer canoa caiçara. A tradição, aprendida com seu falecido pai, “morre com ele” – nas palavras do próprio Itamar – já que não teve filhos e que as crianças não tem paciência nem tempo para aprenderem. Ainda assim, Itamar se emociona com as lembranças de quando os finais de semana eram agitados pelo ritmo da rabeca.

Segundo Marcílio (2006), é aos domingos que as principais atividades e celebrações ocorrem. Com a realização da missa, caiçaras de diferentes praias se reuniam para celebrar, e como não poderia ser diferente, vinham remando suas canoas, que se reuniam na areia. Principalmente nesses dias de festa é que se podiam verificar os jogos acontecendo. Com grande quantidade de remadores e canoas reunidos, é também nos dias de celebração religiosa que se dão as mais tradicionais corridas de canoa caiçara, que se mantém até os dias do hoje.

Nos encontros de celebração, após as práticas devocionais, é comum cobrirem ou isolarem ícones e objetos sagrados, para depois seguirem-se bailaricos, transformadores desses encontros em festas, onde, entre outras, se dançam peças profanas como a xiba, a ciranda, a tontinha, a canoa e a marrafa. (SETTI, 2006, p. 36).

Os caiçaras mais antigos resguardam as tradições festivas e tentam trazer as novas gerações para as manifestações de outrora. Alguns fatores dificultam a tarefa, como a forte chegada das igrejas evangélicas e a ida dos mais jovens para as cidades. Com isso, as festas como “a grande folia de Reis, festa na roça, com muito canto e diversões” (MARCÍLIO, 2006, p. 244) acabam juntando menos pessoas que conhecem

os cantos, as danças e os instrumentos. O reavivamento de festas tradicionais também faz parte do processo identitário caiçara. A corrida de canoas desenvolve papel nessa retomada, já que é um elemento tradicional que atrai os jovens por seu componente lúdico, desafiador e competitivo.

A corrida de canoas está totalmente relacionada com o fandango, é um fortalecendo o outro. (Depoimento de Carolina Barbosa, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Imagem 25: Carolina Barbosa, remadora de canoa caiçara, mostrando a rabeca ao seu filho Joaquim.

Fonte: acervo pessoal

O jogo é uma característica implícita das festas. Na Ilha do Montão de Trigo, durante o período das festas, diversos pescadores caiçaras se dirigiam à ilha afastada com seus remos e canoas, e por lá ficavam por dias, festejando, jogando. “Jogo e dança eram extremamente difundidos pelas vilas e bairros, rurais de toda a Capitania paulista e eram muito mal recebidos pelas autoridades, em geral.” (MARCÍLIO, 2006, p. 245). As autoridades não aprovavam tais tipos de jogos e danças por entenderem que estes elementos no cotidiano da população iam contra a ordem do progresso vigente, que se colocava em oposição ao que não se encaixava na ideia de uma suposta civilização não selvagem, construída à luz da tecnologia e da ordem, tendo como expressões a urbanização, o domínio sobre a natureza e sobre os corpos. Com isso, tais

manifestações, que possuem um caráter público, nos quais a expressividade corporal e a inserção no meio natural são características intrínsecas, foram perseguidas, já que também colaboram para a coesão comunitária, o que poderia ameaçar a ordem de poder.

Acompanhando este processo histórico e ao longo de sua existência, o Bumba-meu-Boi sofreu a tentativa de controle ferrenho de uma minoritária elite branca, medrosa de insubordinações e levantes massivos de comunidades contidas, indígenas e quilombolas. Em uma sociedade calcada sob a égide da desigualdade, os Brincantes e Boieiros foram expulsos de seus terreiros, afastados dos centros urbanos pela polícia e sofreram toda sorte de injúrias, acumulando histórias de perseguição e distanciamento das classes mais abastadas: “Certa vez escutei na Rádio Educadora: falavam mal desta brincadeira, que não tinha êxito porque era feita por pessoas pobres, pretas, feias e analfabetas”. (Depoimento de Zé Paul – José Costa de Jesus, in Maranhão, 1999: 168 in SAURA, 2008, p. 88).

As manifestações das culturas populares muitas vezes tem a oposição das classes dominantes por conta da ameaça ao controle da sociedade, das pessoas, dos corpos. Por vezes, a justificação da repressão às práticas corporais foi de que elas eram responsáveis pela diminuição da produtividade do trabalho dos caiçaras, tanto na roça quanto no mar.

Dia 21 de janeiro em Santos a gente comemora o dia do surfista. Esse ano foi muito legal que a festa foi de novo na prefeitura de Santos. No passado, no final da década de 1960 e começo da década de 1970 foi proibido surfar em Santos. Ecos do regime militar, né? Quando alguém surfava aqui, as pranchas eram quebradas aqui no posto 2, mesmo lugar que estamos agora. [...] Isso é uma coisa boa porque parece que a energia das pranchas ficou aqui. Tanto é que aqui é a maior escola de surfe do Brasil e uma das maiores do mundo. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

Há muito tempo as manifestações lúdicas corporais são colocadas em posição de rompimento com as lógicas políticas que se desenvolveram no território brasileiro. Desta forma, tanto o surfe como o fandango caiçara, por dialogarem com a cultura local, antissistêmica, foram marginalizados e até criminalizados, revelando suas faces de resistência aos povos do litoral.

A equivalência entre dança e jogo também pode ser observada em outros aspectos. A corrida de canoas, um jogo no qual os remadores se posicionam sobre o mar com grandes apoios de madeira – as canoas – se aproxima do simbolismo representado pelos tamancos de madeira, muito encontrados nas danças de bate-pé do fandango.

Nas festas do pessoal antigo a gente dançava um bate pé a noite inteira, até amanhecer o dia. Todo mundo calçado de tamanco e aí

batia o pé com aqueles tamancos e a festa era assim. Dançando a noite toda. (Depoimento de Seu Mandico, caiçara da praia Brava da Almada, Ubatuba).

Os tamancos poderiam ser vistos como a própria canoa, e sonorizando com o tablado de madeira, compõem danças tradicionais, muitas vezes circulares, do universo caiçara. “O bater dos pés é ‘tocar’ o corpo da mãe que nos gerou e que nos receberá quando voltarmos ao pó, ao barro ou à lama primordiais... ao silêncio primeiro...” (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 7). Da mesma forma, o balanço da canoa na água é voltar ao familiar embalo materno, é voltar ao invólucro de proteção. A canoa e a dança são, os dois, o contato com a mãe.

É interessante de observar que, assim como nos jogos, a transmissão da dança também se dá por essa tradição corporal caiçara, que prima pela observação e experimentação corporal acima de tudo.

Eu aprendi a dançar, de idade de 12 anos já dançava batido. Então, eu ia no fandango, eu era pequeno, eu ia reparando nos pés deles que batiam, na hora de bater a mão, na hora bater o pé, como era. (Relato de Alcides Ribeiro Rodrigues, marcador de fandango da Barra do Superagui, na ilha do Superagui, Paraná, in ACHCAR, 2007, p. 76).

A criança, envolta por todas as influências corporais, familiares, espaciais, simbólicas, passa a captar, por meio de seu corpo e pelo que faz com ele, o significado de sua cultura, em diálogo com um imaginário mais amplo. É por meio dessas práticas que o caiçara consegue se encontrar.

A base imaterial da cultura, de maneira paradoxal, é uma base corporal, assim como nos cantos populares ou iniciáticos, na base rítmica do canto de pilão, no ritmo das pernas e braços da dança comunitária: amenizar a arte da vida desse socar de palavras, ritmados no canto, na organização do tempo, na comunicação das almas (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 26).

Sendo assim, é justamente nestes momentos de jogo e festa – que em muitas vezes são os mesmos – nos quais o caiçara tem uma chance ainda maior de se entender caiçara, já que é também nesses momentos que a comunidade estará reunida, celebrando a vida, celebrando o que é ser caiçara.

Essas imagens produzidas no interior das festas e dos jogos dizem respeito a todos nós, enquanto humanos. Elas encantam, assombram, amedrontam, maravilham no seu conjunto. Um exercício de beleza, unindo elementos reais e fantásticos, religião e reflexão com e sobre o mundo. Com elas e por causa delas, é possível uma formação

humana que se processa na vivência, na experiência corpórea.
(SAURA; ZIMMERMANN, 2018, p. 178).

Em suma, o fandango é um momento de encontro. Não apenas entre pessoas, mas encontro com sua cultura. Com os corpos que compõe essa cultura, com os instrumentos feitos de madeira, que também faz canoas, encontro com sua vida cantada em versos ritmados, acompanhados da viola, do pandeiro, da rabeca e do machete.

Nos jogos, o encontro também é uma questão central, e é o mar o grande promotor deste encontro. Quando vou surfar no quebra-mar, emissário submarino de Santos, onde se formam as melhores ondas da cidade, além de surfar, gosto de observar as outras pessoas que deslizam nas montanhas de água que vão se formando com o passar do dia. A melhor escola para um surfista iniciante é a observação dos que já rasgam as cristas com mais facilidade. O objetivo de quem está ali não é a competição, mas sim se divertir, se conectar com o mar, com o sol, consigo mesmo. Nos marasmos entre ondas, alguns surfistas se aproximam, conversam sobre as ondas, dão dicas aos mais novos, fazem piadas, riem, lembram-se de grandes feitos. É um encontro familiar, no alto do mar.

Amigo meu camarada
Vem me ajuda a cantá
Ai, lari, la, lai
A minha barquinha à vela
Que vento querê levá
De manhã vento de terra
De tarde vento de mar
Minha menina bonita
Si querê mi acompanhá
Ai, lari, la, lai
Estou morrendo de saudade
Porque não tenho mais ninguém
Ai, lari, la, lai
Levantei de manhã cedo
Eu não posso cantá bem
Ai, lari, la, lai

Ajudei meu camarada

Vinde me ajudá cantá

Que eu te ajudarei

Quando de mim precisá¹⁶

Assim como nesta canção, a companhia do amigo é o que se pede quando o caíçara joga, canta ou dança. Ocorre a percepção de que sozinhos não é possível seguir adiante. No surfe, o sol emana uma energia que viaja pelo sistema solar e atinge o planeta Terra, aquecendo as moléculas presentes na atmosfera terrestre. Esse aquecimento gera uma agitação responsável pela criação de zonas de pressão de ar quente e ar frio, que se alteram em altitude e criam correntes de ventos. Os ventos viajam quilômetros, e vão, pouco a pouco, formando ondas em alto mar, que se arrastam pelos oceanos até que chegam ao litoral dos continentes, em deformações magníficas de uma massa marítima, culminando em formações que convidam ao deslizar, convidam ao diálogo, ao jogo. No final, o surfista deslizando nas ondas é o epílogo do aproveitamento cósmico da energia solar. Surfar é, também, se aproximar do sol. É um retrato da própria existência da vida no planeta. Sem o sol, não haveria surfe, assim como sem companhia não haveria pesca, fandango ou canoa. A vida precisa do sol para existir na Terra, e o caíçara precisa dos outros caíçaras para se fortalecer e poder existir. É o caíçara-sol que movimenta o mar e permite aos surfistas o regressar à praia. “O surfista está mobilizado, presente e envolvido com a experiência. No mar, ele exercita a imaginação e a criação e encontra-se consigo e com a Natureza” (BRASIL; CARVALHO, 2009, p. 232).

Remando foi onde me encontrei mesmo. Estar no mar é uma das coisas que eu mais gosto de fazer. E dar aula é transmitir um pouquinho do que eu aprendi com a canoa. A principal coisa que a canoa ensina é que é uma coisa coletiva. Hoje é um esporte, né? Então é um esporte coletivo onde você vai colocar uma embarcação de 150 kg na água com mais seis pessoas. E te faz entender que sozinho você não vai fazer isso, mas em conjunto além de fazer, vai pra um lugar muito legal. Eu respiro canoa da hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir. (Depoimento de José Paulo, caíçara de Santos).

¹⁶ Versos do Fandango Sinsará, retirados de Giffoni (1972).

7. Maritório

“O mar, para os pescadores, é um território livre que emana outras formas de pensar a vida e sentir o corpo.” (BRASIL; CARVALHO, 2009, p. 227).

O processo identitário caiçara passa, necessariamente, pelo entendimento de que o mar dá sentido aos caiçaras; sentido quanto a propósito e sentido quanto às formas de sentir. Influenciados pelo oceano por toda a vida, é nesse ambiente marítimo que o caiçara vai se encontrar e se entender como pessoa e como membro da comunidade.

A construção de uma identidade está sempre diretamente relacionada ao território habitado por aqueles que a constroem. No caso do caiçara, é esse maritório que baseia suas transformações.

O mar? Na verdade para o caiçara, o mar não é nem a segunda casa, é a casa dele mesmo. Além de ser um lugar coletivo, que é de todo mundo, cada um tem a sua particularidade com o mar. Pra mim é um espaço de onde o pescador tira o sustento dele dali, então ele cuida daquilo. Às vezes se tem a visão de que o pescador não está nem aí com o mar, mas é totalmente o contrário. O mar para mim é um espaço de respeito, que eu sempre cuidei e sempre vou cuidar, e a gente se mobiliza pra isso. O mar é minha segunda casa. Por ser grande não teria como morar numa casa tão grande assim, mas é um espaço de trabalho, respeito e também de diversão. O mar é isso. Você vai pro mar e às vezes está nervoso, estressado com alguma coisa e você olha pro mar, nem precisa talvez ir lá fora. Aqui mesmo da praia. Quem tem o mar nunca está sozinho. Você olha, talvez até fale sozinho, e quando se dá conta já está conversando com o mar. Pra mim é um espaço de diversão, eu me divirto bastante. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da praia da Justa, Ubatuba).

Os caiçaras olham para mar com interesse e perscrutam seu saber. Estão em casa. A vida deles gira em torno deste elemento onipotente. Saindo de casa, chamam um amigo e dizem: “olha lá, um cardume de corvinas”. Acompanho a indicação e me pergunto como sabem qual o peixe por baixo do mar mexido pelo cardume. O mar faz parte deles, confiam na massa líquida. Esteve presente desde sempre compondo o imaginário simbólico desta população litorânea.

O mar é território mesmo. A palavra que a gente usa hoje é resistência. Usar o mar como meio de resistência. O mar significa tudo na vida da gente. É o que conta nossa história. É toda uma vida pra gente, gerações envolvidas, uma tradição muito forte. O mar é de extrema importância. É ele que nos fornece essa luta, que nos dá força para lutar. Para manter as canoas, para manter a pesca. O mar é o companheiro de luta da gente. (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Guimarães (2006) nos dá a concepção de que meio ambiente é um sistema no qual o homem está necessariamente integrado. A autora deixa claro que o ser humano não vive dentro dele, como se estivesse separado, mas faz parte, interfere e afeta o sistema por meio de suas relações socioculturais e econômicas. Naturalmente, ao considerarmos os povos do litoral, precisamos entender que eles também fazem parte do meio ambiente dessa região. Sua presença altera o espaço, estabelece relações com outras espécies; ele faz parte daquele lugar. Não é possível, portanto, pensar nos caiçaras sem que pensemos a relação com o mar, com a praia, com a mata, interespecies e mesmo com a cidade. O caiçara depende da existência dos peixes para continuar pescando, e para isso deve respeitar os ciclos reprodutivos; dependem das atividades portuárias, e inclusive alteram o ambiente desassoreando o canal de entrada dos grandes navios. Além disso, já se aponta a necessidade da existência das populações tradicionais para a conservação dos ambientes dos quais fazem parte (ARRUDA, 1999; DIEGUES, 2000; PEREIRA; DIEGUES, 2010). Os caiçaras precisam da conservação para garantirem sua permanência e existência. Valendo-me de uma lógica integralista, na qual não é possível pensar uma concepção dualista cartesiana de corpo separado da mente, também não é possível pensar em Ser separado do meio ambiente, em caiçara separado de seu espaço e de suas práticas cotidianas. São indissociáveis, estão fundidos, é uma relação de interdependência.

O mar representa tudo, né? O mar é da natureza. [...] Esse mar imenso que não tem mais fim. Eu já andei por esse lugar quase tudo aí. (Depoimento de Seu Mandico, caiçara da praia Brava da Almada, Ubatuba).

Seu Mandico mostra, dizendo já ter navegado por todo o mar, o quão forte é a ligação entre caiçara e mar, assim como a relação de pertencimento ao maritório. Em relação a isso, é pertinente tratarmos tal integralidade também sob a ótica do existencialismo. Heidegger (1986) discorre sobre o conceito de *dasein*¹⁷, mostrando que a concepção de *Ser* deve levar em conta, além da unidade entre corpo e mente, a importância da presença, a aliança entre o corpo, completo, e o espaço no qual ele existe, mostrando a importância da relação com o espaço e com a presença para a completa manifestação do Ser, corroborando a ideia de que é de fundamental

¹⁷ Comumente traduzido como “ser-aí”, “existência” e também encontrado como “pre-sença”, para transmitir a ideia do conceito alemão ao português.

importância cultural para os caiçaras que tenham direito ao território ao qual se integram. Este entendimento é reafirmado pelo conceito de topofilia.

A topofilia seria o sentimento intenso de pertença e/ou freqüentação amorosa a um espaço, região, território que está na base do respeito ao equilíbrio de suas forças naturais, ao qual o ser humano, se integraria numa concepção mais harmônica (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 4).

Os caiçaras não apenas habitam o litoral, eles são o próprio litoral, compõem as praias, os mares, a roça e as matas. Como pode o caiçara se entender como tal, se confrontar com sua cultura e tradições e construir o seu próprio Ser se o território caiçara é sempre ameaçado, ameaçando-lhe sua liberdade? Cabe aos caiçaras um constante processo identitário que resguarda ao mesmo tempo em que renova o sentido de ser caiçara.

Uma das coisas rotineiras nas nossas remadas é que quando a gente para na praia a galera recolhe o lixo. Infelizmente todos os dias a gente encontra lixo na praia. O mar é a nossa casa. Se a gente pensar em como o lixo está impactando na vida marinha e consequentemente na nossa vida, né? A galera acha que o ser humano é uma coisa e o meio ambiente é outra, a galera faz essa confusão. (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

A forma com a qual o ser humano percebe o mundo e se relaciona com ele é um elemento importante para ressaltarmos o valor do corpo dentro da cultura caiçara, já que “não existe percepção se não houver um determinado contexto ou situação cuja única base seja o corpo humano [...] é a principal fonte, lugar e centro de percepção e expressão, seja ela física ou transcendental.” (IROBI, 2012, p. 275).

Sendo assim, o corpo para os caiçaras é, também, o elemento central de sua cultura. É ele que torna significante aquele espaço. “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.” (TUAN, 2013, p. 167). A relação desse corpo com a praia e com o mar é, antes de tudo, uma relação de pertencimento.

Virei surfista porque de alguma forma, a cidade foi me levando pra isso. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

O diálogo se dá à medida que ocorre o entendimento desta fusão entre corpo e espaço, entre Ser e natureza, e isso fica materializado pela imersão no elemento líquido, que permite que se faça física a fusão entre as superfícies, corporal e marítima. A partir daí, fica mais clara a compreensão de que é do corpo que a expressividade caiçara é emanada, e é nos jogos que se pode perceber o corpo que se expressa de maneira

singular. “É o corpo que sente, pensa e diz a cidade e, ao dizê-la, transforma-se nela.” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 61). Em cada mergulho, em cada espirrada de água na puxada de remo, em cada rasgo que a quilha abre no mar é o corpo do caiçara que vai se expressando. É no jogo que o corpo do caiçara vai permiti-lo transcender o mundo.

O ser é antes de tudo um despertar, e ele desperta na consciência de uma impressão extraordinária. O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares. Assim se criam em nós os mistérios familiares, que se designam em raros símbolos. (BACHELARD, 2013, p. 8).

Em quais momentos nosso ser desperta? Quando podemos estimular essa impressão extraordinária, que no final vai nos encaminhar à criação de símbolos? Mais uma vez, o jogo parece ser uma resposta. Por meio do jogo é possível caminhar por cenários oníricos em meio às imagens geradas na vida e replicadas metaforicamente (ou não) nos jogos, assim como no fandango. Quando estamos implicados nele a consciência de impressões “pipoca” em nosso imaginário, e é aí que o despertar do ser se revela.

Quando eu era moleque eu entendia que quem nasce na praia é caiçara. Aí depois de começar a remar a canoa havaiana, o va’a, entender a origem do esporte, entender tudo que isso carrega, começar a trabalhar com isso, colocar o nome canoa caiçara na nossa base e começar a entender mais sobre cultura caiçara eu vejo muito que o que aproxima os polinésios dos caiçaras é que eles tinham como forma de subsistência o mar, e a canoa é a ferramenta que possibilitou isso, e hoje eu me sinto tão caiçara por isso. Eu tiro minha subsistência do mar. E as duas culturas trazem um respeito muito grande à canoa, que é essa ferramenta que possibilita tudo isso, ao mar que é o ambiente que fornece tanto pra gente e aos companheiros, que é quem está na canoa com você que é o que vai te possibilitar ter essa vida; Isso é o que aproxima a cultura polinésia e a caiçara: o respeito à canoa, ao mar e às pessoas que estão com você. Pra mim a canoa é isso. (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

Captamos tudo aquilo que nos cerca de diversas maneiras, inclusive de forma inconsciente, e alguns elementos do que captamos se revelam em ocasiões específicas nas quais aparecem em formas de imagens. Muitas vezes, a racionalização dessa representatividade do mar na cultura caiçara não vem fácil, pois além de ocupar posição primordial, é um sentimento que precede uma interpretação racionalizada do mundo.

É até difícil falar o que o mar representa, porque ele está em todas as áreas da minha vida. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos)

Momentos de intuição ou de reflexão intensa podem se dar no âmbito das manifestações corporais. No caso dos caiçaras não é diferente, e é também durante os jogos que encontramos símbolos forjados das imagens primordiais e estruturantes da cultura deste grupo. É uma consequência disso a grande relação entre os jogos caiçaras e o ambiente marinho, pois é do mar que emergem os principais clarões do imaginário caiçara.

A linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. (BACHELARD, 2013, p. 17).

Se a linguagem da água é capaz de nos ensinar a cantar, a falar, e mesmo se afina com a sonoridade humana, porque não deslocar essa ideia ao campo que também envolve o corpo? A água então também seria capaz de fazer com que os humanos aprendessem com ela, com seu movimento, a movimentar-se, a completar o eterno ciclo da vida, ao vai e vem das marés, as cheias e vazantes que em muito se assemelham ao nosso humor, às nossas potencialidades físicas. Trazendo a filosofia de Bachelard, a água e, no caso dos caiçaras, o mar, seria capaz de nos ensinar a jogar. Estabelece-se uma relação de aprendizagem e até mimetismo dos caiçaras com o mar.

Na verdade remar não é uma prática tão difícil, remar é fácil. Eu como nasci aqui nesse lugar sempre remei. Mas falar que alguém me ensinou a remar, talvez não, eu sempre tive esse contato com o mar. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da Praia da Justa, Ubatuba).

De fato, se pensarmos a forma com que as pessoas remam quando estão participando de uma corrida de canoa caiçara, seus corpos em muito se assemelham à movimentação do mar, cada avanço de tronco e braços que precede a penetração do remo na água e seu subsequente retorno, como quem puxasse o mar para perto do corpo, acaba por criar uma figura circular com a irregularidade típica do movimento das ondas, quebrando na orla, tentando romper a areia, e puxando os grãos em profusão para dentro do seu extenso corpo aquoso.

Certas formas nascidas das águas têm mais atrativos, mais insistência, mais consistência: é que intervêm devaneios mais materiais e mais profundos, e nosso ser íntimo se envolve mais afundo, e nossa imaginação sonha, mais de perto, com os atos criadores. (BACHELARD, 2013, p. 22).

Bachelard traz essa reflexão como contraponto de seu próprio desenvolvimento acerca da fácil dispersão que sofrem as imagens formadas pela água. Mostra que apesar disso, as imagens formadas são, por vezes, das mais profundas que podemos criar, justamente por dialogar com um espectro entranhado no imaginário.

Quando caiçaras jogam na beira, sobre ou dentro do mar – e parecem ser essas imagens primordiais as que ressoam com maior potência – dão ritmo ao processo identitário coletivo durante a prática.

É uma mistura de sentimentos que eu não sei nem dizer. Eu fui remar com meu marido, meu filho e minha filha, que já tem 5 anos e já remou em pé, bonitinha, e assim começa, né? O que mais prevalece é a liberdade, uma sensação maravilhosa. (Depoimento de Carolina Barbosa, caiçara da Praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Os caiçaras veem no mar tudo aquilo que do mar já se falou na poesia. O mar é liberdade, imensidão infinita e profunda, é incerteza, desafio. O mar por si só é um jogo. Mas além disso tudo, o caiçara quando olha as águas que rebentam na praia não vê um espelho no sentido literal, como um Narciso encantado pela sua própria beleza. O caiçara vê sim sua imagem refletida, mas não o seu rosto. O caiçara é o próprio mar. Ele vai e vem como as ondas, ele é uma longa e demorada onda que vai pescar e volta para a terra. Lambe a terra por um momento de descanso e sai de novo para o mar. Sua vida se baseia nele. Precisa acalmar o corpo batendo os olhos na praia, sentindo a maresia no ar, se reencontrando no ambiente do qual faz parte.

Como eu venho de uma cultura do mar eu remo de todas as formas. Uma das partes do meu treinamento é remar de paddleboard. É uma prancha de seis metros, parece um caiaque, que você deita ou rema de joelhos ou rema com os braços. Remo de canoa havaiana, remo de canoa normal, de caiaque. Então a remada pra mim faz parte do dia a dia, na água do mar. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

Ao encontro da ideia de que os caiçaras superam o narcisismo de ver sua imagem no mar, Bachelard ainda discorre sobre a imagem da banhista, dizendo que “a banhista, agitando as águas, quebra sua própria imagem. Quem se banha não se reflete.” (BACHELARD, 2013, p. 36). Adentrar o mar, mergulhando, remando, nadando, surfando, etc., é sempre uma agitação das águas. Banhar-se é, portanto, a própria superação de refletir-se; é embrenhar-se, fundir-se, “mergulhar-se”. Ao atender ao chamado de adentrar o mar, o caiçara está, acima de tudo, entregando-se à necessidade de se reencontrar e poder se remodelar, deixar e trazer algo de si.

Antigamente, mandavam o pessoal vir pra Santos se banhar nas águas do mar, principalmente na praia do Embaré. Esse nome vem de “embabaré”, que significa águas que curam.¹⁸ Os índios quando estavam doentes, vinham para as águas do mar se banhar e saíam melhores. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

Tudo isso me remete a uma imagem muito sólida e nostálgica para mim. Desde sempre gosto de me colocar de frente para o mar, com a água entre os tornozelos e os joelhos. Fico ali, parado, contemplativo. Aguardando “o mar me tomar para a areia”. O sobe e desce das ondas é o suficiente para mexer com a areia ao meu redor, mas não com meus pés. Aos poucos, o mar me afunda para dentro da areia e vai me enraizando na praia, me enraizando no próprio mar. Com a areia bem estabelecida até os tornozelos, respiro fundo e redesperto à realidade. Transcendo-me. “Transcender o mundo é precisamente não sobrevoá-lo, é comprometer-se nele para dele emergir” (SARTRE, 1997, p. 412).

Imagem 26: Criança enraizada no mar, transcendendo-se durante a corrida de canoas em Ubatuba.

Fonte: acervo pessoal

¹⁸ Dentre outras traduções possíveis para o termo, acredita-se que o nome da praia de Santos, Embaré, venha do Tupi *Mbaraa-Hé*, significando “cômodo para enfermidades”, numa alusão às propriedades terapêuticas do banho de mar naquela região.

Ao tratar de questões identitárias é preciso que se tenha cuidado para não enclausurar em definições, aspectos culturais que são múltiplos, diversos, complementares e também contraditórios. Com os caiçaras não é diferente. Uma cultura que a todo instante apresenta heterogeneidades e características contrastantes. Por isso, ao longo da dissertação venho abordando a identidade considerando preponderantemente todo o processo envolvido na construção e ressignificação dessa identidade caiçara, justamente por englobar, nesse processo identitário, todas essas multiplicidades que existem entre os grupos de caiçaras e os ambientes onde vivem.

Através do Outro que se revela e dialoga comigo, é que constituo o meu processo identitário, articulando os traços herdados de minha cultura (ancestralidade) e a sensibilidade própria de minha trajetória existencial no percurso formativo. Assim percebemos que não se trata de diluir as diferenças num discurso relativista de que somos todos “iguais”, mas de valorizar as diferenças para encontrar nossas semelhanças num plano de igualdade de condições. (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 27).

Sendo assim, entender todos os caiçaras como pertencentes a um grupo em comum também permite que valorizemos as diferenças dentro de cada particularidade; diferenças essas que surgem a depender do ambiente que habita cada grupo. Por isso, é importante lembrar que a noção de identidade que trago aqui é uma questão envolvendo:

pessoas e relações econômicas, culturais e políticas sem descolamento da natureza e do território. Ela envolve, evidentemente, relações afetivas, e de pertencimento [...] Assim, na identidade, há heterogeneidade, conflitos, diferenças, desejos, necessidades, utopias e, necessariamente, iniciativas de mobilização e luta por melhorias sociais e territoriais [...] (SAQUET, 2014, p. 19).

Portanto, essa identidade é entendida, além de uma identificação do indivíduo com a cultura ou com a comunidade, como uma forma de desenvolvimento guiado de acordo com as prerrogativas que emergem de determinada cultura. É, assim, um processo contínuo, de lapidação, remodelamento, ao contrário do que se pode pensar de que a identidade é uma característica cristalizada, imutável; reforçando, portanto, a ideia de um processo identitário, em constante aprimoramento e remodelagem. É como o mar. Está ali, ora mais calmo, ora agitado. Nos momentos de ressaca ele se remodela, desenha ondas gigantes e esculpe novas formas, mas no final segue sendo mar, guardando toda a ancestralidade caiçara e apresentando as correntes que revelam horizontes.

Ancestralidade aqui entendida como o traço constitutivo de meu processo identitário que é herdado e que vai além de minha própria existência. Portanto, o estilo conjugado em primeira pessoa reafirma o caráter pessoal desta relação com o traço herdado que se soma aos demais fatores formativos no processo identitário (FERREIRA SANTOS, 2003; 2004b e 2004d). Assim sendo, não se considera a identidade como um bloco homogêneo e imutável, mas como um processo aberto e em permanente construção, no qual dialogam vários fatores determinantes, escolhidos ou não, em contraste com a alteridade com que nos relacionamos. A outra faceta desta noção de ancestralidade é que a herança ancestral é muito maior e mais durável (grande duração) do que a minha existência (pequena duração). Esta herança coletiva pertence ao grupo comunitário a que pertenço e me ultrapassa. Desta forma, temos com esta ancestralidade uma relação de *endividamento* na medida em que somos o futuro que este passado possuía e nos cabe atualizar as suas energias mobilizadoras e fundadoras. Num resumo: nossa dívida com a ancestralidade é sermos nós mesmos. (FERREIRA SANTOS, 2005, p. 213).

Essa noção de ancestralidade pode também ser observada nas práticas corporais caíçaras, nas quais a herança coletiva se manifesta pelas práticas atuais. Quando nos atentamos à prática de remar, isso fica mais evidente, devido às variadas formas de realizar a tarefa que perduram no modo de vida caíçara, e que tem origem anterior à formação deste povo.

A remada é algo bem ancestral. O ser humano sempre viveu perto da água, e cada região, cada grupo desenvolveu a sua forma de lidar com isso. Agora no final do ano a gente saiu de Ubatuba, remou até Ilhabela, contornou a ilha e foi pra São Sebastião. Então foram quatro dias remando direto, passava oito horas no mar por dia. Então quando eu saio para uma remada dessa o sentimento é essa ancestralidade de estar vivenciando algo muito semelhante ao que os índios daqui vivenciavam há 500 anos. Tem uns relatos do Hans Staden¹⁹ de que ele foi levado de canoa pelos índios de Bertioga até Ubatuba. E o jeito que eles navegavam naquela época, quando a gente pega uma canoa e vai remar, é muito semelhante. Isso já é uma conexão com o natural que a nossa sociedade está cada vez mais afastada. O caíçara de uma forma geral, o índio, ou qualquer outra cultura que não o capitalismo que a gente vive, leva a vida muito mais no tempo da natureza do que no tempo da tecnologia. Estamos muito conectados virtualmente, mas nem tanto com o natural. Estar no mar é isso, é se conectar com o que eu entendo que é o nosso natural. (Depoimento de José Paulo, caíçara de Santos).

A relação dos caíçaras com a ancestralidade aparece na fala de José Paulo justamente por meio da prática corporal ancestral, remando canoas, ressignificando as canoas dos “índios de Bertioga” por meio das canoas de fibra de inspiração polinésia. O

¹⁹ Mercenário alemão que foi capturado e mantido como refém pelos Tupinambás por nove meses no século XVI.

material atualizou-se, mas a prática segue carregada de ancestralidade, e o caiçara tem consciência disso de tal forma que consegue transcendê-la e, por meio dela, repensar a relação entre cultura, território, espaço e corpo.

É fundamental o entendimento de que o território é parte integrante elementar do processo identitário caiçara, já que “é substantivado, material e imaterialmente, por sujeitos, grupos e classes sociais que estão em constante interação, conflitos e disputas.” (SAQUET, 2014, p. 13). É, portanto, no maritório que essa subjetivação acontece para os caiçaras. É nele onde se dá a vida praiana, recheada de suas práticas significantes, e onde se desenrola o processo identitário.

O território é concebido como uma malha (ou matriz de organização e interação social) na qual se expressa a força social, cultural, institucional, histórica, geográfica e ambiental que fazem dos espaços produções fechadas com tendência à reprodução ou em conformação permanente por atos de resistência à ação dominante.²⁰ (GÓMEZ et al., 2013, p. 67).

Sendo assim, tanto o território das praias nas quais estão inseridas as comunidades caiçaras tradicionais quanto o das cidades da baixada santista são importantes na composição identitária de seus integrantes, já que “o território depende não somente do tipo de meio físico explorado, mas também das relações sociais existentes” (DIEGUES, 2004, p. 24).

A partir do momento que tomamos consciência de que as relações sociais são axiais na compreensão de que o território é um componente fundamental ao processo identitário, o corpo surge como um elemento crucial. Não só o corpo, mas o que as pessoas fazem com esse corpo caiçara. Pesca, dança, esporte são aspectos relevantes de afloramento das comunidades, já que tudo isso “constrói e revela o homem por dentro e por fora” (BENTO, 2006, p. 166). Os jogos “definem, configuram, e constroem identidades sociais que se expressam no individual e no coletivo”²¹ (GÓMEZ et al., 2013, p. 63). Por meio destas compreensões, conferimos às manifestações corporais um aspecto ritualístico, envolvendo o sagrado. Ora, se as religiões por princípio têm em seus fundamentos a religação do indivíduo com seu sagrado, com seu Ser, é justamente em construir e revelar o homem que reside o alicerce de seus rituais. Vistos deste

²⁰ Tradução livre.

²¹ Tradução livre.

ângulo, os jogos acabam expondo seu caráter sagrado (SAURA, 2014), dotado de uma carga simbólica que ultrapassa os limites dos templos e dogmas.

Logo na abertura do filme “Diamantino”²², é trazida essa dimensão sagrada que o esporte pode adquirir, quando coloca que os afrescos nos tetos das igrejas eram pinturas tão lindas que davam fé às pessoas, mas que a arte mais bonita de hoje é criada numa nova catedral: os estádios. Na ótica trazida pelo filme, os jogadores de futebol fazem coisas tão maravilhosas que dão fé às pessoas.

A origem dessa relação mística entre corpo, esporte e fé; superstição, crença e jogo; encenação, incorporação e vida; é remota tal qual a humanidade.

Outra característica da ancestralidade é que em *situações-limite* (Jaspers), nas quais temos nossa própria sobrevivência em risco, a ancestralidade nos abre e nos apresenta possibilidades de religação com nosso tecido social originário: nos religa aos nossos. Desta religação, possibilitada pela vivência limítrofe, temos uma outra maneira de ver o próprio mundo e a nós próprios numa releitura das coisas, *relegere*, em que transformamos o nosso olhar, as nossas atitudes e nossas relações (FERREIRA SANTOS, 2004^a e 2004b). Estas duas possibilidades religantes: *re-ligare* e *re-legere*, abrem a dimensão *religiosa* (no sentido mais nobre do termo) de nosso contato com a ancestralidade: ‘o importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora’ (COUTO, 2003: 53); assim: ‘quando a terra se converte num altar, a vida se transforma numa reza’ (*Idem*: 93). (FERREIRA SANTOS, 2005, p. 213).

Quando as lanças cruzavam os céus taciturnos de uma caçada pré-histórica o corpo já era o agente protagonista que se colocava nas juntas limítrofes entre vida e morte, presente e futuro, sabedoria e escuridão. Não é à toa que os heróis gregos eram filhos de um deus com um mortal. Estão no meio do caminho. São a ponte entre o nosso mundo e o Olimpo. Eles trazem algo de divino na humanidade deles ao mesmo tempo em que trazem algo de humano em sua divindade. E as provas de seus atributos heroicos passam pelo corpo. É na realização de tarefas humanas com um desempenho sobrenatural que se provam heróis. Ora, o que fazemos quando jogamos?

Há uma inegável proximidade e autoidentificação entre os caiçaras das diferentes cidades e realidades, que se manifesta e transparece por meio do corpo, que canta, dança e joga com o mar. Nas cidades se espalham estabelecimentos que levam o termo caiçara como nome e que decoram seus ambientes com temas do mar e da praia.

²² Filme luso-franco-brasileiro de Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt, de 2018, que satiriza a sociedade e o momento político atual, e cujo personagem principal é um jogador de futebol.

Muito frequentemente também encontramos associada a isso, a prática de modalidades esportivas e jogos realizados no mar e na praia. Sendo estes dois elementos os principais pontos de contato físico e simbólico entre cidade e comunidade, o entender-se caiçara relaciona-se justamente com a praia, e principalmente, com as relações que se estabelecem entre corpo e praia, entendendo este como um espaço fundamental para a prática esportiva, para jogar, brincar, para trabalhar, enfim, para viver. Este é um elemento essencial que faz com que se sintam caiçaras.

A relação direta com o ambiente perdura nesse relacionar-se do caiçara que, inserido no – e parte constituinte do – ambiente, aprendeu a notar os sinais que o cerca para prever as condições que terá de enfrentar.

O que os caiçaras criaram ao longo do tempo se mantém até hoje e parte disso ainda se vê por aqui. Por exemplo, aqui na escola de surfe, eu aprendi isso cedo e vários surfistas fazem isso: a gente tenta perceber sinais da natureza. É um eco do passado, que tem com certeza a ver com os navegadores do passado, que os caiçaras têm e que todos os surfistas ainda carregam, principalmente surfistas mais antigos. É assim: o tempo vai mudar. Dois ou três dias antes do tempo mudar, algumas nuvens aparecem no céu. Os cientistas chamam de “cirrus” e os caiçaras de “rabo de galo”. Então você vê os rabos de galo no céu, você sabe que a frente fria está mais ou menos a dois dias de distância de você. Os animais se comportam diferente quando vai mudar o tempo. O cheiro do ar muda. O horário do vento se altera, fica quente. São sinais que a natureza dá, que os caiçaras viviam isso muito forte e a gente vive hoje no surfe. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

A integração caiçara-ambiente também é observada, com esse tipo de conhecimento climático, neste trecho de uma lenda de Ubatuba, que fala sobre um grande mestre canoeiro, que comandava a navegação de uma canoa de voga entre Angra do Reis, Ubatuba e Santos:

A cor do céu, o vôo dos pássaros marinhos, o tamanho, o formato e o correr das nuvens, a temperatura da aragem fria ou quente – roçando-lhe o rosto, o cintilar das estrelas, a conjunção desses e outros fatores assegurava-lhe, com absoluta certeza, por antecedência e longo espaço de tempo, as condições meteorológicas. (OLIVEIRA; MENDES, 2006, p. 114).

Aqui cabe um questionamento acerca da relação estabelecida entre caiçaras e seu território: seria essa coexistência entre homem e mar, entre povo e praia, um ponto relevante no processo identitário caiçara? “Com o caiçara houve sempre uma relação de respeito e de equilíbrio entre o *homem* e a *natureza*.” (MARCÍLIO, 2006, p. 24). O que

a autora traz é valioso no sentido de verificarmos a relação harmoniosa que o caiçara estabelece com o ambiente e, por consequência, consigo mesmo, coadunando conhecimento e habilidade espaciais (cf. TUAN, 2013).

Afastados ou não da roça, vivendo em meio à Mata Atlântica com maior ou menor intensidade, o que os caiçaras não deixam se perder é o contato com a praia e com o mar. A sabedoria caiçara, que atravessa gerações e espaços, também se mantém, ao passo que a ciência explica algumas questões que já eram do conhecimento do povo que vive no mar, como relatou o surfista Irapajy.

Não é importante saber que esta ou aquela cosmologia mítica foi “cientificamente” verificada ou rejeitada, pois essas cosmologias e cosmogonias são componentes de uma linguagem simbólica. Galileu não tem importância para o simbolismo do nascimento e do pôr-do-sol (DURAND, 1995, p. 160).

Muito embora o ceticismo das pessoas tenha crescido baseado no conhecimento científico, elas ainda acreditam em conhecimentos que julgam irracionais, mas que acabam sendo predominantes e se apoiam e criam símbolos para explicar a vida e o mundo. Essas imagens não estão inscritas na evolução mental, mas na corporeidade que nos atravessa (DURAND, 1988, 2012; MERLEAU-PONTY, 2011) Por isso mesmo, os caiçaras guardam imagens que são importantes na construção de símbolos que dão sentido à comunidade.

Este imaginário significativo nos permite mergulhar mais profundamente na questão da construção identitária do caiçara por meio de sua cultura e, mais especificamente, suas manifestações corporais e jogos. Diegues (2004) já percebia essa relação ao afirmar que “a dança de São Gonçalo, após o fandango, reforçava os laços de solidariedade e a reciprocidade existente entre as famílias da ‘vizinhança’ ou do bairro” (DIEGUES, 2004, p. 31). Ao encontro da ideia de que tais manifestações têm a competência de construir identidades, Daolio (2006) argumenta que o corpo é capaz de atribuir identidade aos indivíduos, e chega a usar o termo “corpo identitário” (DAOLIO, 2006, p. 56). Esse tal corpo identitário seria então responsável por uma diferenciação entre os indivíduos, grupos e culturas. Dele emergiriam traços, hábitos, modos de vida. Coloca, porém, que na cultura atual a formação de identidade passou a se apoiar em novas influências e valores. Com isso, questiona essa capacidade identitária do corpo em criar identidades distintas para diferentes comunidades, uma vez que a grande maioria delas está sujeita às influências globalizantes. É neste ponto que reside uma

possibilidade dos jogos tradicionais serem representativos, uma vez que podem se mostrar como alternativa à globalização massiva da sociedade contemporânea. Os jogos tradicionais primam pela valorização de particularidades, de pontos que tornam extraordinário determinado grupo ou comunidade. Com isso, é possível – e fundamental – que ainda conservem a característica de engrenagem no processo identitário.

Momentos cruciais de formação de identidade caiçara são verificados quando nos atentamos a alguns pontos da vida caiçara que dão destaque à integração social das comunidades:

ao lado dos momentos de ruptura da rotina diária, quando ocorriam as grandes festas religiosas (e profanas) no cotidiano, os momentos de distração e sociabilidade dos solitários caiçaras se davam através da dança, do jogo, nas tavernas e nas fontes de água, sem se esquecer dos momentos de trabalho coletivo (os mutirões de derrubadas, de queimadas, as “campanhas” de pesca da tainha...), todos eles fatores importantes de integração social da comunidade camponesa. (MARCÍLIO, 2006, p. 246).

As manifestações corporais, lúdicas e laborais, são de fundamental importância para que a comunidade caiçara se reconheça como tal. O corpo é elemento presente nas atividades elencadas e possui relação direta com atividades tradicionais, como os jogos e danças.

A relação entre cultura, corpo e tais manifestações, nos permite entender a importância de situar o jogo no espaço em que ele acontece, na cultura da qual ele faz parte. Recortar o jogo do contexto pode torná-lo indiferente ao espaço e fazê-lo desvanecer-se de sua relação com a exterioridade. É importante que entendamos o jogo aí, na comunidade, neste meio cultural. O jogo, descontextualizado, corre o risco de se transformar em outra coisa, diferente daquilo que um dia significou. Esse processo ocorre com muitos jogos, que passam por um processo de esportivização e institucionalização (BOURDIEU, 2003; FERES NETO, 1996). Portanto, os jogos caiçaras precisam ser entendidos no contexto caiçara e, principalmente, como elementos deste maritório, imprescindível à construção identitária dessa cultura. Ainda assim, estes jogos sofrem atualizações e passam por inovações, dialogando com o tempo e com o espaço da prática.

Entender os jogos caiçaras como componentes do maritório contribui na compreensão da importância que tem esses jogos na luta pela qual os caiçaras estão

sempre postos à prova. Este povo possui longa tradição de resistência cultural e territorial. Sendo descendentes da linhagem de Cunhambebe, grande chefe Tupinambá que liderava a Confederação dos Tamoios, os caiçaras mantêm a luta secular pelo reconhecimento de sua cultura e garantia de território. Cunhambebe foi uma das lideranças indígenas de maior ameaça à hegemonia portuguesa durante a colonização do país. Após sua morte, ocasionada provavelmente pela varíola trazida pelos franceses, seu filho teria assumido a liderança dos Tamoios, e mais tarde colocaria fim à Confederação em um acordo de paz com os portugueses, o que permitiu a conturbada miscigenação que como já vimos, foi a raiz axial para a formação do povo caiçara (BEGOSSI, 2006).

A ocupação do litoral brasileiro é um evento determinante para a formação do povo caiçara. A miscigenação cultural violenta entre índios e europeus, culminando com a chegada dos africanos escravizados, forma os descendentes dos tupinambás, que seguem mesclando hábitos e costumes das raízes formadoras da cultura caiçara.

A região hoje denominada litoral norte do Estado de São Paulo sofreu um lento processo de ocupação até chegar à realidade atual – um espaço onde convivem e se misturam aspectos arraigados de cultura caiçara e as diferentes características das culturas dos migrantes. (AGUIAR, 2006, p. 11).

Este processo ocupacional ocorre de maneira mais ou menos veloz, em razão de sua múltipla ocorrência em áreas de fácil ou difícil acesso. Sendo assim, a cultura caiçara não se desenvolveu de maneira homogênea acompanhando uma sequência cronológica bem determinada. Santos, por exemplo, serviu como porta de entrada para colonizadores e africanos, e porta de saída para as riquezas coloniais. A chegada das modernas influências e das novas tecnologias se dava por ali. Já em Ubatuba, transformações mais intensas ocorrem no decorrer da segunda metade do século XX. “Perdendo suas terras, era todo o mundo caiçara que vinha abaixo, proletarizando ou marginalizando seus antigos moradores.” (MARCÍLIO, 2006, p. 24). Desta vez, não é o europeu colonizador que ameaça a cultura e soberania territorial do caiçara, mas sim a tsunami de especulação imobiliária e “a partir de inícios da década de 1980, começa a se construir uma identidade caiçara, fruto dos embates contra a especulação imobiliária, contra o autoritarismo ambiental.” (DIEGUES, 2004, p. 45). A identidade caiçara se fortalece na resistência, portanto.

Para Saquet (2014), os territórios precisam ser enxergados dentro da lógica da disputa de poder. São espaços onde esta disputa se dá diretamente entre as forças avassaladoras da opressão e dominação contra as pessoas que habitam e fazem parte do local. A disputa territorial não é simplesmente pelo pedaço de terra que ele circunscreve, é mais; é uma luta pela resistência cultural, que depende de determinado ambiente para que possa existir. Para o autor “os territórios de identidade também são compreendidos como *territórios de produção, existência, vida, luta e resistência*.” (SAQUET, 2014, p. 24).

O espaço também é fundamental para os povos caiçaras. São características do espaço que determinam como se dará o jogo. Como seria possível uma corrida de canoa caiçara sem que houvesse a mata com árvores compridas de onde se entalham as canoas? Como poderia um surfista deslizar nas ondas se ao invés de mar, as águas santistas fossem uma lagoa? O espaço é fundamental para o desenvolvimento dos jogos caiçaras. Mais do que isso, o espaço é um provocador, e “é pela provocação do mundo que somos convocados e iniciamos qualquer movimento” (HACKEROTT, 2018, p. 52), e é no agito do mar que o caiçara se constrói, com suas canoas, remos, danças, músicas, redes e anzóis. É esse espaço que “reanima origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se” (BACHELARD, 2018, p. 3), e incentiva que as práticas corporais aconteçam.

O processo de reconstrução identitária da cultura passa por um estágio no qual elementos fundamentais serão resgatados e revalorizados, para se estabelecerem como marcos de cisão e diferenciação quando postos lado a lado com os elementos que revelam valores da sociedade da qual se distinguem.

A complexidade de elementos identitários, próprios da autodeterminação afirmativa de culturas e símbolos, [...] se traduzida para o campo das relações políticas, gera uma ruptura profunda com a atitude colonialista e homogeneizante que historicamente apagou diferenças étnicas e a diversidade cultural. (CRUZ, 2014, p. 53).

Alguns símbolos da cultura como o remo, a praia e o mar estão cada vez mais presentes nos ambientes dos caiçaras. A valorização de tradições e regionalismos se coloca na vanguarda da determinação da identidade nessas comunidades. Portanto, patrimônios como as músicas, danças e expressões linguísticas locais são elementos que atuam nessa ruptura com a homogeneização cultural, e junto com eles, em posição de destaque, figuram os jogos. Estas manifestações lúdicas corporais são justamente

significações da valorização cultural e simbólica daquele grupo que sustenta a prática. Portanto, além de práticas alegres e despreocupadas, os jogos poderiam apontar uma ruptura com o etnocentrismo colonial na medida em que além de fortalecer a cultura e possibilitarem a construção identitária por meio da valorização simbólica, são ainda uma via pela qual se insere o corpo das pessoas da comunidade, e permeiam pela prática os valores da comunidade. Por isso, a canoa caiçara e a canoa havaiana figuram dentre os elementos afirmativos culturais que exercem papel no processo identitário caiçara.

É curioso pensar que esse processo de construção identitária, se utiliza de tradições, práticas ancestrais e costumes locais, para mirar aos novos objetivos que se apresentam e que ainda virão. Em outras palavras, é dizer que, paradoxalmente, esse movimento se inspira no passado para ressignificar o futuro (FERREIRA SANTOS, 2005). Desta forma, a cultura consegue manter-se viva e significativa, pois leva em conta as imagens relevantes à comunidade para fazê-la ultrapassar os novos obstáculos colocados.

Ao encontro da noção de que os jogos são alicerces da formação identitária, é possível mergulhar ainda mais profundamente ao nos depararmos com o entendimento de que os jogos “estão na gênese do pensamento [...] realidade e mito, fantasia e história se misturam nos jogos, daí a grande importância de sua preservação, pois representam um forte traço da sua cultura.” (HERRERO, 2010, p. 117). Desta forma, temos que os jogos, não apenas como formadores de identidade, também se colocam como agentes da formulação do pensamento das pessoas, comunidades e culturas, sendo, portanto, elementos primordiais inclusive na composição do conhecimento humano.

Ao se deparar com imagens simbólicas no jogo, o caiçara toma conhecimento de si, conhecimento ancestral, condensado na cultura como um todo e expressado pelo corpo e pelo jogo.

À primeira vista, o conhecimento [co-naissance, em francês] simbólico, definido triplamente como pensamento para sempre indireto, presença figurada da transcendência e compreensão epifânica, aparece como antípoda à pedagogia do saber, como vem sendo instituída há dez séculos no Ocidente (DURAND, 1988, p. 24).

Com isso, Durand pontua um marco significativo quanto ao conhecimento simbólico, importante aos caiçaras. A forma com a qual se relacionam com o mundo é outra, diferente da forma universalizada pelo conhecimento europeu. A construção e

disseminação deste conhecimento também são distintas, e existe uma valorização de práticas corporais. O jogo também faz parte da construção de conhecimento desta cultura.

É comum observarmos a valorização da tradição oral em comunidades tradicionais (DIEGUES, 2004), e na cultura caiçara ela tem grande importância. Apesar disso, no processo deste mestrado e, principalmente ao longo das etapas de pesquisa de campo, pude observar que, por vezes, até mais significativa que a tradição oral, os caiçaras possuem uma fortíssima tradição corporal. São as práticas corporais que moldam o Ser caiçara. As observações diárias dos seus pares, a relação com o maritório e a experimentação corporal dos caiçaras aparecem centralmente em seu cotidiano, e guiam o contínuo processo de se entender caiçara.

Os jogos ressaltam a ideia de *Ser* da qual me utilizo ao longo desta dissertação. Nela, também cabe o entendimento de que o Ser:

Para-si deve ser todo inteiro corpo e todo inteiro consciência: não pode ser *unido* a um corpo. Similarmente, o ser-Para-outro é todo inteiro corpo; não há aqui “fenômenos psíquicos” a serem unidos a um corpo; nada há detrás do corpo. (SARTRE, 1997, p. 388).

Neste caso, podemos notar que em nenhuma circunstância o corpo pode ser unido à consciência, uma vez que ela faz parte do corpo. Já o que somos para o outro é inteiramente corpo, pois tudo de consciente que dele vier é característica daquele corpo “outro”. Corroborando com essa ideia, Sartre ainda coloca que “seria inútil, apenas, supor que a alma possa desgarrar-se desta individualização separando-se do corpo” (SARTRE, 1997, p. 393). Corpo e alma devem ser entendidos como inseparáveis, contra a ideia cartesiana de fragmentação, de dualismo; a consciência é sempre um aspecto do corpo, pois tudo que não é corpo, é nada. Daí também vem a questão de que esse corpo, que já é agregado de consciência, tem importância fundamental à cultura caiçara e à transmissão de suas tradições.

A quem, ainda assim, sente dificuldade em compreender a unidade do Ser, as manifestações esportivas são momentos nos quais essa unidade é ostentada, pois justamente “no desporto”²³ supera-se o dualismo de corpo e alma” (BENTO, 2006, p. 172). Não existe jogo em que haja corpo sem mente ou, ainda, mente sem corpo. É

²³ Aqui, o entendimento de desporto é de uma atividade que visa “formar o corpo e o carácter, servir e manter a saúde e a forma física, atingir a longevidade e observar a moralidade.” (BENTO, 2009, p. 186).

necessário que a pessoa seja simplesmente, Ser, e possa desempenhar funções físicas e mentais indissociavelmente. Alguém seria capaz de diferenciar o que pensa e o que executa um caiçara remando?

A canoa é muito importante para os caiçaras por conta de uma questão de identidade mesmo, de ser caiçara. A canoa tem tudo a ver. Está fortemente relacionado. Não tem como você definir o caiçara sem a canoa, sem remar. (Depoimento de Carolina Barbosa, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Como poderia um livro ensinar mais sobre o mar do que a canoa? Essa tradição corporal caiçara vai além, e permite uma forma de se expressar bastante significativa para sua cultura. "A maior parte das culturas não-ocidentais se expressam através da sinestesia, como num teatro de sentidos: do sonoro, do caligráfico, do iconográfico, do olfativo, do lingüístico, do tátil e dentre outros tipos de alfabetização" (IROBI, 2012, p. 288). A expressividade caiçara também reside nessa sinestesia cultural. Os jogos são manifestações nas quais ainda afloram a valorização do som, do corpo, das imagens como forma de conhecer a si e a sua cultura. Em outra ocasião, fui entrevistar um jogador de frescobol, e preocupado como pesquisador, perguntava apreensivo: "como vou te encontrar na praia?", "qual o ponto de referência para te achar em meio à multidão?". A resposta, quase óbvia, soou como um sorriso afável: "siga o som das bolinhas." É por meio deste aprendizado sinestésico que o indivíduo se encontra e desenvolve sua identidade, e o jogo é um elemento fundamental que possibilita esse aprendizado. É nestes momentos de confluência, como na revalorização do corpo e no conhecimento sinestésico que residem elementos da cultura caiçara.

Diretamente relacionado a essa sinestesia caiçara, o valor simbólico do jogo também é um componente relevante, já que tais manifestações atribuem forma, materialidade, às sensações e impressões geradas pela cultura. Um surfista deita em sua prancha e começa a remar em direção às ondas. Logo, a primeira aparece. Ainda é cedo para surfá-la. Já vem quebrada. É raso demais. Como superar o obstáculo de espuma e seguir adiante? O surfista mergulha. Empurra sua prancha contra a água como quem empurra o mar inteiro. Parece mesmo que empurra a própria gravidade. Quando furar o mar, não estará submerso, estará voando. Some. Quem acompanha da praia, prende o fôlego junto com o surfista. Ele morre toda vez que a onda o cobre. À medida que ela se aproxima da praia, diminui de volume e revela o milagre. O surfista está vivo. Renasceu. Na verdade, já tinha ressuscitado antes mesmo que pudessem revê-lo. E lá

vai ele, onda após onda, morte após morte, milagre após milagre. A cada vez, se entrega, sabe que não pode vencer a força do mar. Precisa morrer para seguir lutando contra a força colossal do mar. Só vai enfrentar a superfície quando for a hora. Quando a prancha puder deslizar e ludibriar as ondas.

Uma das coisas mais legais do surfista é de vez em quando estar sozinho com você mesmo. [...] Estar em uma onda sozinho, batalhando pra ir para o fundo, difícil, é você com você mesmo, então tem algo de busca interior e de humildade, porque o mar, o oceano, a natureza é sempre mais forte, então por mais preparado que você esteja fisicamente, você tem que estar sempre humilde frente às forças da natureza. Isso é um aprendizado para a vida extremamente grande. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caíçara da Praia da Pompéia, Santos).

Bachelard, falando sobre a contemplação que nos leva a matéria da água, coloca que este elemento é capaz de nos trazer impressões sentimentais que possibilitam ao ser se encontrar em meio à sua complexidade. “Nessa contemplação em profundidade, o sujeito toma também consciência de sua intimidade. [...] É antes, uma perspectiva de aprofundamento para o mundo e para nós mesmos.” (BACHELARD, 2013, p. 53). Se a água é capaz de produzir tal introspecção, tento presumir algumas impressões que podem ser suscitadas pelo elemento material nas atividades dos caíçaras, mais especificamente, em seus jogos.

Tinha um menino de uns 12 anos que o pai trazia para surfar que era muito fechado com ele mesmo. Até o dia em que, na beira, veio uma onda forte, derrubou ele e ele tomou um caldo. Normalmente as pessoas se assustam. Mas ele começou a dar gargalhadas, sozinho. Não sei o que aquela onda gerou nele, mas sei que daquele dia em diante ele foi diferente. Aquele caldinho que ele tomou ligou uma chavinha nele e fez perceber algo que ele não percebia. Às vezes coisas que estão distantes das pessoas a prática do surfe traz de volta. E isso não tem a ver com o surfe só, mas tem a ver do surfe estar na natureza, ou também do surfe ser a natureza. Não sei nem onde começa um e termina o outro. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caíçara da Praia da Pompéia, Santos).

Se os jogos guardam íntima relação com as imagens marítimas, durante os jogos o caíçara teria a chance de tomar consciência de si e de se encontrar com seu próprio Ser. Seria, neste caso, nos momentos de jogo que o caíçara teria uma possibilidade substancial de se perceber como comunidade, entender e ressignificar sua cultura.

Essa forma distinta de tradição e expressividade por vezes se chocou com o modelo imposto pela sociedade atual, e exigiu uma ressignificação da cultura num

contínuo remodelamento identitário, agindo de forma intensa, e transformando e engajando a comunidade como um todo. Com isso, são criados alguns movimentos sociais, que:

têm, no centro de sua ação e de seus discursos, uma politização da cultura e uma revalorização das memórias, das tradições comunitárias, da ancestralidade [...]. A noção de comunidade é retomada como uma espécie de código ético e político mobilizado estrategicamente e performaticamente na construção de identidades culturais e sociopolíticas (CRUZ, 2014, p. 39).

Os jogos permitem, portanto, que a comunidade construa a reconstrua sua identidade pela prática, pelo corpo, por meio do diálogo estabelecido com sua cultura, que em muitos casos precisa que seja revalorizada, para que do jogo se saia mais forte e preparado para o necessário enfrentamento político imposto pelo mundo atual, que é implacável com as culturas que são colocadas, mesmo a contragosto, às margens do sistema produtivista e mercantilista, que tenta desumanizar as pessoas e destruir as culturas. Aí reside a importância dos jogos na manutenção identitária permanente na cultura caiçara.

Percebe-se, portanto, a construção de uma auto-identificação dos moradores tradicionais das praias com a cultura caiçara, da qual eles passam a se orgulhar.

Esse auto-reconhecimento é frequentemente, nos dias de hoje, uma identidade construída ou reconstruída, como resultado, em parte, de processos de contatos cada vez mais conflituosos com a sociedade urbano-industrial (DIEGUES, 2004, p. 46).

Talvez venha justamente daí que, mesmo de forma inconsciente, seja crescente entre os caiçaras a busca pelo resgate da identidade caiçara, por uma herança ancestral.

Essa herança, mais do que herança biológica, parece fundamental para entender a pertinência da expressão imaterial da cultura, porque essa noção de herança nos vincula a algo que nós recebemos e que nós não valorizamos. Por vezes, só valorizamos quando estamos na iminência de perdê-lo ou quando, por que fomos para muito longe, nós o reencontramos. (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 28).

A valorização material e simbólica do espaço e do território também será traduzida em uma maior relevância aos jogos em cada um dos grupos. Isso porque os jogos dão ênfase justamente ao espaço do qual fazem parte (COBRA SILVA, 2016), e trabalham no campo simbólico fortalecendo a identidade cultural dos indivíduos e da comunidade como um todo. Isso se dá tanto por vias externas, de confronto de interesses da comunidade com o de empresas e governos, como por vias internas, já que

dentro da comunidade também existe um processo de acolhimento da ideia do “progresso” por parte dos indivíduos. É claro que eles não ficariam isentos de todas as influências e estímulos para o consumo e a monetarização pessoal.

Uma nova etapa no padrão de mudanças da cultura caiçara se intensifica na década de 1960 com o crescimento exponencial do turismo nas regiões das praias, que passaram a possuir estradas de acesso fácil às grandes cidades. Assim, nos últimos 60 anos os caiçaras se confrontam ainda mais intensamente com questões que podem ter resultado em uma diminuição da força das tradições caiçaras.

Este processo de ocupação e urbanização redefiniu o status da população caiçara. A valorização das terras, principalmente as localizadas de frente para o mar, proporcionou um processo de venda da terra levando os antigos moradores a estabelecer residência nos “fundos” dos bairros, nos morros e sertões. (AGUIAR, 2006, p. 51).

Com tudo isso em jogo, os caiçaras passam por um processo de reestruturação comunitária que contribui para uma mobilização um pouco mais organizada das suas comunidades, o que favorece o fervilhar de ações que colaboram para salvaguardar a cultura caiçara e a existência desse povo. É fruto desta nova demanda o aumento de eventos abertos nos quais a cultura caiçara é exaltada, onde manifestações culturais como música, dança e jogos tradicionais acontecem.

As pessoas tinham dificuldade de se reconhecer como caiçara; mas começamos a discutir muito sobre cultura caiçara por aqui e as corridas acabaram virando uma coisa forte na nossa região, e o que deu uma alavancada nisso foi criar a associação de remadores, e fez a galera se animar (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da Paria da Justa, Ubatuba).

As identidades da cultura caiçara, sendo também baseadas no território, e forjadas a partir de manifestações corporais acabam gerando um “sentimento de pertencimento a um recorte espacial instituído.” (CASTRO, 2014, p. 75). Ou seja, mais uma atribuição do jogo é gerar nos caiçaras um senso de que aquelas pessoas pertencem àquele lugar, grupo, cultura, manifestação, festa, enfim, àquela comunidade que pratica determinadas práticas corporais.

Sendo o marítório um espaço de existência, – e onde encontram suas principais imagens – é nele que se desenvolvem a vida e a construção da identidade caiçara. Naturalmente, é ali também onde ocorrem seus jogos, festas, danças, etc.

Os espaços públicos como as praias, ruas e o mar eram os lugares de convivência das pessoas, quer como locais de brincadeiras das crianças, quer como locais de trabalho dos adultos, ou mesmo locais de lazer e festas de todo o povo. (AGUIAR, 2006, p. 96).

Não é mera coincidência que um dos principais jogos dos caiçaras aconteça tanto na praia quanto no mar. A corrida de canoa caiçara é, além de uma recriação da rotina dos pescadores artesanais, uma demarcação física e simbólica do maritório caiçara. Dizer que o principal jogo tradicional caiçara é a corrida de canoas é também dizer que o principal ambiente para a existência da cultura caiçara é a praia, é o mar, e mesmo a mata, onde as canoas são forjadas.

Jogando e pescando; trabalhando, festejando e vivendo, os caiçaras sempre se dividiram entre terra e mar, entre roça e pesca. Seu sustento vinha tanto do peixe quanto da farinha de mandioca. A preconização da pesca em detrimento da plantação vem um tempo depois. Neste processo:

a Baixada Santista tem um papel histórico primordial. A pobreza de seus solos, que nunca permitiu a expansão da atividade agrícola, e o desenvolvimento regional associados ao comércio e ao porto de Santos fizeram que surgissem, no início do século XX, condições para a formação precoce da pesca artesanal: a existência de um contingente de trabalhadores que conheciam as artes da pesca, que estavam liberados de outras atividades econômicas, e a formação de um mercado consumidor para o pescado, representado pelas populações urbanas de Santos, São Vicente e São Paulo. (ADAMS, 2000, p. 154).

Os caiçaras que se desenvolveram em Santos acabaram se voltando com mais exclusividade à pesca artesanal, e estreitaram laços com o mar, já que a roça por ali perdeu espaço mais cedo que nas outras praias do litoral paulista. Além disso, a chegada dos barcos a motor também foi um momento determinante para essa guinada marítima, inclusive nas comunidades tradicionais, onde as roças ainda possuíam força.

Plantar e pescar não são atividades tão diferentes. Em ambas é preciso respeitar o tempo, o desenvolvimento. Não se pode realizar nenhuma das atividades de forma predatória, exacerbada. Se você arrancar as mandiocas antes da hora, não crescerão o suficiente e não germinarão novas mandiocas. O mar é uma outra terra (LINSKER; TASSARA, 2005). Se você pescar os peixes ainda jovens, não poderão se reproduzir. Sumirão. É uma questão de ciclo, ritmo. O sumiço foi notado pelos caiçaras com a pesca industrial. Precisam ir cada vez mais longe encontrar os escassos cardumes. A corrida de canoa caiçara também precisa ter seu ritmo respeitado. As remadas precisam

concluir o movimento. Cravar o remo no mar antes ou depois da hora descompassa a canoa, desequilibra a embarcação. O erro é sentido, como quem pisa em falso num chão de ondas. No surfe, se acelerar demais, a prancha vai deixar para trás a onda e perder quem a impulsiona. Por outro lado, se não remar o bastante, a onda passa por baixo do surfista, que flutua na superfície com o remorso de quem se deixou perder o bonde da vida. Nos jogos caiçaras os ciclos do mar se fundem aos movimentos cíclicos da humanidade, e se fazem acontecer num sopro contendo ancestralidade e novidade. Desconfiança e desafio. Medo e gozo. Tudo circunscrito no espectro do espaço que habitam. Do território que são.

Se o caiçara é o próprio mar, é possível perceber que mesmo olhando da proa da canoa na crista de uma onda, não podemos dimensionar a sua cultura. É uma imensidão ondulante, dinâmica, viva, que assim como o mar, se adapta às necessidades impostas pelo tempo. Em dias de sol, brilha junto com o astro, refletindo sua luz, mas também se mantém revoltado absorvendo tempestades. Mas uma certeza permanece: ao chegar à praia, o mar estará lá. Com seu universo particular. É também por isso que a iniciação no mar é sempre marcante, já que é também uma iniciação em si mesmo.

Remar quando eu nasci, a gente já nascia remando. Quando eu nasci já sabia remar. Sei remar desde criança (Depoimento de Seu Mandico, caiçara da praia Brava da Almada, Ubatuba).

Os caiçaras têm contato com a praia e com o mar desde muito cedo, é o quintal de casa. Após um breve romance com o raso, quase sempre os pais levam suas crias para conhecer o fundo. Para as crianças, é o abismo, é objeto de desejo embebido no medo do desconhecido. Lembro-me das primeiras vezes, ainda muito novo, de quando meus pais me levavam para o fundo para nadar uma pequena distância entre meu pai e minha mãe. Uma verdadeira travessia oceânica, já que meu nado ainda era inconsistente e a segurança do apoio na terra não era mais uma opção. “Aqui já não dá mais pé”, alertava minha mãe. “Está muito longe” pensava eu, receoso de ainda não ter a força para empurrar um mar inteiro com meus pequenos braços. Era uma tensão, sem dúvidas, mas cercada pelo desafio e pela vontade da conquista. Nadar até o abraço mais terno do oceano ensina o momento de respirar, a hora de se deixar mergulhar, quanto tempo o olho aguenta a ardência do sal, que revela um mundo submarino fora de foco. Revela que a suspensão da vida cabe em alguns metros de cruzeiro atlântico. Momentos

memoráveis que são pedras fundamentais na constituição do meu ser, na formação da minha identidade.

Após a prova, que pode ser muito breve, o riso infantil retomará sua franqueza, uma coragem recorrente virá mascarar a revolta inicial; a fácil vitória, a alegria de estar iniciado, o orgulho de ter-se tornado, como o pai, um ser da água, a “pedra de funda” sem rancor. (BACHELARD, 2013, p. 173).

A “pedra de funda” é justamente a criança, que naturalmente passa por um momento crucial em sua vida. É a partir da conquista do fundo que você sente que conquistou todo o mar. Agora você faz parte daquele ambiente. “O nadador conquista um elemento mais estranho à sua natureza. O jovem nadador é um herói precoce.” (BACHELARD, 2013, p. 169). O caçara não é caçara enquanto não for dono do mar, mesmo sabendo que o mar também é dono dele.

Imagem 27, 28 e 29: A fusão entre caiçara e maritório se dá por meio das práticas corporais.

Fonte: acervo pessoal

Após a conquista do mar pelo caiçara, estabelece-se uma relação de simbiose entre pessoa e mar. Quando mergulha, o caiçara está completamente envolto pela água,

ocorre uma fusão entre os corpos, que estão suscetíveis um ao outro. Ao mesmo tempo, que o mar pode levar o caçara para onde quiser, ele também se molda de acordo com os movimentos que o nadador realiza; “mais que ninguém, o nadador pode dizer: o mundo é minha vontade, o mundo é minha provocação. Sou eu que agito o mar.” (BACHELARD, 2013, p. 174). O sonho humano de voar reside exatamente na possibilidade de empurrar o ar assim como fazemos com a água. É por isso que, ao mergulhar, a sensação de voo aparece. Estamos no alto do céu do fundo do mar. Empurrando esse céu, subindo, descendo, deslizando, voando.

8. Canoas e canoas

Imagem 30: As texturas das canoas caiçaras compõem um mar de madeiras perfiladas à espera da corrida; Ubatuba.

Fonte: acervo pessoal

Imagem 31: Canoas havaianas também são perfiladas na areia e observam o mar que em breve cruzarão; Santos.

Fonte: acervo pessoal

A canoa representa a história do nosso povo, da nossa turma. Eu tenho canoa, não vou deixar de ter e com certeza terei mais. O que me chama atenção é que uma canoa não é uma coisa simples de fazer, pra construir precisa ter uma noção mesmo e também carinho pela canoa. Não é só uma ferramenta que vai me trazer alimento ou dinheiro, mas é uma coisa que faz parte da gente, não tem nem como explicar direito. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da praia da Justa, Ubatuba).

A canoa é um grande símbolo da cultura caiçara. Ao longo desta dissertação ficou evidente a importância que este elemento cultural carrega e da força que possui no imaginário caiçara. “Mais luxuriante na imaginação é a *morada sobre a água*, a barca, a nau ou a arca.” (DURAND, 2012, p. 249). Está presente em todos os âmbitos da vida caiçara. As canoas colorem o mar na pesca, no transporte, nas corridas. Aparecem nas músicas, nas danças, nos ritmos. Trazem ao mar um pedaço da mata e materializam a aproximação entre Mata Atlântica e praia. Nas cidades, seguem existindo em garagens, museus, peças de decoração e também no mar. A canoa faz parte do caiçara e é fundamental à sua sobrevivência, não apenas econômica, mas também cultural.

Esse lugar de potência ocupado pela canoa no imaginário caiçara se dá principalmente por ser ela a grande responsável pela ligação originária entre caiçara e mar. O vínculo indissociável entre caiçara e mar muito se deve à possibilidade que a canoa ofereceu de transformar o espaço do oceano no maritório caiçara.

A canoa é o maior símbolo da cultura caiçara. O brasão de Ubatuba tem a canoa. Foi responsável pelo transporte, pela sobrevivência do povo. A comunicação dos povos antigos era a canoa. Era o mar, né? O principal meio de comunicação de centenas de anos atrás, e ainda é o melhor meio de comunicação. Porque hoje, as pessoas das praias nos pontos mais extremos da cidade se conhecem e se encontram por conta da corrida de canoas. É onde as pessoas se encontram, para conversar, falar de pesca. É ainda o meio de comunicação do caiçara. Pra mim o maior símbolo da cultura caiçara é a canoa. (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

Essa possibilidade de comunicação oferecida pela canoa rema rumo a horizontes diversos. A canoa diz tanto ao caiçara que mesmo nos grandes centros urbanos, a recente retomada e revalorização da cultura caiçara recaíram também sobre este tipo de embarcação. A forte tradição corporal caiçara necessitava de uma manifestação que dialogasse com essa animosidade da canoa caiçara tradicional, mas que também se relacionasse com as mudanças que a proximidade com a contemporaneidade impele aos caiçaras. É nesse ponto que o va’a – ou canoa havaiana – se fortalece e encontra entre os

caíçaras, forte e profunda penetração, impregnando-se como prática representativa, já que dialoga com uma prática tradicional e com uma ancestralidade corporal.

Essa canoa que a gente usa hoje no va'a deriva das canoas de pesca costeira, que são canoas a remo (Depoimento de José Paulo, caíçara de Santos).

Apesar do va'a originar da cultura polinésia – e a globalização cultural fortemente promovida pelos Estados Unidos da América ter influência na internacionalização de suas práticas – sua absorção e penetração no imaginário caíçara torna a prática culturalmente significativa, já que dialoga diretamente com suas canoas tradicionais, atualizando essa tradição.

Desta forma, é possível entender a canoa havaiana como uma atualização da canoa caíçara no universo desta cultura. Diferentemente do que possa parecer, essa atualização de práticas é um processo necessário para a manutenção do processo identitário. A suposta “traição” da canoa caíçara por uma canoa advinda de uma outra cultura é, também, uma forma de renovar a forte relação entre canoa, caíçara e mar. Não posso deixar de parafrasear o prof. Marcos Ferreira Santos (2004, 2006) que em suas aulas nos ensina que, para ser fiel à tradição, é preciso traí-la, e a partir de então poder encontrar-se nela.

Com isso, uma grande recorrência encontrada nesta pesquisa é justamente a canoa. Por si só, esse elemento da cultura caíçara circunscreve diversas outras recorrências que foram aparecendo ao longo dos depoimentos, das observações e também da literatura, como a relação com o mar, a importância da coletividade, a conexão com o espaço e a centralidade do corpo. Esse também é o motivo pelo qual este capítulo final leva o nome de “canoas e canoas”, já que todas essas canoas fazem parte da tradição caíçara, materializam seu universo imaginário e tem um papel profundo no processo identitário do caíçara, renovando também suas tradições.

Esta re-escritura e, ao mesmo tempo, re-inscrição do Ser na própria pessoa e em seu mundo, ganha alma, sabedoria sofiânica, se re-anima para prosseguir seu próprio percurso formativo como processo simbólico (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 12).

O caminhar do processo identitário neste constante perder-se e encontrar-se dentro de sua cultura faz do caíçara um navegante que, por vezes sem rumo, à deriva, se

deixa levar justamente pelos elementos que compõe a cultura tradicional caiçara, apontando a proa da canoa em direção àquilo que ele está se transformando.

A poetisa afro-britânica-guianense, Grace Nichols, avaliou este fenômeno diaspórico transformacional, nestes belos versos, “Cruzei um oceano / Perdi minha língua / Mas a partir da raiz do antigo / um novo alguém trago comigo”. (IROBI, 2012, p. 281).

Isso reforça a necessidade de que o indivíduo, posto à crise existencial, desenvolva novas identidades por meio da ressignificação de sua própria cultura. “Mergulha-se na água para renascer renovado” (BACHELARD, 2013, p. 151). A oportunidade do mergulho é oferecida aos caiçaras em seus jogos, momentos nos quais estão imersos em seus elementos significantes – seu mar, sua canoa e seu corpo – e podem superar diariamente a crise por meio da ressignificação cultural e de lá sair sentindo-se parte do grupo e da cultura, reconectados.

Teve um momento em que estavam desaparecendo as canoas, com os caiçaras até mesmo vendendo as canoas. E agora com essa alavancada você não vê ninguém querendo vender canoas, mas vê pessoas querendo comprar. Lógico, ela serve muito para a pesca, mas agora não vai servir só para isso. Tem pessoas também que não pescam mais, mas que tem a canoa, porque além de ser bonita, se ele não utiliza para pescar ele utiliza para a corrida. É uma coisa que a pessoa gosta. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da Paria da Justa, Ubatuba).

Isso revela a retomada da valorização caiçara em curso atualmente. Essa reconexão do caiçara com sua cultura vêm crescendo após um período no qual havia certo distanciamento. Para nos confrontarmos com o mundo, mergulharmos nessa água renovadora, é necessário o embate com ele. Tal embate é justamente o que nos permite a compreensão:

Compreendo o mundo porque o *surpreendo* com minhas forças incisivas, com minhas forças dirigidas, na exata hierarquia de minhas ofensas, como realizações de minha alegre cólera, de minha cólera sempre vitoriosa, sempre conquistadora (BACHELARD, 2013, p. 166).

Vistas deste ângulo, o que são as manifestações corporais se não uma direção de forças incisivas para surpreender o mundo? E por isso, podem se mostrar como uma maneira sublime de compreender o mundo. Por meio do jogo é possível que nos posicionemos de forma conquistadora frente ao mundo que nos cerca, frente à nossa cultura, nossas questões mais primordiais, para que, a partir disto, relacionemos a experiência com nossa existência para carregá-la de significado. Os caiçaras confrontam

o mundo toda vez que se dirigem à praia e praticam seus jogos. Cada vez que um caiçara rema sua canoa, surfa, dança, canta ou mesmo mergulha no mar está num constante processo de surpreender o mundo para que possa compreendê-lo, ressignificando o que é ser caiçara. Isso vai ao encontro do entendimento que, ao contrário de uma suposta natureza invariável caiçara, as mudanças e transformações são aspectos tão constantes que podem ser considerados como parte do modelo cultural caiçara (DIEGUES, 2004).

Ao nos apoiarmos na tradição e olharmos as práticas, expressas nas manifestações corporais da cultura caiçara, encontramos a essência para compreendê-los como grupo. Isso também acontece com os próprios caiçaras quando participam de suas práticas corporais, encontrando, criando e entendendo seu lugar no mundo enquanto dialogam com seu imaginário, já que o jogo, dotado de significados sociais, estéticos, religiosos, históricos, “é um quadro no qual a ação se vem verter” (DURAND, 2012, p. 397). Os mitos caiçaras, assim como os jogos, se relacionam diretamente com os elementos que compõem essa cultura, como a canoa, a pesca, o mar, os animais, a mata, etc. (cf. DIEGUES, 2006). É natural e até mesmo necessário que haja essa transformação da carga significativa em ação, para que sejam, assim, assimilados pelas culturas.

O mar foi outra grande recorrência encontrada em todas as entrevistas, observações e práticas ao longo da pesquisa. A relação com esse elemento salgado permeia a natureza caiçara. O mar acaba por simbolizar a particularidade do território caiçara, que se espalha pelo oceano e alcança os litorais do sudeste, dando liga à massa heterogênea que se abriga sob a alcunha de caiçara. É interessante pensarmos nestes povos do litoral da perspectiva de que “a diversidade das culturas humanas não nos deve induzir a uma observação fragmentária ou fragmentada. Ela é menos função do isolamento dos grupos que das relações que os unem.” (LÉVI-STRAUSS, 1973, p. 18). A grande relação que une os caiçaras e reduz esse isolamento foi – e é – o mar.

Com tantas ondas no mar, não é simples de se distinguir o que é expressão do tradicional e o que é agregado do ambiente urbano, contemporâneo, ainda mais quando levamos em conta a renovação da tradição, que clama pela ressignificação para que siga viva. As manifestações corporais tradicionais são um ponto de congruência em que emergem as imagens que indicam a profundidade de tais relações. Com isso, os jogos

tradicionais realizam um remodelamento identitário, estabelecem diálogos entre as gerações, expressam tensões e compõe o repertório corporal de diferentes grupos (GÓMEZ et al., 2012). Mais uma vez, isso se evidencia quando colocamos, lado a lado, a canoa caiçara e a canoa havaiana. Ambas são expressões de uma cultura praia caiçara. Nos eventos caiçaras, a festividade e o encontro com amigos é o ponto principal, tudo conectado pelo mar e pelas canoas. Os materiais das embarcações são distintos, porém nem sempre foi assim. Tradicionalmente, polinésios e havaianos fabricavam suas canoas do chamado “Koa”, que significa madeira de um único tronco. Impossível não fazer uma relação direta com a canoa de um pau só, caiçara. Em Ubatuba e em Santos existe a competição, mas fica em um segundo plano quando comparados com aspectos como a diversão e a confraternização.

Na corrida de canoa você pode chegar em último que está valendo, sabe? Acho que a participação e o momento de confraternização, que as pessoas acabam se juntando e todo mundo conversa e dá risada acho que isso é o melhor de tudo. (Depoimento de Juarez Pimenta, caiçara da praia da Justa, Ubatuba).

Além disso, o desafio de vencer o mar, rodear a ilha, completar o percurso, superar as ondas, se equilibrar no balanço do mar, não virar a canoa, entrar no ritmo de remada dos companheiros, familiares, amigos, entrar no ritmo caiçara, tudo isso demonstra uma recorrência de significados que assumem as manifestações corporais dos caiçaras de um modo geral.

Dentre os motivos e significados de enfrentar mar, no imaginário caiçara reside uma constante incerteza quanto aos desafios da empreitada. Talvez justamente pela possibilidade de se reinventar ao cruzar o mar – e a cultura – há sempre a incerteza sobre o que fica e o que volta dessa aventura. Ressignificar-se é, também, deixar um pedaço de si no passado, para que o futuro seja verdadeiramente novo. Mais uma vez, o mergulho revela sua aproximação com a morte que precede a renovação.

Os rituais de morte contribuem com essa noção de tempo, já que “o ritual [...] tem o único papel de domesticar o tempo e a morte e de assegurar no tempo, aos indivíduos e à sociedade, a perenidade e a esperança.” (DURAND, 2012, p. 405). Os jogos não são, necessariamente, rituais de morte, porém muitos dialogam com esse momento da vida de criação mítica, já que “o rito aproxima o tempo mítico da esfera profana da vida e da ação” (RICOEUR, 1997, p. 181). Sendo assim, não é de surpreender o fato de que sejam muitos os momentos nos quais os jogos também são

capazes de domesticar o tempo, além de assegurar a perenidade, como na travessia de iniciação, na saída da praia com a canoa ou no equilíbrio da prancha, separando vida e morte por alguns centímetros. Se os jogos podem estabelecer um canal de diálogo entre as pessoas e a cultura, ressignificando tradições e construindo identidades, este processo também pode ser responsável pela manutenção das culturas, e pode se apresentar às comunidades como possibilidade de continuidade.

Sendo assim, a atividade de se lançar ao mar remando uma canoa é um ato heroico de confrontação da morte, se configurando como verdadeira aventura, marcadamente insegura, imprevisível, ainda que necessária. O perigo está sempre presente na incerteza, e em uma parábola com a viagem final – ou inicial – rumo aos desconhecidos confins da existência, a navegação não se apresentou frente à humanidade em caráter utilitário, pelo menos não de início.

Nenhuma utilidade pode legitimar o risco imenso de partir sobre as ondas. Para enfrentar a navegação, é preciso que haja interesses poderosos. Ora, os verdadeiros interesses poderosos são os interesses quiméricos. São os interesses que sonhamos, e não os que calculamos. São os interesses fabulosos. O herói do mar é um herói da morte. O primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto. (BACHELARD, 2013, p. 76).

Toda vez que uma plataforma sustenta um homem sobre o mar, existe uma dor da partida e a dúvida do retorno. Ainda que haja uma função utilitária, o caráter heroico do confronto permanece. “A conquista do supérfluo produz uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário” (BACHELARD, 1994, p. 25). A glória de vencer o desafio também. O canto ancestral daquele primeiro marujo segue ecoando nos mares do imaginário.

O que mais me dava medo no mar eram as tempestades. Tempestade nós pegamos muitas por aí. Mas graças a deus nós não perigamos muito não, tudo deu certo. O pessoal fala de tubarão por aí, mas isso pra nós é cação, né? Já pesquei no espinhel, pegava tudo quanto é cação. Anequim, tintureira, cação viola. Cação viola não faz nada. Pegava o cação cambeva também, aquele que tem as orelhas. Eles chamam de tubarão martelo. Para nós é cação cambeva. Pegava tudo isso pra vender, é uma carne muito macia, é gostoso pra caramba. Mas não tinha medo disso não. Hoje já tenho mais medo do mar. Naquela época não tinha medo de nada. Tinha medo era desses tempos ruins. Às vezes pegava temporal aí fora, passava sem comer dois dias e duas noites. Sem comer, sem beber, sem nada. O mar lavava tudo do barco. Até nossa água de beber misturava com a água do mar. O mar varria o convés todo. Mas graças a deus não acontecia nada. (Depoimento de Seu Mandico, caiçara da praia Brava da Almada, Ubatuba).

A navegação, antes de tudo, é um desafio humano, um encontro mitológico entre o homem e as forças da natureza, algumas vezes identificadas como poderosas divindades. A canoa caiçara, esculpida no tronco, retirada do alto da mata, é um esquife que o caiçara entalha para enfrentar a morte, e quando vitorioso, trazer os louros em forma de peixe. A corrida de canoas segue o mesmo padrão. Vai-se de encontro ao mar, às almas dos ancestrais, à morte, para retornar ao aconchego da areia, onde sorrisos e abraços aguardam seu vitorioso retorno. Um surfista, por sua vez, não quer compromisso com a morte representada pela água. Há, mais uma vez, o desafio, ele flerta com o mar, apenas a prancha o separa do abismo. Em seguida, sentindo a fúria ondulante que sua provocação revela, levanta-se em sua plataforma de fuga e desliza debochadamente, desfilando de ponta a ponta em um colosso de água em profusão como quem brinca com um irmão. As ondas se dobram, quebram, fazem tubos e espumam para derrubá-lo, mas acabam sendo ludibriadas pelo malandro surfista, e ao passo que perdem força, se aproximam da praia e o levam de volta à segurança. Os jogos não são primordialmente úteis. São desafios ancestrais, redescobertas culturais, formadores de identidades. “Decerto por toda essa incidência fúnebre, toda barca é um pouco ‘navio fantasma’, atraída pelos inelutáveis valores terrificantes da morte” (DURAND, 2012, p. 250).

As diferentes plataformas que permitem aos caiçaras jogos de locomoção pelo mar guardam um componente singular da relação jogador-implemento-mar. Esse componente é a sincera sensação de aconchego causada pelo movimento das ondas que embalam o barco, a prancha, o próprio corpo.

As pessoas que vivem na praia tem uma visão diferente. Não é a toa que no final do ano a maioria das pessoas do mundo quer ir pra beira do mar. Parece que é uma relação de voltar para as origens. Parece que os seres vivos vieram da água, então de alguma forma a gente quer ficar sempre no mar. Uma psicóloga comentou uma vez algo muito legal. Um surfista perguntou pra ela porque os surfistas gostam tanto de ficar no mar, e quando eles estão numa onda surfando o que eles mais gostam é de pegar o tubo. Ela deu uma definição muito bacana dizendo que via o tubo como estar envolto pelo útero da mãe. E aquilo parece que tem alguma relação mesmo, parece que está voltando para as origens. De alguma forma o ser humano está sempre querendo estar próximo de onde tem prazer. O mar e o útero da mãe acho que são formas de prazer que tem muita relação mesmo. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

O mar recria no caíçara o ritmo aprazível e primordial do colo materno, do calor quase uterino. Devolve momentaneamente o sentimento de fazer parte de um só. Ao se deitar no fundo de um barco, “o movimento está ali, vivo, sem embate, ritmado – é o movimento quase imóvel, silencioso. A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe.” (BACHELARD, 2013, p. 136). Para o surfista, a espera pela próxima onda é um momento que se dilata no tempo e alcança os primórdios de sua existência. Esperar sentado ou se deitar e remar um pouco em sua prancha é exatamente o ponto no qual é levado de volta ao colo materno.

Essa relação se modifica quando se assume outra posição frente ao mar. Na canoa caíçara, os remadores costumam remar em pé. De longe, a canoa, encoberta pela manta marinha, enganam os olhos e formam uma imagem messiânica, do homem que anda sobre as águas. Com um cajado-remo, o caíçara agita o mar e traz na canoa a multiplicação dos peixes.

Imagem 32: Caiçara caminha sobre as águas de Santos, trazendo na prancha uma tartaruga doente para ser tratada.

Fonte: acervo pessoal.

Na imagem, o caiçara rema em pé, mas não está em uma canoa. Mais uma releitura do mundo caiçara explica o sucesso das pranchas de SUP (Stand Up Paddle²⁴).

O stand up moderno, SUP, tem pouco tempo, mas remar em pé é algo bem antigo. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

Na cultura caiçara, remar em pé é tomar uma posição de pertencimento ativo ao maritório. O espaço habitado faz parte dos caiçaras e, mais uma vez, os jogos revelam a intensa relação topofílica que se estabelece entre este povo e seu lugar. É também nos jogos que os caiçaras podem adquirir conhecimentos sobre as ondas, o nado, as canoas e os remos, os animais marinhos, entre outros aspectos da rotina caiçara, que serão importantes na formação de um indivíduo que está inserido na cultura e que muito provavelmente precisará destes conhecimentos em algum momento. Neste emaranhado de jogo, conhecimento, brincadeira e traquinagem, o caiçara passa a conhecer sua cultura e desenvolver sua identidade, cercando os perigos e desafios diários de ludicidade.

Os nossos brinquedos eram esses, as canoinhas. Aí o que a gente fazia? Fazia paninho de vela com saquinho plástico, colava um reminho, às vezes fazia até cano de leme e colocava pedra pra fazer de lastro. Aí a gente ia com 8, 10 primos até a boca da barra e soltava. Batia aquela refega de vento e fazia competição de quem chegava do outro lado do rio. Soltava as canoinhas. Esse era o nosso brinquedo. Se não, amarrava uma cordinha e saía puxando no rio. Fazia peixinho de isopor, de madeira, fazia ranchinho na beira do rio. Esse era o nosso carrinho. (Depoimento de Mário Gato, caiçara da praia do Ubatumirim, Ubatuba).

A relação com o mar é construída desde muito cedo, bem como a autonomia do caiçara frente à imensidão azul. Desde muito pequeno o caiçara se relaciona com o mar, joga seu corpo, prancha ou canoa para se entender com a água salgada, e assim poder entender-se caiçara:

[...] o que nós tínhamos eram coisas nossas, próprias da região [...] uma das brincadeiras mais usadas na minha época de criança era brincar de canoa, era remar; todo garoto da minha idade tinha sua canoa. Eu tinha uma canoinha que cabia um garoto só e eu mantive essa canoa comigo até a idade de quinze anos, isso era minha brincadeira de todos os dias. (Relato de Luiz Leite Santana, caiçara de Ilhabela in AGUIAR, 2006, p. 98).

²⁴ O termo, utilizado no Brasil em inglês, tem como tradução direta “Remo em pé”.

A vida caiçara é, portanto, pautada nessa invariável relação com o mar. Com isso, vão aprendendo a medir o tempo de acordo com o tipo de relações que estabelecem com o oceano.

Quando você faz alguma coisa de longa distância, cíclica mesmo, como a remada, a corrida, você vai pensando na sua vida inteira, e vai compartimentando um monte de informação, vai pensando sobre a vida e é algo prazeroso. Na remada, além de acontecer isso, você vai vivenciando coisas legais, né? Aparece um golfinho do teu lado, às vezes pula uma arraia do nada, você vê tartaruga, você cansa dá um mergulho, é extremamente prazeroso. Porém, você vai pensando na sua vida inteira. No surfar não. No surfar parece que tem alguns momentos que você desliga. Às vezes parece até que você está praticando uma forma de zen budismo. Você está literalmente tão dentro do mar que tudo que está a tua volta tu acaba esquecendo. Aí de vez em quando volta pra realidade, de novo vê um golfinho pulando, vê uma onda quando está quebrando, vê teus amigos. Tua relação com o mar vai mudando com o passar do tempo, mas meio que naquele momento que você está surfando parece que é você com você mesmo e isso é uma coisa muito diferente. Principalmente na sociedade atual que o cara não consegue perceber o momento, e no surfar isso acontece, de conviver com o mar, conviver com as ondas. (Depoimento de Irapajy da Silva Caetano, caiçara da Praia da Pompéia, Santos).

Esse desligar que o caiçara surfista relatou representa o ponto de imersão e fusão completa entre mar e corpo, cultura e espaço. Revela que é durante essas práticas corporais que o caiçara pensa sua vida e também sente seu maritório de maneira mais intensa. A plataforma de sustentação no mar se torna “ilha em miniatura, onde o tempo ‘suspende seu curso’” (DURAND, 2012, p. 251). A forma de pensar está também intimamente relacionada ao ciclo ondulante das remadas, com remos ou braços, mas sempre em contato constante com o ambiente marinho.

O ritmo notadamente marcado pelo mar se escancara na relação entre canoa e instrumentos musicais que compõem o fandango caiçara. Esculpidos do mesmo tronco, com as mesmas ferramentas e conduzidos pelas mesmas mãos, as concavidades ocas de ambos exprimem essa ciclicidade marítima ora pelo remo, ora pelo som, movimentando corpos que pescam no mar e na dança, cantando em versos e jogos o cotidiano praiano.

O tempo da conversa caiçara também é o mesmo tempo das baterias de ondas. Sempre aos montes, seguidos de longos intervalos que parecem infinitos. Com paciência, as ondas voltam a se repetir, a marcar o tempo, assim como o caiçara volta a falar. O silêncio é uma pausa, a calma, o espaço para o falar da água, para o falar do mar. O som do mar bate, inspira, lava e refresca a cabeça do caiçara, que volta a

desenrolar em palavras, o pensamento renovado. A fala é a contemplação do que vem do mar. Essa dissertação buscou respeitar esse ritmo dando voz aos caiçaras, de forma que eles mesmos nos apontassem sua forma de ser no mundo.

Essa ciclicidade do remar, com o remo furando o mar, puxando para trás e saindo da água é parecido com o costurar de uma máquina, com um fio invisível que entra e sai da água, mergulha e emerge, empurrando a canoa, tecendo o mar, tracejando em água e memória fugidia (BACHELARD, 2013) os caminhos que percorre o povo caiçara. A canoa com sua “fusiformidade pode igualmente sugerir a roca das fiandeiras ou os ‘chifres’ da lua” (DURAND, 2012, p. 250). Essa costura marítima tece as diferentes roupagens que assumem os caiçaras, e revelam a possibilidade que as práticas corporais fornecem de refazer o mar, refazer identidades, repensar a vida, de *re-mar*.

O mar é tão primordial aos caiçaras que relacionar-se com ele é indispensável e necessário para que se possa nascer, viver, sobreviver e até morrer.

Quando a derradeira hora se aproximou do avô de seu Aparício, do Cairuçu das Pedras, ele, que não tinha mais forças para trabalhar e pescar, pediu ao neto para fazer uma pescaria com ele. “Ele veio até o mar, subiu na canoa e fomos pescar. Na volta, chegou em terra, caiu na cama e morreu. Acho que ele foi se despedir e levar a lembrança do lugar”, conta seu Aparício. (ACHCAR, 2007, p. 110).

O pescador não poderia ir embora sem se despedir de seu mar. É o lugar onde se sente completo, e é preciso estar completo para morrer. Também por isso, em muitos relatos encontramos o termo liberdade quando os caiçaras vão descrever a sensação que tem frente à prática corporal, ainda mais potencializado quando aliamos isso ao mar e à praia, que na cultura caiçara suscita imagens simbólicas também associadas à liberdade.

A sensação que eu tenho de remar é a liberdade, sabe? De extrema liberdade. Você esquece do mundo mesmo, percebe que o mar é o terreiro mesmo da gente, né? A cabeça parece que fica em terra, no mar parece que vai só o espírito, a alma. Extrema liberdade. (Depoimento de Mário Gato, caiçara do Ubatumirim, Ubatuba).

A sensação de liberdade talvez venha da possibilidade de se desgarrar de um racionalismo instrumental da vida e do corpo que a prática permite, e de se colocar num estado de percepção trazido pela canoa, gerando imersão na imensidão topofílica, identitária.

Quando tratamos da imensidão da água, da infinitude do mar, é comum chegarmos à aproximação entre céu e mar, muito bem poetizada pela existência do tão

sonhado horizonte, ponto no qual o céu toca o mar e para onde os barcos apontam quando deixam as praias, como numa busca incessante por esse inalcançável espaço de fusão entre dois âmbitos de vasta profundidade. Paradoxalmente, essa mesma busca pelo ponto de convergência entre céu e mar tem fim no momento em que se vence a rebentação, e num mar calmo, “a água assume o céu” (BACHELARD, 2013, p. 51). Não por acaso, em muitas canções caiçaras o céu e suas adjacências são elementos recorrentes, como, por exemplo, nestas estrofes:

É da proa da minha canoa;
Que avisto a luz do luar;
E o brilho das estrelas;
Tingindo de ouro;
As águas do mar.²⁵

Céu e mar assumem profundidades infinitas aos caiçaras, que transitam neste entremeio, munidos de sua tradição remadora. As imagens caiçaras estão dadas nestes espaços. Atravessam. As manifestações corporais, por sua vez, possuem o poder da transcendência, mesmo que envolta pelo mistério. Há uma dependência vital entre caiçara e mar.

[...] eu gosto muito do mar, gosto demais do mar; se me jogarem aí pra cima eu morro, eu gosto de ver o mar mesmo. Não tenho medo do mar, respeito, porque o mar precisa ser respeitado, sabe como é, já temos pegado tempo ruim aí fora, mas respeito muito o mar. [...] O mar ensina. (Relato de Altino Garcez, caiçara de São Sebastião, in AGUIAR, 2006, p. 68).

O depoimento revela essa dependência ao passo que afastar-se do mar significa morrer para o caiçara. Morrer, neste caso, é mais do que uma questão biológica. É uma questão cultural, identitária. “O mar ensina”. Mas ensina o que? Ensina a ser caiçara. O jogo também ensina, porque o jogo mimetiza o mar, o jogo desafia o mar por sentir-se parte dele. Não haveria surfe sem mar. Não haveria canoa – caiçara ou havaiana – sem mar. Os jogos caiçaras são o mar. O jogo ensina, revela, transforma o caiçara. Não há caiçara sem mar.

²⁵ Versos retirados da música “Ciranda do Canoeiro”. Composição de Wilhan Eduardo Amorim França, Ubatuba. Disponível em: <sites.google.com/site/musicaswilhaneduardo/Home/musica>. Acesso em 16 jan. 2019.

Os jogos caiçaras, portanto, tomam parte fundamental no processo identitário dos caiçaras. Revelam a centralidade corporal desta cultura. O reforço das imagens simbólicas, o pertencimento gerado, a exteriorização da cultura, a possibilidade de reencontro e completude do Ser caiçara são atribuições que os jogos carregam. Quando jogam a implicação não é superficial, muito pelo contrário, é profunda, rompe com a linearidade temporal e permite encontrar, no passado, os novos caminhos para o futuro, permite que a pessoa se entenda como caiçara, se encontre em sua própria cultura, se sinta parte daquela praia, daquele mar, daquela gente, completo, profundo, enfim, caiçara.

Ser caiçara é viver mais próximo do natural e tentar compartilhar esse conhecimento com as pessoas. Tem gente que vem remar com a gente que diz que a canoa deu uma nova vitalidade pra elas. Acho que é isso, a canoa é vida. A coisa mais forte que vem pra mim de caiçara é a cultura de mutirão que os caiçaras têm, de fazer junto as coisas. E hoje a canoa me propicia isso, de fazer as coisas coletivamente. (Depoimento de José Paulo, caiçara de Santos).

9. Referências

- ACHCAR, Tatiana. **Vida Caiçara: imagens, histórias, personagens e sentimentos das comunidades litorâneas do norte do Paraná ao sul do Rio de Janeiro**. [s.l.] : Abook, 2007.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 144–182, 2000.
- AGUIAR, Teresa. **Caiçara, uma cultura que resiste**. São Sebastião: Centro Cultural São Sebastião Tem Alma. Secretaria de Estado da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, 2006.
- ALMEIDA, Paulino. Usos e costumes praianos. **Revista do arquivo municipal**, [S. l.], v. ano XII, n. 104, p. 67–80, 1945.
- ARAÚJO, Hilda Pereira Prado De; PEREIRA, José Alberto. **Santos: uma história de pioneiros, piratas, revoltas, epidemias, carnaval e futebol**. Santos: Realejo Livros & Edições, 2007.
- ARRUDA, Rinaldo. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Ambiente & Sociedade**, [S. l.], v. 5, p. 79–92, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. 1ª ed. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- BEGOSSI, Alpina. The ethnoecology of Caiçara metapopulations (Atlantic Forest, Brazil): ecological concepts and questions. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 40, 2006.
- BENTO, Jorge Olímpio. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. p. 155–182.
- BENTO, Jorge Olímpio. Acerca da conjuntura corporal: desporto versus actividade física. In: BENTO, Jorge Olímpio; CONSTANTINO, José Manuel (org.). **O desporto e o estado: ideologias e práticas**. Porto (POR): Afrontamento, 2009. p. 161–214.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. A ciência, o olhar e o se-movimentar: uma fenomenologia do futebol - ou de como o CAP encontra talentos. **Motrivivência**, [S. l.], v. 34, p. 186–207, 2010.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 1, n. 19, p. 20–29, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 181–204.
- BRANCO, Alice; CASEIRO, Fernando. **Cultura caiçara: resgate de um povo**. Peruíbe: Oficina do Livro e Cultura, 2005.
- BRASIL, Fernanda Kunderát; CARVALHO, Yara. Pescadores Artesanais, Surfistas e a Natureza: Reflexões a partir de um Olhar da Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 217–239, 2009.
- CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas. Caiçaras, mestres, professores e turistas: a resistência da territorialidade em um processo de transformação do território. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana (org.). **Enciclopedia Caicara Vol 1 o Olhar do Pesquisador**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2004. p. 263–273.
- CASTRO, Janio Roque Barros De. A questão da identidade cultural e as abordagens

sobre a Bahia e a baianidade. In: SILVA, Onildo Araujo Da; SANTOS, Edinuzia Moreira Carneiro; NETO, Agripino Souza Coelho (org.). **Identidade, território e resistência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 73–92.

CHIEUS JÚNIOR, Gilberto. Dialogando sobre a construção de canoas. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana (org.). **Enciclopedia Caicara Vol 4 História e Memória Caicara**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2005. p. 439–442.

COBRA SILVA, Daniel. **Jogos tradicionais e autóctones: uma apresentação e o cenário atual**. 2016. Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. [Monografia], [S. l.], 2016.

CRUZ, Valter do Carmo. Movimentos sociais, identidades coletivas e lutas pelo direito ao território na Amazônia. In: SILVA, Onildo Araújo Da; SANTOS, Edinuzia Moreira Carneiro; NETO, Agripino Souza Coelho (org.). **Identidade, Território e Resistência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 37–72.

DAOLIO, Jocimar. Corpo e identidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. p. 49–62.

DE OLIVEIRA, Dennis; SIQUEIRA FILHO, Valdemar. Tecnologias multimidiáticas e percepção corporal nas culturas populares afro-latino-americanas. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. p. 205–220.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caicara e a urbanização. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana (org.). **Enciclopedia Caicara Vol 1 o Olhar do Pesquisador**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. **Enciclopedia Caicara Vol 5 Festas, Lendas e Mitos Caicaras**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2006.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURAND, Gilbert. **A Fé do Sapateiro**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FERES NETO, Alfredo. A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte: suas influências na vivência lúdica com a criança, em especial com o brinquedo. **Motrivivência**, [S. l.], v. 9, p. 109–117, 1996.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; FRANCO, Paulo Cesar. Oficina de fandango como educação popular na comunidade tradicional caicara – Jureia/Iguape/SP. **Revista Teias**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 210–227, 2017.

FERREIRA SANTOS, Marcos. **Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi**. São Paulo: Zouk, 2004.

FERREIRA SANTOS, Marcos. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

FERREIRA SANTOS, Marcos. **Oikós: topofilia, ancestralidade e ecossistema arquetípico**. Recife: UFPE/Associação Ylê Setí, 2006.

FERREIRA SANTOS, Marcos. O ancestral: entre o singular e o universal. In: AMARAL, M. (org.). **Culturas Juvenis**. São Paulo: FAPESP, 2012.

FILHO, Ari Lazzarotti; SILVA, Ana Marcia; DE ANTUNES, Priscilla Cesaro; DA SILVA, Ana Paula Salles; LEITE, Jaciara Oliveira. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física.

Movimento, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 11–29, 2010. DOI: 10.22456/1982-8918.9000.

GASPAR, Janaina de Abreu; FERREIRA, Marlette Cassia Oliveira. Com quantos paus se faz uma canoa? A arte do conhecimento empírico na construção de uma embarcação típica caíçara e sua importância para a preservação cultural. **RETEC-Revista de Tecnologias**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 72–91, 2011.

GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **Danças miúdas do folclore paulista**. São Paulo: Nobel, 1972.

GÓMEZ, William Moreno; QUINTERO, Sandra Maryory Pulido; DÍAZ, Nestor Guillermo; VÁSQUEZ BERNAL, Alejandro; LOPEZ, Alejandro. “Etnografiando” Juegos recreativos y tradicionales de la calle en el municipio de Caldas (Colombia). Un desafío metodológico en investigación curricular. **Revista Educación Física y Deporte**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 825–838, 2012.

GÓMEZ, William Moreno; QUINTERO, Sandra Maryory Pulido; DÍAZ, Nestor Guillermo; VÁSQUEZ BERNAL, Alejandro; LOPEZ, Alejandro. **Juegos Recreativos Tradicionales de la Calle. Un Caballo de Troya en la cultura de la ciudad**. Medellín (COL): Funámbulos Editores, 2013.

GONÇALVES JÚNIOR, Luiz; CORRÊA, Denise Aparecida; CARMO, Clayton da Silva; CAMPOS, Silmara Elena Alves; TORO-ARÉVALO, Sergio Alejandro. Etnomotricidad: juegos de resistencia cultural en la comunidad caizara de Ilhabela-Brasil. **Estudios pedagógicos (Valdivia)**, [S. l.], v. 38, n. Especial, p. 249–266, 2012.

GRAMANI, Daniella da Cunha. **O aprendizado e a prática da rabeca no fandango caíçara: estudo de caso com os rabequistas da família Pereira da comunidade do Ariri**. 2009. Universidade Federal do Paraná, [S. l.], 2009.

GUIMARÃES, Simone Sendin Moreira. Corpo ativo e meio ambiente. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. p. 221–234.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HACKEROTT, Maria Altimira. **Devaneio e Movimento na Experiência de Velejar**. 2018. Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. [Mestrado], São Paulo, 2018.

HARET, Florence. Por um conceito de presunção. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 104, p. 725–744, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HERRERO, Marina. 25 jogos e brincadeiras indígenas do Alto Xingu. In: HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (org.). **Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. p. 115–119.

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhães. Cidade-corpo. **Revista UFMG**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 54–77, 2013.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 44, 2012.

KISHIMOTO, Alexandre; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. A trama das águas. **Horizontes antropológicos**, [S. l.], v. 14, n. 30, 2008.

KRETCHMAR, R. Scott. Pesquisa filosófica em atividade física. In: THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. (org.). **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 247–257.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. Lisboa (POR): Editorial Presença/ Martins

Fontes, 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 3ª ed. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LINSKER, Roberto; TASSARA, Helena. **O Mar é outra terra**. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caçara: terra e população: estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

MARTÍNEZ PERDOMO, Adalid. Juegos e identidad cultural en el contexto americano. *In*: MARIN, Elizara Carolina; STEIN, Fernanda (org.). **Jogos Autóctones e Tradicionais de Povos da América Latina**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. p. 133–155.

MARTINS, Patrícia. Sobre tamancos e violas: uma descrição do fandango na Ilha dos Valadares. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana (org.). **Enciclopedia Caicara Vol 5 Festas, Lendas e Mitos Caçaras**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2006. p. 389–402.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. [s.l.] : Editora Vozes Limitada, 2011. p. 9–29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A busca da verdade no campo científico da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 18, n. 10, p. 2806–2808, 2013.

MOREIRA, Virgínia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e crítica**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 447–456, 2004.

MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de antropologia indígena e caçara**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

OLIVEIRA, Washington De; MENDES, Júlio César. Ubatuba: lendas e estórias. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana (org.). **Enciclopedia Caicara Vol 5 Festas, Lendas e Mitos Caçaras**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2006. p. 113–125.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, [S. l.], v. 22, p. 37–50, 2010.

PERES, Juliana de Jesus Pinheiro; SANTOS, Roberto Ferreira Dos; CORREIA, Adriana Martins; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo Da. Primeiros jogos mundiais dos povos indígenas: uma análise da percepção dos espectadores. **Motrivivência**, [S. l.], v. 31, n. 59, 2019.

RENSON, Roland. Salvaguardando a ludodiversidade: O papel de um museu de esportes na promoção e proteção da cultura do movimento. *In*: SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina (org.). **Jogos Tradicionais**. 1. ed. São Paulo: Laços, 2014. p. 123–150.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.

SANTIN, Silvino. Cultura e esporte: uma hermenêutica visual. **Motrivivência**, [S. l.], v. 41, p. 155–165, 2013.

SAQUET, Marcos. Participação social em territórios de identidade e desenvolvimento numa práxis dialógica e cooperada. *In*: SILVA, Onildo Araujo Da; SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; NETO, Agripino Souza Coelho (org.). **Identidade, território e resistência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 11–36.

SARTRE, Jean-Paul. **Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. 4. ed.

Petrópolis: Vozes, 1997.

SAURA, Soraia Chung. **Planeta de boieros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi**. 2008. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2008.

SAURA, Soraia Chung. Sobre bois e bolas. *In*: SAURA, Soraia Chung;

ZIMMERMANN, Ana Cristina (org.). **Jogos Tradicionais**. 1. ed. São Paulo: Laços, 2014. p. 165–188.

SAURA, Soraia Chung; MEIRELLES, Renata. Brincantes e Goleiros: considerações sobre o brincar e o jogo a partir da fenomenologia da imagem. *In*: CORREIRA, W.R; MUGLIA-RODRIGUES, B. (org.). **Educação Física no Ensino Fundamental: da inspiração à ação**. São Paulo: Fontoura, 2015. p. 51–61.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. O jogo e a festa, alguns apontamentos éticos. *In*: BENTO, Jorge Olímpio; MOREIRA, Wagner Wey; LOUREIRO, Adriano César Carneiro; BENTO, Helena Cristina Baguinho; BOTELHO, Rafael Guimarães; MARINHO, Teresa Cristina da S. T. (org.). **Cuidar da Casa Comum: Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física**. Volume 1 ed. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2018. p. 173–179.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. **Ciência e cultura**, [S. l.], v. 64, n. 1, p. 48–55, 2012.

SETTI, Kilza. Notas sobre a produção musical caçara: música como foco de resistência entre pescadores do litoral paulista. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana (org.).

Enciclopedia Caicara Vol 5 Festas, Lendas e Mitos Caíçaras. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2006. p. 29–57.

SILVA, Luiz Geraldo. Da terra ao mar: por uma etnografia histórica do mundo caçara. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana (org.). **Enciclopedia Caicara Vol 1 o Olhar do Pesquisador**. São Paulo: HUCITEC – NUPAUB-CEC/USP, 2004. p. 49–70.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. *In*: GERHERDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. [s.l.] : Plageder, 2009. p. 31–42.

SUTTON-SMITH, Brian. Tradition from the perspective of children’s games. *In*: DE VROEDE, Eric; RENSON, Roland (org.). **Proceedings of the Second European Seminar on Traditional Games**. Lovaina (BEL). p. 15–27.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**. Londrina: Edue, 2013.

UNESCO. Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural 2002. 02 de novembro de 2001. CLT.2002/WS/9, Paris (FRA). . 2001.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial 2003. 17 de outubro de 2003. MISC/2003/CLT/CH/14, Paris (FRA). . 2003.

VASCONCELOS, José Mauro De. **Rosinha, minha canoa**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

VINHA, Marina. Saúde Social: fonte revitalizadora dos jogos dos povos indígenas. *In*: ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz; VINHA, Marina (org.). **Celebrando os jogos, a memória e a identidade: XI Jogos dos Povos Indígenas Porto Nacional – Tocantins**. Dourados: UFGD, 2015. p. 232–233.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. **Jogos tradicionais**. São Paulo: Pirata, 2014.